



UNIVERSIDADES

Évora adjudica residência

Vice-Reitora da Madeira no Conselho Nacional de Investigação

U. Açores investe 19 milhões

CESPU tem projeto de Bem-Estar

POLITÉCNICOS

IPGuarda lidera consórcio

IPCoimbra e ULS juntos na saúde

IPSetúbal forma nova geração

IPLeiria faz formações gratuitas

IPCB com plano aprovado

Escola do Estoril no Fórum Mundial

→ P 8, 11, 12, 13, 22





ANTÓNIO BELO, PRESIDENTE ELEITO DO IPL Politécnico de Lisboa vai regressar ao CCISP -> P 15 IPPORTALEGRE
Doutoramentos com
candidaturas abertas

POLITÉCNICO
IPBeja com plano
para o Outeiro

COMISSÃO EUROPEIA IPCA com prémio Europeu > 1

IPSANTARÉM João Moutão quer Hospital Universitário

RIJIES

Eleições diretas e mandatos únicos de 6 anos

→ P 2 E 19



Muito mais conhecimento

O conhecimento leva-nos mais longe. Juntos podemos aprender muito mais.











Fernando Alexandre tem vindo a apresentar as propostas aos parceiros

O QUE PODE MUDAR NO RJIES

Mandatos de seis anos e eleições diretas

Mandatos de seis anos para reitores e presidentes, eleições diretas e alargadas à comunidade académica. Eis algumas das propostas de revisão do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES) apresentadas aos parceiros pelo Governo. Ao Ensino Magazine, o ministério da Educação, Ciência e Inovação considera que a proposta que está em discussão "incentiva à aproximação entre subsistemas universitário e politécnico e público e privado, permitindo a evolução e flexibilização do sistema binário e a racionalização da rede do ensino superior".

A proposta vem ao encontro daquilo que o Ministro Fernando Alexandre tem vindo a defender em diferentes reuniões e fóruns. Assim, diz a tutela que "os reitores ou presidentes são eleitos por eleição direta, alargada à comunidade de ex-alunos, para um mandato único de seis anos, e é reforçada a independência do Conselho Geral e a importância dos membros externos".

Segundo a tutela "a eleição será direta e alargada à comunidade, incluindo, de forma ponderada, docentes e investigadores, alunos, não docentes e não investigadores, e antigos alunos. Este novo modelo de governação pretende agilizar a execução de projetos de médio prazo, sendo reforçada a independência do Conselho Geral e a sua dimensão estratégica".

Esta é uma das alterações com impacto direto no futuro das instituições e da sua governança, deixando o Conselho Geral de eleger o reitor ou o presidente da instituição, ficando, no entanto, responsável pela elaboração do processo eleitoral. Segundo o

documento proposto, a que tivemos acesso, a ponderação proposta para eleição refere que os votos dos professores/investigadores "valerão 30%; Os dos estudantes da instituição são ponderados em, pelo menos, 25% no resultado final da eleição; Os votos do pessoal não docente e não investigador da instituição são ponderados em, pelo menos, 10% no resultado final da eleição; e os votos dos antigos estudantes da instituição, que tenham direito de voto (...) são ponderados em, pelo menos, 25% no resultado final da eleição". Estas percentagens serão alvo de uma discussão mais aprofundada, até porque com elas os estudantes, atuais e antigos, terão uma influência de 50% na eleição.

De igual modo, é também defendida uma maior estabilidade e previsibilidade orçamental para as instituições de Ensino Superior, dissociadas dos ciclos políticos para permitir mais autonomia e concretização de estratégias de médio e longo prazo".

Outra das novidades é a regulamentação para combater a endogamia dentro das instituições. "As IES não poderão contratar um doutorado na sua IES durante os três anos após o doutoramento", é referido na proposta de revisão

A proposta, "em consonância com o Programa do Governo, diminui a carga burocrática das IES e reforça a sua autonomia, ao nível orçamental, financeiro, patrimonial e de gestão de pessoal. Nessa perspetiva, "estabelecese que alterações legislativas serão neutras do ponto de vista orçamental das IES, garantindo estabilidade e previsibilidade necessárias

para a definição de estratégias de médio e longo prazo; São transferidas para os órgãos próprios das IES decisões de gestão corrente até agora dependentes de intervenção governamental; E é permitida mais flexibilidade na gestão do património das IES", diz o Governo.

No que respeita ao sistema binário, "a proposta reflete a aproximação que se tem verificado nos últimos anos entre subsistemas universitário e politécnico, que se mantém, mas são criadas ligações mais flexíveis, contribuindo para a capacidade implementação das estratégias das IES e criando condições para uma reorganização e robustecimento da rede. São introduzidos mecanismos que agilizam e permitem fusões entre institutos politécnicos com universidades e possibilitando a integração ou fusão de estabelecimentos de ensino superior privados em instituições de ensino superior públicas", refere a nota enviada à nossa redação pela tutela.

Ao nível do ensino politécnico, o Ministério propõe que seja modificada a sua definição, sendo "definidos os requisitos para a utilização da designação Universidade Politécnica, que poderá ser adotada pelas instituições politécnicas que conferem o grau de doutor".

Ao apresentar esta primeira proposta de revisão do RJIES, Fernando Alexandre cumpre com o calendário que definiu, que passava por divulgar e colocar à discussão uma proposta ainda este ano.

De acordo com o Ministério, "a proposta reforça a importância da inovação, do bemestar e do sucesso, ao adicionar o Conselho Nacional para a Inovação Pedagógica no Ensino Superior (CNIPES) como órgão consultivo do Governo, ao mencionar o papel das IES na promoção do bem-estar e da saúde mental dos estudantes e ao explicitar as competências do provedor do estudante. Reforça-se ainda o dever das IES promoverem o desenvolvimento das regiões em que se inserem e contribuírem para a internacionalização do ensino superior".

A proposta já foi "apresentada a cada um dos partidos com assento parlamentar, na expectativa de ser alcançado na Assembleia da República um consenso o mais alargado possível em torno desta proposta, que visa um avanço estrutural no sistema de Ensino Superior em Portugal", adianta a mesma nota.

Recorde-se que o RJIES foi criado em 2007 e apenas teve três alterações muito pontuais. Deveria ter sido avaliado em 2013, mas o processo foi desencadeado em 2023 pelo anterior Governo, que criou uma Comissão, liderada por Alberto Amaral, antigo reitor da Universidade do Porto e ex-presidente da A3ES, para auscultar o setor e promover um amplo debate, o qual decorreu durante 2023.

A proposta que será submetida ao Conselho de Ministros terá em conta diversas auscultações que têm vindo a ser realizadas, designadamente ao Conselho Nacional de Educação, Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos, Associação Portuguesa do Ensino Superior Privado, Instituições de Ensino Superior, Federações Académicas e Associações de Estudantes, Provedores dos Estudantes e sindicatos do setor, entre outros.





ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA, REITOR HONORÁRIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

'A educação precisa de estabilidade e de contratos de longo prazo'

■ O balanço de uma vida dedicada ao ensino, o futuro da escola pública e a defesa de um novo contrato social da educação. Algumas das linhas fortes de uma conversa pontuada com as reflexões, ideias e inquietações de António Sampaio da Nóvoa sobre o país e o mundo.

No passado dia 12 de dezembro, quando completou 70 anos, a Aula Magna encheu para a sua cerimónia de jubilação e entrega da insígnia de professor emérito. Como servidor público, ao longo de décadas, o que é que deu ao ensino e o que é que o ensino lhe devolveu?

Foram quase 50 anos a dar aulas, com várias interrupções pelo meio, quando fui Reitor e embaixador, por exemplo, mas nunca me afastando do serviço público. O ensino e a educação deram-me tudo. Os alunos deram-me tudo. Tudo o que eu sou, tudo o que eu fiz, tudo o que eu penso resulta de perguntas, interrogações e dúvidas colocadas pelos alunos e pelo trabalho surgido da educação. Parafraseando George Steiner: «Tive sorte!».

O Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa definiu-o como sendo «um cidadão do mundo». Até ao último dos seus dias não vai abdicar da sua vincada faceta no domínio da intervenção cívica?

As duas marcas da minha carreira académica são, por um lado, a internacionalização - passei largos períodos da minha vida em universidades estrangeiras – e, por outro, a cidadania. Quem faz investigação e produz ciência e conhecimento tem uma responsabilidade cidadã de partilhar estas conquistas na dimensão social e de intervenção. A minha lição de jubilação, a 12 de dezembro do ano passado, que foi mais um exercício e um compromisso de cidadania vincada, assentou em três ideias fortes: liberdade, futuro e direitos humanos. A liberdade por ser um valor maior e absolutamente central e que me constrói como pessoa. O futuro porque vivemos num tempo muito afunilado no presente, no pequeno caso, na pequena história, no pequeno episódio, nas coisas que duram 24 minutos ou 24 segundos, às vezes. É preciso introduzir um pensamento mais amplo de futuro. Quem está na educação, na ciência e na vida pública tem essa responsabilidade. E, finalmente, os direitos humanos. É um conceito do qual não abdico. Mais do que as ideologias e as doutrinas que marcaram muito o século XX, são os direitos humanos que se assumem como a grande fronteira da atualidade.

Coordenou o relatório da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, da UNES-CO, a que se deu o nome «Reimaginar os nossos futuros juntos: um novo contrato social da educação.» Este documento é de uma enorme relevância, até pela sua periodicidade ser bastante espaçada no tempo...

Para se ter uma ideia, o primeiro relatório publicado é de 1972, coordenado por Edgar Faure, a que se deu o nome «Aprender a ser». E foi muito marcado pela ideia de educação permanente e ao longo da vida. O relatório seguinte foi coordenado por Jacques Delors, de 1996, e foi chamado: «Educação, um tesouro a descobrir». A ideia de aprender a saber viver com os



outros é a conclusão chave saída deste documento. Finalmente, neste relatório, de 2021, a cujo comité de redação tive a honra de presidir, sobressai a ideia de um novo contrato social da educação. A necessidade de construir uma vida e uma educação em comum emerge como o elemento central.

Este relatório, agora editado em forma de livro, é um «convite para pensar e refletir» para governos, instituições, organizações e cidadãos. O apelo à mobilização revela que existe um distanciamento global de todos estes intervenientes?

A ideia de convite à ação, ao debate e à experiência é muito forte. Os relatórios de 1972 e 1996 foram muito tradicionais, elencando um conjunto de recomendações. Nós procurámos fazer diferente. Trabalhámos numa vasta consulta pública que envolveu cerca de 1 milhão de pessoas em todo o mundo que colaboraram na produção deste relatório. Mais do que recomendações, lançámos um convite a partir das ideias coligidas e organizadas. Para além disso, está a ser constituído na UNESCO um observatório de experiências educativas no mundo que resulta das conclusões e dos reptos deste relatório.

Este relatório significa um toque a reunir?

É a consciência de que existe hoje uma grande fragmentação do mundo. Seja do ponto de vista político, cultural, geográfico, etc. Precisamos de instituições onde ainda seja possível construir uma humanidade comum, na sua diversidade. Pessoas diferentes devem poder trabalhar, pensar e aprender em comum. E essa instituição é a escola. A escola é, porventura, a única instituição que nos resta para tentar-

mos uma humanidade comum e que, de algum modo, combata a fragmentação em curso.

O novo modelo de escola está confrontado com os múltiplos desafios da modernidade. No horizonte até 2050 perfilam-se o ambiente, a tecnologia, a esfera política, o futuro do trabalho e a natalidade. A escola está a conseguir adaptar-se a um mundo em acelerada transformação?

Está. Claro que são desafios imensos e não podemos esperar que a escola resolva todos estes problemas. Mas a experiência no terreno deixou-me otimista e com esta convicção. Fiz uma viagem recente, em que durante dois meses visitei cinco dezenas de escolas públicas em Portugal e tive oportunidade de observar muitas coisas interessantes. E porventura a dimensão mais interessante foi a ideia de uma escola da cooperação e do trabalho.

O que é que quer dizer concretamente?

Uma escola onde as crianças não vão apenas (e deixe-me sublinhar o apenas) para assistirem a aulas ou ouvirem lições, mas vão para trabalhar, estudar, ler, pesquisar, desenvolver projetos, etc. A imagem perfeita para caracterizar o que está em causa nas mudanças educativas seria alunos e professores envolvidos, em permanente cooperação, sentados à mesa para trabalharem em conjunto. É aqui que entra a dimensão de inclusão no trabalho escolar e que também constitui um dos pilares em que se baseia o novo contrato social da educação.

O multiculturalismo é uma realidade diária no país e as escolas não escapam a esse contexto. A língua é, porventura, o maior dos desafios. Está a ser feito um esforço de integração de crianças e jovens oriundos das comunidades imigrantes?

Está a ser feito um esforço brutal e comprovei isso mesmo na minha visita às escolas. Por exemplo, na zona de Aveiro, estive numa escola com 100 alunos, em que cerca de 40 eram de nacionalidades diversas e nenhum falava português, espanhol, francês ou inglês. Senti uma genuína preocupação dos professores e das próprias escolas em integrarem esses meninos e essas meninas no nosso sistema de ensino. Mas é preciso fazer muito mais, nomeadamente ao nível das políticas educativas. As escolas são instituições decisivas e centrais nesse processo de acolhimento, para que as pessoas que para aqui venham das mais variadas proveniências seiam bem recebidas e que possam contribuir com as suas visões do mundo e perspetivas muito particulares para enriquecer a nossa própria cultura e modo de vida.

A pandemia e as suas sequelas, a falta de professores e as greves frequentes pautaram a rotina diárias das escolas nos últimos anos. Conserva a esperança e a convicção de que a escola pública vai resistir à degradação dos serviços públicos?

Não é possível imaginar uma sociedade democrática e tolerante sem uma escola pública forte. Precisamos de nos mobilizar - como de alguma forma temos feito nos últimos 50 anos - para o reforço dessa escola. O périplo que fiz pelas 50 escolas - onde dialoguei com meninos, meninas, pais, professores, diretores, funcionários e almocei nos refeitórios -, deixame muito esperançado. Não há que ocultar: há um problema muito sério com os professores e que é preciso equacionar devidamente. Prevalece uma certa incompreensão sobre o papel desta classe, quando se sabe que ela é a peça central da escola pública. Na interação que mantive nas escolas, constatei a grande atenção e cuidado com os meninos e as meninas. Os professores conheciam os nomes de todos e contavam-me as suas histórias familiares, as particularidades sobre o tipo de comida servida, diversos elementos de bem-estar das crianças, etc. Contudo, por vezes, vi uma frágil atenção às questões e ao trabalho pedagógico propriamente dito. Como se tudo tivese mudado na escola, menos a sala de aula.

Uma escola parada no tempo?

Sim, como se tivesse parado no tempo, alheada de tudo em seu redor. É por isso que no plano concreto das aprendizagens e da aquisição de conhecimentos continuamos a ter algumas graves deficiências. Defendo, por isso, que nos concentremos e melhoremos neste ponto em particular: o coração da escola é o conhecimento e a aquisição de conhecimentos.

O sistema escolar está a pagar anos de políticas públicas insuficientes, em qualidade e em quantidade?

Acho que há um ponto chave: houve uma incompreensão da importância dos professores para o sistema escolar. Isso começou em governos socialistas, com Maria de Lurdes Rodrigues, prolongando-se em governos de direita, com Nuno Crato, que desaconselhava os



estudantes do ensino secundário a irem para cursos de formação de professores. E acabou por continuar com os governos socialistas com a contagem do tempo de serviço, etc. Tudo isto é revelador da incapacidade para mudar a dinâmica na formação de professores e de atrair os jovens para a profissão. Resultado destes e de outros fatores, os professores, o motor e a base da escola, são hoje uma profissão envelhecida, desmotivada, até um pouco zangada, por sentirem que não tiveram o devido reconhecimento. Socorrendo-me do título do relatório da UNES-CO, entendo que os governos e as sociedades devem estabelecer um contrato de futuro com os professores, dando-lhes condições para o seu trabalho e reforçando a sua dimensão de "auctoritas" - no sentido da capacidade de respeito da sua maneira de serem profissionais. É preciso cuidar, urgentemente, dos professores e da profissão. Sem o contributo destes autênticos suportes da escola pública, podemos até ter edifícios e currículos maravilhosos, uma gestão escolar exemplar, mas faltará o essencial.

A ideologia tem pesado nas tomadas de decisões políticas no setor educativo?

Uma atitude de sistemática depreciação dos professores atravessou, pelo menos no que levamos de século XXI, vários governos e várias ideologias. E estamos a pagar caro isso. Isto depois de no final do século XX, com governantes como Roberto Carneiro e Marçal Grilo, ter havido uma grande atenção para com os professores.

Acredita que um pacto de regime daria um novo rumo ao setor?

Sim, a educação precisa de estabilidade e de contratos de longo prazo para manter um determinado rumo.

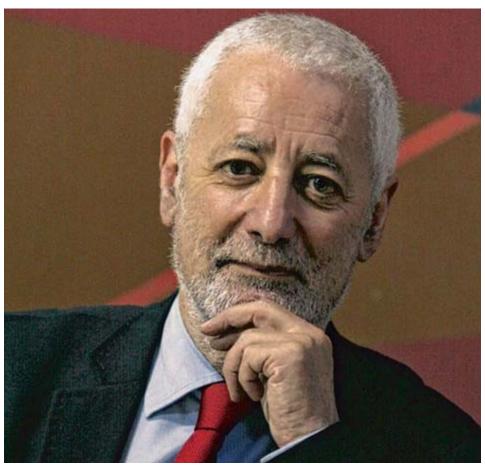
Este relatório da UNESCO defende um «financiamento global reforçado» para a educação. No mundo tão incerto e convulso, polvilhado por conflitos aqui e ali, como reage aos alertas para a necessidade de reforço de orçamentos na defesa e segurança? Teme que a educação seja o elo mais fraco?

É fundamental que o mundo reforce os seus orçamerntos para a educação, a ciência aberta e o conhecimento comum. Este é que é o investimento portador de um outro futuro. Nunca conseguiremos construir um mundo mais pacífico e tolerante através de uma corrida ao armamento e a outros instrumentos da guerra. Este relatório pede ainda um reforço do orçamento no âmbito da cooperação global, nomeadamente para os países africanos. Revejo-me inteiramente no artigo recente publicado no princípio de novembro, em coautoria, pela diretora-geral da UNESCO, Audrey Azoulay, e pelo presidente do Brasil, Lula da Silva, em que é pedido ao mundo que substitua o perdão das dívidas dos países mais pobres por investimentos em educação. Seria um passo imenso em prol de uma humanidade mais sustentável e capaz de se desenvolver em harmonia. Não será, certamente, com o aumento das despesas em guerra que vamos fazer a paz.

Acredita que o poder transformador da educação conseguirá salvar o mundo?

Desde o século XIX que se diz que a escola vai salvar o mundo. Mas não sou um ingénuo sobre essa matéria. A escola só por si pode relativamente pouco. Mas não se pode escamotear que a escola tem um poder transformador importante. Mas para que a escola exerça o seu poder transformador, ela própria tem de se transformar. Só uma escola transformada é que pode ser transformadora do mundo.

O digital permite, em simultâneo, ligar e dividir pessoas, chegando mesmo a criar fossos



e desigualdades. Com a imparável evolução da Inteligência Artificial (IA), a vertente humanista da educação pode estar, irreversivelmente, a perder terreno? O ato de aprender e ensinar serão transfigurados nos tempos mais próximos?

As mudanças no ato de aprender e ensinar acontecerão de forma profunda e imparável. Contudo, vem-me à memória uma frase de uma filósofa norte-americana: «não consigo imaginar nenhum propósito coerente para a educação se alguma coisa em comum não acontecer no espaço público». A educação é um gesto comum e coletivo, um encontro, e uma relação humana, entre humanos. Que possa recorrer às tecnologias? Certamente que assim será. Já tenho sérias dúvidas que este encontro humano seja substituído por plataformas ou tutorias digitais. Tal mataria qualquer possibilidade de comunicação.

Está confortável ou atemorizado com a disseminação de uma ferramenta com o potencial do ChatGPT?

Preocupa-me imenso. Basta olhar à volta e estamos a ceder ao digital algumas dimensões da nossa privacidade, do controlo da nossa vida, a questão da desinformação, etc. Imaginar que hoje grande parte da comunicação política se faz numa rede social chamada X (antigo

Twitter), que é detida por um senhor que tem as ideias que tem, é quase uma espécie de suicídio político. Os democratas devem refletir sobre se realmente a unica forma que têm de comunicar são ferramentas detidas por pessoas autoritárias e de extrema-direita. Creio que era tempo de, juntando universidades e centros de ciências, produzir aquilo a que chamo de digital comum - ou seja, um bem comum, como outros recursos naturais - libertando-o da posse dos grandes oligopólios digitais. Talvez seja um sonho inocente e impossível, mas, a meu ver, é central para podermos ter uma outra relação com o digital e não estarmos sujeitos a essas derivas da IA e outras que podem condicionar seriamente o nosso futuro educativo. O ponto que gostaria de sublinhar é o seguinte: nós podemos aprender muitas coisas sozinhos: na leitura de um livro, frente ao computador, etc. Só que para nos educarmos precisamos dos outros. Não nos podemos educar sozinhos. A educação exige uma relação e um encontro com o outro. Se assim não for corremos o risco de perder, como disse Darcy Ribeiro, «a escola pública, a maior invenção da humanidade.»

Um fio condutor do relatório da UNESCO é a defesa da organização da sociedade na valorização do conhecimento. Presumindo que este ra é o consumo. O consumo de tudo: bens, produtos, férias, tempos livres, conteúdos digitais, etc. Uma permanente voragem consumista que alimenta grande parte da nossa vida. A outra base em que as nossas sociedades assentam é na comunicação instantânea, num frenesim e excesso de imagens e a partilhas dessas mesmas imagens. Tanto o consumo como a comunicação instantânea são inimigos do conhecimento, da ciência e da cultura. Porquê? Porque o conhecimento e a ciência exigem tempo, reflexão e...curiosidade. E o tempo não existe nem no consumo, nem na comunicação instantânea. Urge instaurar uma nova relação com o tempo, valorizando o conhecimento. O mais humano dos gestos é o estudo e a leitura. Na intervenção que proferiu no Dia de Por-

seja um objetivo a cumprir, em que bases se

encontram organizadas, na atualidade, as nos-

Estão organizadas em duas bases: a primei-

sas sociedades?

Na intervenção que proferiu no Dia de Portugal, em 2012, deixou uma frase que ecoou: «Começa a haver demasiados "portugais" dentro de Portugal». O país vivia, então, uma fase difícil em plena intervenção da "troika". Como está a situação 13 anos volvidos?

Constato que há ainda mais "portugais" dentro de Portugal. Nessa altura estavamos a assistir a uma fratura social muito grande, com as medidas de austeridade impostas pela "troika" e também o entendimento errado da Europa e das organizações internacionais sobre o que era a crise daquele tempo. Os intelectuais e os políticos vivem alheados da realidade e insistem em falar sempre para os mesmos. não percebendo que o país é outra coisa. Desconhecem por completo a situação de vários bairros deste país e depois ficam todos muito surpreendidos quando as notícias surgem. Do mesmo modo que demonstram uma grande incompreensão pela situação concreta dos imigrantes que habitam o nosso território. Em síntese, ignoram, por completo, a realidade concreta. Temos de ir mais além dos indicadores e das médias e abordarmos os problemas com outra proximidade e profundidade.

Na campanha eleitoral para as presidenciais de 2016 elegeu a língua e o mar como traços distintivos do nosso país. A língua portuguesa, com cerca de 260 milhões de falantes em todo o mundo, já tem o reconhecimento que merece?

A estratégia visando esse objetivo tem sido frágil e inconsequente. Na verdade quem mais tem contribuído para esse desiderato tem sido o Brasil, o que até se compreende por ter mais de 200 milhões de habitantes. No presente já não é um objetivo assim tão irrealista a nossa língua vir a ser uma dos idiomas oficiais das Nações Unidas. Esta é a língua dominante no hemisfério sul - também graças ao Brasil - e aguenta-se bem nos meios digitais. Mas é preciso muito mais ambição. Em suma, a língua é um valor distintivo de Portugal. Da mesma forma que o mar. Aprendemos na escola que do território nacional, 3 por cento é terra e 97 por cento é mar. Mas depois pouco se faz sobre isso. No PRR, que devia ser um grande plano de transformação de Portugal, o mar tem uma referência residual. Em jeito de conclusão, o nosso futuro passa, em grande medida, pela lingua e pelo mar.

E estamos a fazer alguma coisa nesse sentido?

Muito pouco. ■



CARA DA NOTÍCIA

Candidato presidencial em 2016

🖣 António Sampaio da Nóvoa nasceu em Valença, a 12 de dezembro de 1954. É doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genève (1986) e doutor em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Paris IV-Sorbonne (2006). A sua vida como docente universitário inicia-se na Universidade de Genève, como assistente, em 1982. A partir de 1986, ingressa na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, tendo-se tornado professor catedrático em 1996. Foi professor convidado de várias universidades internacionais, nomeadamente Wisconsin (1993/1994), Paris V (1995), Oxford (2001), Columbia - New York (2002), Brasília (2014) e Federal do Rio de Janeiro (2017). Entre 1996 e 1999, foi consultor para os assuntos da educação da Casa Civil do Presidente da República, Jorge Sampaio. Entre 2000 e 2003, presidiu ao International Standing Conference for the History of Education (ISCHE). Em 2012, presidiu às comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Entre 2006 e 2013 desempenhou o cargo de Reitor da Universidade de Lisboa (UL), conduzindo o processo de fusão da UL e da Universidade Técnica de Lisboa. Em 2016, foi candidato independente às eleições presidenciais, tendo obtido 22,8% de votos, atrás de Cavaco Silva. Entre abril de 2018 e novembro de 2021, foi o representante permanente de Portugal junto da UNESCO. Entre 2022 e 2024 foi membro do Conselho de Estado.





Universidade dos Açores é parceira

■ A Universidade dos Açores é a nova parceira das bolsas ISA FJN da Fundação José Neves, tornando-se na 40ª instituição de ensino a integrar o programa, que conta com o apoio da Fundação Galp e tem como objetivo apoiar os portugueses no acesso aos cursos e formações que lhes permitam adquirir as competências para os empregos do futuro.

Com esta parceria, a primeira fora do território continental, será possível aceder às bolsas ISA FJN em cursos lecionados pela Universidade dos Açores, que serão anunciados oportunamente.

O programa ISA FJN é um programa de bolsas reembolsáveis baseado no modelo de acordo de partilha de rendimentos (Income Share Agreement). Garante o pagamento integral da propina e esse investimento só é reembolsado quando o estudante atingir as condições previamente estabelecidas para o fazer de forma sustentada.

Lançado em setembro de 2021, já permitiu a quase 500 pessoas aumentarem ou requalificarem as suas competências, através de um investimento de cerca de 3,5 milhões de euros no pagamento de propinas.

As candidaturas podem ser feitas online e são acessíveis a qualquer pessoa, bastando ser maior de idade e ter residência fiscal e cartão de cidadão português. ■

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA

Ana Beatriz toma posse

▼ Ana Beatriz Calado tomou posse, no passado dia 10 de janeiro, para um segundo mandato enquanto presidente da Associação Académica da Universidade de Évora. A cerimónia



decorreu no auditório do Colégio Espírito Santo e reuniu os elementos que pertencem aos corpos sociais daquela associação e das suas secções. "A nova equipa compromete-se a defender os direitos dos estudantes, a fortalecer a sua representatividade e a promover iniciativas que melhorem o ambiente académico", refere a Ana Beatriz. A sessão contou ainda com as intervenções do presidente cessante da Assembleia Geral e do seu novo responsável, bem como da reitora da Universidade, Hermínia Vasconcelos Vilar. Marcaram presença o presidente do Conselho Geral da UÉ, João Carrega, vice-reitores da instituição, a administradora e os diretores de escola, para além de responsáveis de outras associações académicas e de entidades da região. ■

UMA VETERINÁRIA NUM HOSPITAL DE SAÚDE HUMANA

Ema Costa é pioneira

F Ema Costa, uma jovem estudante de Medicina Veterinária da Universidade de Évora é a primeira médica veterinária a realizar estágio num hospital de saúde humana, o Hospital de São João, no Porto. Este marco é uma consequência direta do conceito de One Health, um paradigma fortalecido pela pandemia de COVID-19, que sublinha a interligação entre a saúde humana, animal e ambiental, e que está a moldar o futuro da medicina em várias frentes.

Nascida em Sintra e com 23 anos, Ema Costa conclui o secundário em Mafra e enveredou pela Medicina Veterinária, na Universidade de Évora. No primeiro foi confrontada com a pandemia de COVID-19, o que a fez refletir sobre a saúde do planeta e a sua ligação com a saúde humana e animal.

Durante a quarentena, a estudante aproveitou para aprofundar o seu conhecimento sobre temas como a sustentabilidade e as questões ambientais, o que a levou a integrar um projeto pioneiro da WWF | ANP Portugal, a Generation Earth, onde se manteve como voluntária durante quatro anos. Foi neste contexto que começou a explorar o conceito de One Health, que unifica a saúde de humanos, animais e ecossistemas.

Durante o seu percurso académico, teve oportunidade de estudar Epidemiologia, área em que se deparou pela primeira vez com o conceito de One Health. Desenvolveu então a convicção de que esta seria a sua



Ema Costa é a primeira médica veterinária a fazer estágio num hospital para humanos

verdadeira vocação e procurou orientação iunto da de Catarina Lavrador, da Universidade de Évora, cuia orientação lhe proporcionou a oportunidade de realizar dois estágios relevantes, entre os quais se destaca o estágio pioneiro no Hospital de São João.

Este estágio, que decorreu entre setembro e dezembro de 2024, foi uma experiência única e inovadora. Sob a orientação da Dra. Filipa Ceia, médica veterinária e especialista em doencas infecciosas. Ema Costa acompanhou o trabalho da equipa médica do Hospital de São João, nomeadamente no Servico de Doencas Infecciosas.

O estágio no Hospital de São João, que é o primeiro deste tipo em Portugal, tem um impacto significativo, não só para Ema Costa, mas também para a Universidade de Évora, que vê a sua imagem fortalecida por apoiar a inovação e o pioneirismo na formação dos seus estudantes.

Em 2025, a estudante irá continuar a sua formação na Alemanha, no Helmholtz Institute for One Health, um instituto de investigação dedicado ao estudo da saúde integrada. Sob a orientação do Dr. Filipe Dias, também formado pela Universidade de Évora, continuando a estudante a expandir os seus conhecimentos na área e a contribuir para a construção de um futuro mais sustentável e saudável para todos os seres

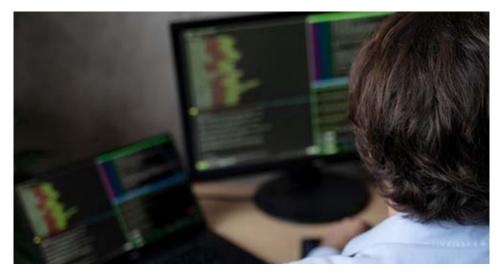
UNIVERSIDADE DE ÉVORA COM POLITÉCNICOS DE BEJA E SANTARÉM CRIA

Centro de Dados no Alentejo

A Universidade de Évora, em parceria com os Institutos Politécnicos de Beja e de Santarém, acaba de criar o Centro de Dados de Investigação do Alentejo (CDIA), uma infraestrutura dedicada ao armazenamento, processamento, análise e disponibilização de dados de investigação para a academia, as empresas e as organizações públicas. O projeto avançou ao abrigo de um contrato com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito da constituição de centros para a gestão de dados de investigação promovidos pela entidade.

O CDIA está sediado na Cátedra High Perfomance Computing (HPC) e no Laboratório BigData@UE da Universidade de Évora e conta com a colaboração de 24 investigadores das instituições do consórcio e de parceiras da Cátedra HPC, como as Universidades dos Açores, Algarve, Nova de Lisboa e Porto. A infraestrutura dispõe de recursos de computação avançada, incluindo o supercomputador OBLIVION e o cluster VISION, geridos pela Cátedra HPC da UÉvora.

"Para além dos principais objetivos da infraestrutura, apoia projetos de relevância nacional e internacional, como o Square Kilometre Array Observatory, e acolhe da-



dos de investigação, incluindo resultados a Investigação, Inovação e Internacionaexperimentais, observacionais e de simu- lização da Universidade de Évora, "este lações numéricas, de várias áreas científicas, por exemplo, Astronomia e Astrofísica, Física Atómica, Ciência dos Materiais e Nano-mineralogia, Simulações (Bio)Moleculares, Recursos Minerais, Saúde e Desporto, Humanidades Digitais - Património e Literatura, Turismo", realça Miguel Avillez, coordenador do projeto e responsável pela Cátedra High Performance Computing (HPC) da Universidade de Évora.

Para Paulo Quaresma, vice-Reitor para

Centro tem uma importância estratégica para a UÉvora, dado permitir criar uma infraestrutura de suporte à gestão de dados de investigação, que é uma necessidade fundamental para os nossos investigadores. Para além disso, representa o reconhecimento da relevância que a Universidade tem no domínio da computação de alto desempenho (HPC) e da inteligência artificial, não só a nível nacional, mas também internacional". ■

UNIVERSIDADE DA MADEIRA

Vice-reitora no Conselho Nacional

F Elsa Fernandes, Professora Associada da Faculdade de Ciências Exatas e da Engenharia da Universidade da Madeira e vice-reitora para as áreas da Investigação, Internacionalização, Inovação e Empreendedorismo, acaba de ser designada para integrar o Conselho Nacional para a Inovação Pedagógica no Ensino Superior (CNIPES).

Em nota, a Universidade da Madeira explica que "o CNIPES é um órgão independente e colegial, com funções consultivas, dotado de autonomia administrativa, que atua junto do Ministério da Educação, Ciência e Ino-



vação, sob a tutela de Fernando Alexandre".

Na mesma nota é explicado que "este órgão, que integra vinte e cinco especialistas nacionais e estrangeiros, tem por missão promover a inovação e

a formação pedagógicas como dimensões essenciais do espaço de educação superior, visando a excelência no espaço nacional de educação superior e o sucesso e bem-estar das comunidades académicas em Portugal".

De referir que ao CNIPES compete, a articulação entre centros de excelência de inovação pedagógica, a participação no diálogo entre os agentes e os atores da educação superior; a auscultação aos agentes e aos atores da educação superior, e a elaboração de propostas, estudos, pareceres, recomendações e orientações para o desenvolvimento da inovação pedagógica. ■

NUNO BRITO

CESPU

Melgaço distingue Vieira e Brito

■ A Câmara de Melgaço atribuiu, no passado dia 18 de janeiro, o título de cidadão de mérito ao professor Nuno Vieira e Brito, diretor do Departamento de Ciências Animais e Veterinária do Instituto Universitário de Ciências da Saúde - CESPU. A distinção está assente na intervenção e no papel que aquele docente tem tido na área da investigação e ciência.

Professor Catedrático do Insti-

da Saúde - CESPU, tem coordenado o projeto NUTRIR - centro de ID&I, que tem como missão o suporte à dinamização dos territórios de baixa densidade do Alto Minho, tendo por base o conhecimento, a investigação e a inovação, numa perspetiva de desenvolvimento e qualificação dos agentes económicos e administração local visando a dinamização social e económica, num quadro de promoção da susten-



SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR

CESPU tem projeto

▼ A CESPU acaba de apresentar o seu projeto de Saúde Mental e Bem-Estar para estudantes de saúde do Campus de Gandra.

A iniciativa, que visa promover a saúde mental e o bem-estar dos estudantes, é fruto de esforços conjuntos entre instituições de ensino, profissionais de saúde e parceiros comunitários, através do consórcio entre a Escola superior de Enfermagem do Porto, a Escola Superior de Saúde Norte da Cruz Vermelha Portuguesa e a CESPU.

Durante o evento, foram apresentados os principais objetivos e estratégias do projeto, que incluem a criação de serviços acessíveis de apoio psicológico, a implementação de atividades de sensibilização e educação em saúde mental e a



construção de um ambiente universitário mais acolhedor e inclusivo.

A implementação do projeto representa um passo significativo na

promoção de uma cultura de cuidado e prevenção, destacando o papel das instituições de ensino superior na saúde integral de seus estudantes. ■

NOVA RESIDÊNCIA

Açores investe 19 milhões

A reitora da Universidade dos Açores (UAc) anunciou o início das obras para a construção da nova residência universitária em Ponta Delgada durante o mês de fevereiro. A obra que vai custar cerca de 19 milhões de euros, 12 dos quais provenientes do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

Durante a cerimónia do 49.º aniversário da instituição, Susana Mira Leal destacou que a academia açoriana prevê um reforço de 270 camas até 2027 (50 na Horta, 100 em Angra do Heroísmo e 120 em Ponta Delgada) devido à construção das novas residências universitárias.

"Concluímos com sucesso os processos de contratualização das



novas residências universitárias de Angra do Heroísmo e da Horta, cujas obras esperamos que arranquem ainda este mês. Já procedemos à assinatura do contrato para a construção da residência de Ponta Delgada, que esperamos que se possa iniciar ainda durante o mês de fevereiro", adiantou a reitora.

Em outubro de 2024, a reitora confirmou o relançamento do concurso para a construção da residência de Ponta Delgada, alertando tratar-se da última oportunidade para concretizar o projeto, após a exclusão do único concorrente por incumprimento do caderno de encargos.

Para dar resposta "no imediato", avançou, foram estabelecidos "acordos com entidades externas" para assegurar a "oferta de camas adicionais" em Ponta Delgada e Horta. ■

Lusa 🤻

SAÚDE MENTAL

UMa junta embaixadores do bem-estar

▼ Os Embaixadores de Saúde Mental das Práticas WellBEING Universidade da Madeira (UMa) desenvolveram, entre os meses de setembro e dezembro, um conjunto de atividades dirigidas à comunidade académica da UMa, com o objetivo de promover o Bem-estar Psicológico da sua comunidade.

De acordo com a Universidade, "as atividades desenvolvidas focaram-se nas áreas de conhecimento das Artes e do Desporto, e proporcionaram diversas experiências desde a ida a uma visita guiada e

encenada intitulada «sementes de Mudança» ao Museu Henrique e Francisco Franco, organizada pela Casa Invisível e Teatro Bolo do Caco. Para além disso, com intuito de promover um estilo de vida ativo e situações de relaxamento, foram realizadas aulas de yoga e de aeróbica, uma caminhada seguida de jogos de voleibol e futevólei na promenade da Praia Formosa; e em contexto natureza, foi realizado um percurso pela Levada do Caniçal, seguido de mergulho na Praia da Ribeira do Natal. ■





A escritora angolana recebe o prémio em março

PRÉMIO VERGÍLIO FERREIRA

Djaimilia Pereira vence na UÉ

■ Djaimilia Pereira de Almeida, escritora portuguesa nascida em Angola que se estreou no romance em 2015 com "Esse Cabelo", editado pela Teorema, é a vencedora do Prémio Vergílio Ferreira 2025. O galardão será entregue a 1 de março, na Universidade de Évora, entidade responsável pelo prémio.

O júri da edição 2025 decidiu, por maioria, atribuir o prémio "pelo papel decisivo que tem desempenhado na revitalização da narrativa portuguesa contemporânea, construindo enredos e compondo personagens que problematizam questões de identidade, deslocamento e colonialismo, distanciando-se de e dialogando, num registo singular, com a tradição literária portuguesa".

Em 2023, Djaimilia recebeu o Prémio FLUL Alumni, atribuído pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, instituição onde a escritora se doutorou.

Na edição 2025, o júri, presidido pelo professor da Universidade de Évora Antonio Sáez Delgado, integra os docentes universitários Joana Matos Frias (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa); António Apolinário Lourenço (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra); Armando Duarte Senra Martins (Departamento de Linguística e Literaturas da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora) e Ricardo Viel (Crítico Literário). ■

MADEIRA

UMa faz congresso internacional de género

¶ A Universidade da Madeira promove, de 13 a 14 de março, o Congresso Internacional "Perspetivas Multidisciplinares sobre género e inclusão".

A iniciativa é organizada pela CP2 - Comissão para a Igualdade e a Inclusão daquela universidade.

São oradores convidados Eduardo Tomé (Universidade da Madeira), Jorge Gato (Universidade do Porto), Maria do Céu Patrão Neves (Universidade dos Açores), Maria João Cardona (Politécnico de Santarém) e Sandra Ribeiro (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género). ■

RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DE ÉVORA

Obras na Bento Jesus

■ A Universidade de Évora acaba de assinar, com empresa Catronga e Filhos, o auto de consignação das obras de renovação da Residência Bento Jesus Caraça, localizada na Avenida Dona Leonor de Oliveira Fernandes e com capacidade para alojar 25 estudantes. As obras estarão concluídas antes da abertura do ano letivo de 2025/2026.

Citada em nota enviada ao Ensino Magazine, a reitora da Universidade de Évora, Hermínia Vasconcelos Vilar, refere que "esta residência é a primeira a entrar em obra, num processo que envolverá outras empreitadas, o que demonstra a preocupação desta Reitoria com o bem-estar dos estudantes e com a melhoria das condições oferecidas."

Na mesma nota, João Nabais, vice-reitor para as Infraestruturas e Políticas para a Vida na Universidade, recorda o esforço que a universidade tem feito no sentido de realojar os estudantes que terão que abandonar as residências durante as obras. "Sabendo que as empreitadas de renovação das residências implicam o seu encerramento, a Universidade de Évora e os Serviços de Ação Social têm trabalhado há mais de um ano para minimizar este impacto, tentando encontrar alojamento alternativo para o maior número possível de estudantes bolseiros", disse.

Hermínia Vilar sublinhou que, neste momento, "todos os estudantes alojados em residências no início do ano letivo de 2024/2025 já têm alojamento garantido até à conclusão deste ano letivo."

A universidade explica que "considerando



A reitora da UÉ assinou o auto de consignação

a necessidade de renovar as residências no que respeita às infraestruturas e ao mobiliário, a Universidade de Évora apresentou uma candidatura ao PNAES (Programa Nacional de Ações Estratégicas para o Ensino Superior). No entanto, foram aprovadas apenas obras de remodelação das residências existentes, e o financiamento contratualizado ao abrigo do PNAES não cobre os custos totais das empreitadas. Como resultado, a Universidade de Évora terá de investir recursos próprios para a execução dessas obras".

"Estamos a fazer todos os esforços para construir uma nova residência de maior di-

mensão, algo que deveria ter sido considerado no momento da candidatura ao PNAES. A estratégia a seguir pode passar por parcerias com o setor privado ou por candidaturas a programas que venham a ser criados para apoiar o Ensino Superior", esclareceu João Nabais.

De referir que a Universidade de Évora dispõe de sete residências, algumas de menor capacidade, como a residência Eborim (20 camas), Portas de Moura (21 camas) e Bento Jesus Caraça (25 camas). As residências de maior capacidade são a António Gedeão (291 camas), Manuel Álvares (72 camas), Florbela Espanca (50 camas) e Soror Mariana (46 camas). ■

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Novo CG ganha forma

T Os membros internos do novo Conselho Geral da Universidade de Évora tomaram posse, no passado dia 13 de dezembro, numa cerimónia presidida pelo presidente cessante do órgão, João Carrega.

No que diz respeito ao pessoal docente e investigador, composto por 13 mandatos, tomaram posse os seguintes membros: Noel Alexandre Fontes Moreira, Sara Luísa Dimas Fernandes, Isaura da Conceição Cascalho Serra. António losé Estevão Grande Candeias. Maria Teresa Amado Pinto Correia. Fernando Manuel Lucas Carapau, Leonor Lopes Borges Vacas de Carvalho, Joana Inês Silva de Lima, Maria Teresa Ribeiro Matos Fernandes, Maria da Assunção da Cunha Folque de Mendonça, Hugo Miguel Cardinho Alexandre Folgado, Marta Sofia Serrano Valente Casimiro Ferreira Laranjo e Maria Filomena Ferreira Mendes. Como representantes dos Estudantes tomaram posse: Manuel Matos Marchante, Ana Beatriz Figueiredo Calado e Ana Francisca de Ornelas Rocha Ruivo. Por fim, o pessoal não docente e não investigador, que elegeu dois representantes, tem agora como membros Idália Maria dos Santos Morais e Sérgio Miguel Silva Pereira.

Os novos membros agora empossados serão responsáveis por indicar as personali-



Os membros internos já se encontram em funções

dades externas à Universidade de Évora para integrarem o Conselho Geral. Este órgão será composto por 25 membros no total, dos quais 13 são representantes do pessoal docente e investigador, 3 dos estudantes, 2 do pessoal não docente e não investigador e 7 personalidades externas de reconhecido mérito, com experiência e conhecimentos relevantes para a Instituição.

Refira-se que o Conselho Geral tem como principais responsabilidades a aprovação de

alterações aos Estatutos, a organização do procedimento eleitoral para a escolha do Reitor, a apreciação dos atos do Reitor e do Conselho de Gestão, bem como a proposição de iniciativas para o bom funcionamento da Universidade. Depois da tomada de posse dos novos cooptados, a 20 de fevereiro, será eleito o novo presidente do CG que sucederá ao jornalista João Carrega que exerceu essas funções no CG 2020-2024 e que já tinha sido conselheiro no anterior (2016-2020).



PRIMEIRA CONFERÊNCIA REALIZADA

IPGuarda lidera consórcio de investigação contra o cancro

A primeira conferência internacional da rede RePo-SUDOE, consórcio que o Politécnico da Guarda (IPG) coordena, realizou-se no passado mês de dezembro, no IPG. A iniciativa reuniu especialistas internacionais e investigadores, tendo contado ainda com a presença do antigo Diretor-Geral de Saúde, Francisco George.

O projeto, coordenado pelo Centro de Potencial e Inovação de Recursos Naturais do Politécnico da Guarda representa um orçamento de 1,8 milhões de euros e visa desenvolver e divulgar tecnologias para o reposicionamento de fármacos, identificando medicamentos já existentes no mercado que possam ser usados para tratamento do cancro. Pretende assim desenvolver terapias eficazes sem ter de esperar por longos processos de aprovação de novos fármacos.

O projeto multidisciplinar envolve entidades do sistema científico e tecnológico, empresas, organiza-

ções da sociedade civil e organismos públicos, de Portugal, Espanha e França. Como o Ensino Magazine divulgou em primeira mão, "este projeto RePo-SUDOE surge para responder a essa necessidade, tornando este espaço europeu mais competitivo na área de Investigação & Desenvolvimento dedicada ao tratamento do cancro".

Hugo Filipe, docente na Escola Superior de Saúde e investigador coordenador no Centro de Potencial e Inovação de Recursos Naturais do IPG referiu, no início de 2024, que "o projeto irá impulsionar a atividade da indústria biofarmacêutica nas regiões onde as instituições de ensino superior estão sediadas, nomeadamente na Guarda, fixando nelas novos recursos humanos muito qualificados".

Além do Politécnico da Guarda participam no projeto a Universidade da Corunha, a Universidade de Santiago de Compostela, o Centre National de la Recherche Scientifique (Bordéus), a MD.USE Innovations S.L. (Corunha), a Sociedade Portuguesa da Saúde Pública e o Cluster Saúde de Galicia. Conta ainda como parceiros associados com o Centro Académico Clínico das Beiras, a Subdireccion General de Farmacia do Servizo Galego de Saúde (Xunta de Galicia), e o Cancéropôle Grand Sud-Ouest (Toulouse).

Para o presidente do Politécnico da Guarda, Joaquim Brigas, o projeto RePo-SUDOE "vai impulsionar o conhecimento científico e difundir a tecnologia para o 'drug repurposing' junto de agentes públicos e privados em Portugal, Espanha e França", colocando o IPG e os seus parceiros a trabalhar na primeira linha da I&D farmacêutica europeia. "É uma rede transnacional que, através de colaboração multidisciplinar, vai seguramente produzir tratamentos mais eficazes do cancro inovando na utilização que, até agora, é dada a certos medicamentos", afirma Joaquim Brigas. ■

National Control of the Control of t

POLITÉCNICO DA GUARDA

Alunos do IPG mostram projetos de Inteligência Artificial

F O Politécnico da Guarda promoveu, no passado dia 9 de janeiro, um conjunto de seminários dedicados à Ciência de Dados e à Inteligência Artificial. Os estudantes da instituição tiveram oportunidade de apresentar alguns dos produtos que desenvolveram.

O evento decorreu no auditório da ESTG e reuniu alunos, professores e investigadores daquelas áreas do saber.



Os produtos apresentados pelos estudantes foram desenvolvidos nas unidades curriculares de Laboratório de Ciência de Dados e Inteligência Artificial e de Engenharia Software.

Estes produtos serão concluídos no próximo semestre na disciplina de projeto.

Recorde-se que o Politécnico da Guarda tem feito uma grande aposta nestas áreas e noutras associadas, como a cibersegurança.

IPLEIRIA

Anabela Veloso eleita bastonária dos solicitadores

¶ Anabela Veloso, licenciada em Solicitadoria pela Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG) de Leiria, é a primeira mulher a ser eleita bastonária da Ordem dos Solicitadores e Agentes de Execução (OSAE). Solicitadora, desde 2009, é atualmente presidente do Conselho Regional de Coimbra da OSAE, integrando ainda o Conselho Geral do Politécnico de Leiria, desde novembro de 2024.

"Esta eleição tem um significado especial e profundo, não só pelo marco histórico que representa, mas sobretudo pela responsabilidade e confiança que os colegas depositaram em mim e na equipa. É uma honra, mas também um compromisso com cada associado, com os desafios que enfrentam e com a transformação necessária para o futuro da nossa Ordem", afirma Anabela Veloso.



Numa mensagem aos estudantes do curso de Solicitadoria da ESTG, Anabela Veloso apela a que "nunca parem de aprender, de questionar e de evoluir", adianta a antiga aluna do IPL, que venceu a eleição para bastonária da Ordem dos Solicitadores e Agentes de Execução com 50,67% dos votos, contra os 49,33% da lista liderada por Rui Miguel Simão. ■



POLITÉCNICO DA GUARDA

Presidentes do Pedagógico tomam posse no IPG

■ Os presidentes dos conselhos pedagógicos da Escola Superior de Saúde e da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, André Araújo e Elisabete Monteiro, respetivamente, tomaram posse este mês.

Os dois professores foram empossados numa cerimónia que decorreu nos Serviços Centrais e que foi presidida por Joaquim Brigas, presidente do Politécnico da Guarda.





DOCENTE DA ESART APRESENTA NOVO ALBÚM

Miguel Carvalhinho assinala 35 anos de carreira

¶ 0 músico, compositor e professor na Escola Superior de Artes Aplicadas, Miguel Carvalhinho, acaba de lançar o seu último trabalho. "Convite" junta muitas afinidades nos seus 35 anos de carreira.

O álbum foi apresentado, em Lisboa, dia 25 de janeiro, na Casa das Beiras, na Avenida Almirante Reis. A escolha do local resulta do movimento associativo e da Associação Recreativa e Cultural da Viola Beiroa de Castelo Branco, de quem é um dos responsáveis e que tem permitido fazer renascer aquele instrumento tradicional.

Neste trabalho o músico português empresta, pela primeira vez, a sua voz aos temas que escreveu e musicou, a que junta o som da viola beiroa. "É um registo diferente, pois é a primeira vez que canto e declamo os poemas que escrevi", explica.

Ao seu lado surgem Custódio Castelo (guitarra portuguesa e produção) e Pedro Ladeira (clarinete) - ambos docentes da Esart e que, como refere são os seus "irmãos de música".

O filho, Horácio Carvalhinho, é outra peça importante neste trabalho. Ilustrou o livro que acolhe o CD, numa "homenagem ao 'primo-irmão' António", como explica Miguel Carvalhinho, enquanto nos mostra o trabalho.

Gravado no estúdio de Pedro Ladeira, "Convite" foi editado pela Junta de Freguesia de Castelo Branco. Enquanto o escutamos o som da lareira está presente ao longo do disco, que brevemente irá ficar disponível nas plataformas digitais. "É um convite ao recolhimento, à lareira", explica Miguel Carvalhinho.

O trabalho reúne "afinidades com pessoas que são amigas e que partilham este percurso, mas também com a família", adianta o músico e compositor. O CD começou a ser "preparado em 2024 e surge na sequência de um processo de investigação sobre a viola beiroa. É um 'mix' que faz com que reúna um conjunto diverso de afinidades".

Nesta conversa Miguel Carvalhinho faz uma retrospetiva da sua carreira. "Um músico deve ter um papel fundamental na sociedade. Eu tento encarnar esse papel e contribuir para ele. O mais importante é a marca identitária de cada música. Com esta postura assumo-me como um músico construtivo na sociedade", refere.

Com dois doutoramentos na área da música, o último dos quais dedicado à viola beiroa, Miguel Carvalhinho adianta que o "CD tem muito que ver com a nossa cultura mediterrânica". Os 35 anos de carreira estão espelhados num trabalho muito cuidado. "A maturidade e a experiência levam-nos a ter em atenção outros detalhes", sublinha.

A viola beiroa volta a ser rainha neste trabalho. Miguel Carvalhinho tem sido um dos impulsionadores pelo reaparecimento deste instrumento. Na sua última tese de doutoramento, defendida na Universidade Autónoma de Madrid, lança o desafio do seu ensino nas escolas oficiais portuguesas. "Os argumentos fundados na minha vasta experiência pessoal e profissional coincidiram com as conclusões dos questionários realizados para esta tese. A maioria dos intervenientes considera muito importante que a música tradicional e os instrumentos tradicionais, nomeadamente a Viola Beiroa, façam parte do universo das escolas oficiais de música", disse.

O autor recorda o percurso que tem sido feito em prol da Viola Beiroa em Castelo Branco. Naquele estudo, Miguel Carvalhinho recorda que "em 2012 iniciámos um projeto de revitalização da Viola Beiroa promovido pela Fundação Inatel desenvolvendo várias ações abrangendo a catalogação de instrumentos existentes, a identificação e criação de repertório, cursos de formação de tocadores, cursos de construção de instrumentos, gravação de CDs, divulgação em atuações públicas, divulgação nos meios de comunicação social e na internet".

Através deste estudo Miguel Carvalhinho procurou "avaliar a pertinência e o interesse em integrar este instrumento na oferta formativa das escolas do ensino oficial de música em Portugal. Nela propõemse uma série de estudos e peças, explorando a capacidade que este instrumento tem para fazer melodia acompanhada, que poderão integrar um programa do ensino oficial".

Na sua perspetiva, "a educação é muito importante para criar novos públicos jovens que considerem os nossos valores tradicionais válidos dando-lhes a importância devida. Se houver um curso oficial de Viola Beiroa haverá decerto alunos que vão desenvolver este instrumento em vários contextos musicais".

Para o docente da ESART "com a divulgação nas redes sociais e nos media a Viola Beiroa fará naturalmente parte da cena musical portuguesa. Aliás, esta estratégia já deu frutos pois no ano letivo 2022/2023 foi criado o curso profissional, na Escola Profissional do Conservatório de Castelo Branco, com oferta formativa em Viola Beiroa, Guitarra Portuguesa e Bandolim. Ou seja, o objetivo de fundo da realização deste trabalho académico foi atingido antes da conclusão do mesmo".

POLITÉCNICO

Direitos humanos em debate no IPCB

■ Os docentes da licenciatura em Serviço Social da Escola Superior de Educação do Politécnico de Castelo Branco organizaram a iniciativa "Direito aos Direitos Humanos III", com o apoio do programa United Nations Academic Impact.

O evento teve a participação de José Manuel Henriques, Investigador do DINÂMIA'CET/ISCTE- "Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território", com o tema "Direito a ficar, as condições contemporâneas e ação local para a coesão territorial".

A conferência contou ainda com a realização de uma mesa-redonda, com o tema dos direitos humanos e da habitação, que esteve a cargo da vice-presidente do IPCB, Ana Vaz Ferreira e que contou com a presença de Graça Rojão, diretora Executiva da Coolabora; Maria João Guardado Moreira, docente do IPCB e Coordenadora da Age.Comm e de Fátima Santos, docente do IPCB e Assistente Social com responsabilidades em domínios sociais da Câmara Municipal de Castelo Branco.

Enquadrado pelo docente Kaique Cardoso, foram também apresentados 2 projetos com o apoio de estudantes em estágio do 3.ć ano no Centro Assistencial, Cultural e Formativo do Fundão. A Assistente Social, Daniela Real e a Educadora Social, Guida Nunes, tiveram a oportunidade de partilhar a sua experiência na resposta social "CAFAP - Entre Famílias", e Sara Santos, no recente projeto "Vincular - Acolhimento Familiar".



POLITÉCNICO

IPCB e Ciência Viva de Penamacor promovem atividades

F O Politécnico de Castelo Branco (IPCB) estabeleceu uma parceria com o Clube Ciência Viva do Agrupamento de Escolas Ribeiro Sanches, em Penamacor, para promover um conjunto de atividades para a comunidade escolar.

Em nota o IPCB explica que vão ser realizadas atividades relacionada com "atividades educacionais inovadoras para alunos do ensino básico e secundário, nas áreas de robótica, programação e Internet das Coisas (IoT)".

A parceria visa estimular o interesse dos alunos por tecnologias emergentes, oferecendo experiências práticas que complementam os conteúdos curriculares, conectando a teoria à prática.

Sob a coordenação do docente Rogério Dionísio e com a participação dos docentes Ana Paula Silva, João Caldeira e Pedro Torres da Escola Superior de Tecnologia do IPCB, as atividades foram conduzidas em ambiente de laboratório ao longo de dois anos, e incentivaram os estudantes a aplicarem princípios teóricos em cenários práticos, promovendo a criatividade e a resolução de problemas.

Esta colaboração reforça o papel das instituições locais no estímulo à educação tecnológica, preparando os jovens para os desafios de um mundo cada vez mais conectado.



POLITÉCNICO DE PORTALEGRE

Novos doutoramentos com candidaturas abertas

■ O Politécnico de Portalegre tem abertas, a partir de 1 de fevereiro, as candidaturas para os seus três novos doutoramentos: Agricultura Sustentável (ESBE), curso de doutoramento em associação com a Universidade de Lisboa (Instituto Superior de Agronomia); Economia Circular (ESBE), em associação com a Universidade de Évora (Escola de Ciências e Tecnologia); e Hidrogénio e Gases Renováveis (ESTGD), resultante da parceria com o CEFET, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estes cursos colocam o Politécnico na linha da frente no que toca à investigação e ao ensino de excelência nas áreas da sustentabilidade, economia circular e transição energética, com uma forte ligação ao desenvolvimento de soluções inovadoras adaptadas à indústria, numa estratégia de transferência de conhecimento e tecnologia.

O doutoramento em Agricultura Sustentável visa "proporcionar formação teórica, metodológica e contextual avançada e promover investigação pertinente através da integração de competências em agricultura, ciência e engenharia agronómica. Pretende-se através da colaboração com o tecido empresarial da área do ciclo de estudos, contribuir para a resolução de problemas das empresas, basean-



do o ensino em atividades de PBL (Project Based Learning), de forma inovadora e integrada, contribuindo para a otimização das cadeias de valor particulares das regiões". O ciclo de estudos está orientado para dotar os estudantes, de competências transversais, técnicas e científicas capazes de promover o desenvolvimento nacional e internacional do setor agrícola, vital para a prossecução dos objetivos do desenvolvimento sustentável.

O doutoramento em Economia Circular, vai "proporcionar formação teórica, metodológica e contextual avançada e promover investigação através da integração de competências em economia circular. Pretendese através da colaboração com o te-

cido empresarial da área do ciclo de estudos, contribuir para a resolução de problemas das empresas, baseando o ensino em atividades de PBL (Project Based Learning), de forma inovadora e integrada contribuindo para a otimização das cadeias de valor particulares das regiões". O ciclo de estudos está orientado para dotar os estudantes de competências transversais, técnicas e científicas capazes de promover a economia circular de forma generalizada nos diferentes setores da economia, vital para a prossecução dos objetivos do desenvolvimento sustentável.

Já o doutoramento em Hidrogénio e Gases Renováveis visa estudar aspetos tecnológicos de toda a cadeia de valor inerente ao vetor hidrogénio e dos gases renováveis, desde a disponibilidade de recursos, passando pela sua transformação e indo até a sua aplicação.

Além dos três doutoramentos, o Politécnico de Portalegre vê ainda ser aprovado o mestrado em Inovação Pedagógica em Ambientes Digitais que pretende proporcionar formação teórica, metodológica e contextual avançada e promover investigação pertinente através da integração de competências em agricultura, ciência e engenharia agronómica.

CATHOLIC UNIVERSITY OF NEW SPAIN

Luís Loures recebe Honoris Causa

T 0 presidente do Politécnico de Portalegre, Luís Loures, recebeu, na última semana, o título de Doutor Honoris Causa da Catholic University of New Spain, de Miami.

A atribuição decorreu em Paris, a Unesco, tendo a distinção sido entregue pelo Embaixador Otto Feigenblatt - consultor sénior para a área da educação da UNESCO.

Este é o segundo Doutoramento Honoris Causa que Luís Loures recebe. Em 2023 recebeu esse título da Universidade ECOTEC, no Equador.

"Estou extremamente orgulhoso por ter recebido este novo reconhecimento. A cada passo, a cada conquista, confirma-se o papel inegável da educação na minha vida", salienta Luís Loures. ■



POLITÉCNICO DE EXCELÊNCIA

Portalegre distingue os melhores

■ O Politécnico de Portalegre volta a organizar o grande evento que premeia o mérito e enaltece a excelência da comunidade académica. A segunda edição do "Politécnico de Excelência" realiza-se a 28 de fevereiro, no Campus Politécnico, onde o Ensino Magazine entregará uma bolsa de mérito a um dos melhores estudantes da instituição.

No ano passado, 63 estudantes e 37 diplomados foram distinguidos com prémios pecuniários e bolsas de estudo por mérito, no valor total superior a setenta mil euros. Tal só foi possível graças às parcerias estabelecidas com entidades patro-

cinadoras e ao apoio da DGES e do programa «Impulso Jovens STEAM», no âmbito do PRR, canalizado para a valorização do mérito.

Além das referidas distinções, nesta ocasião são entregues os prémios de reconhecimento a colaboradores (docentes e não docentes); o Prémio Carreira Alumni, o Prémio ao Voluntário do Ano e os prémios do concurso regional Poliempreende.

Com um conjunto alargado de parceiros, espera-se que nesta nova edição o "Politécnico de Excelência" mantenha dimensão e impacte, estando reunidas as condições para diversificar o perfil dos agraciados.

PAGAMENTO DE PROPINAS E ALOJAMENTO

Portalegre apoia alunos em mestrado e licenciatura

■ O Politécnico de Portalegre (IPPortalegre) está a apoiar os alunos que terminem o grau de licenciatura na instituição e continuem estudos em Mestrados do Politécnico de Portalegre, com a redução em 50% do valor da respetiva propina.

A decisão surge através de um despacho do presidente da instituição, Luís Loures.

No documento a que tivemos acesso é explicado que o apoio na redução em 50% do valor da respetiva propina é efetuado desde que o valor da propina a pagar não seja inferior à propina mínima fixada.

Recorde-se que o Politécnico de Portalegre está a efetuar um esforço acrescido no sentido de apoiar os estudantes que escolham a instituição para estudar.



Como referimos em primeira mão, também ao nível das licenciaturas há incentivos para a escolha da instituição alentejana: Os alunos deslocados na instituição, que tenham entrado com média igual ou superior a 17 valores, terão alojamento gratuito e propinas pagas.

De igual modo todos os alunos da região (que não tenham a média igual ou superior a 17 valores) mas que escolham o Politécnico e tenham que estar deslocados beneficiarão de 50% no valor do alojamento. "Queremos captar os melhores", sublinha Luís Loures. ■

ENSINO

IPPortalegre e ULS unidos para valorizar profissionais

A Unidade Local de Saúde do Alto Alentejo (ULSAA) e o Instituto Politécnico de Portalegre (IPP) vão celebrar um protocolo que visa a formação de profissionais de diversas áreas, para gerar conhecimento junto da comunidade.

O protocolo, a assinar "até ao final deste mês", surge porque existem "muitas melhorias a fazer em termos de eficiência e de respostas" à comunidade, explicou hoje à agência Lusa o presidente do conselho de administração da ULSAA, Miguel Lopes.

Segundo o responsável "ninguém melhor" do que o IPP para desenvolver esta parceria, "pela estreita colaboração de muitos anos" que possui com aquela ULS na formação de profissionais, designadamente enfermeiros, fisioterapeutas e higienistas orais.

O protocolo, continuou, surge também para que os colaboradores da ULSAA possam ter o seu trabalho devidamente certificado do ponto de vista de uma instituição académica.

Lusa 🛚





IPCOIMBRA

Penedo da Saudade assinalou seis anos

₹ 0 Centro Cultural Penedo da Saudade assinalou, no passado dia 21 de janeiro, o seu o 6.º aniversário. Criado em 2019, no âmbito do projeto cultural do Politécnico de Coimbra (IPC) este equipamento tem como objetivo primordial contribuir para o enriquecimento cultural da sua comunidade interna – em complementaridade com a produção cultural das suas Unidades Orgânicas de Ensino – e para o reforço

das relações com a comunidade externa através da Cultura e das Artes.

Para Jorge Conde, presidente do IPC, estes seis anos são "tempo suficiente para afirmarmos a mais valia da missão do Centro e o lugar que já conquistou entre os agentes culturais da cidade. A cultura é uma importante missão das instituições de ensino superior, sem a qual são 'só' uma escola", afirmou na sua página pessoal de Facebook. ■



CURSOS LIVRES DE LÍNGUAS NA ESEC

Candidaturas abertas

A Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra, tem abertas até dia 17 de fevereiro, as candidaturas para frequência de Cursos de Línguas, a serem realizados no 2º semestre 2024/2025.

Os cursos de Alemão, Espanhol, Francês, Língua Gestual Portuguesa, Inglês, Italiano e Português para Estrangeiros são dirigidos a todos os interessados em aprender uma nova língua ou aprofundar competências linguísticas.

As têm início em março de 2025. O curso de Português para estrangeiros será lecionado presencialmente e os restantes cursos são lecionados a distância, com recurso a tecnologia multimédia, metodologias interativas, materiais de referência e apoio online. Cada curso tem uma duração total de 60 horas, distribuídas em 4 horas semanais (2 aulas de 2 horas) em horário póslaboral, após as 18h30 durante a semana, ou aos sábados.

Os cursos têm um custo total de 195 euros, para o público em geral, e de 150 euros para a Comunidade do Politécnico de Coimbra. As condições de pagamento podem ser consultadas no website da ESEC.

UNIDADES CURRICULARES ISOLADAS NO IPC

Agrária abre inscrições

A Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC) tem, abertas, até 15 de fevereiro, as candidaturas para inscrição em Unidades Curriculares Isoladas dos ciclos de estudos de Licenciatura, Mestrado e Curso Técnico Superior Profissional, para o 2.º semestre do ano letivo de 2024/2025. As candidaturas terão de ser submetidas através da plataforma InforEstudante. ■

POLITÉCNICO DE COIMBRA

IPC e ULS juntos na investigação

¶ Quatro projetos de investigação na área da saúde vão ser desenvolvidos a partir da Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Politécnico de Coimbra (ESTeSC), no âmbito de uma parceria com a Unidade Local de Saúde (ULS) de Coimbra.

"São projetos de duração relativamente curta de 18 meses e o objetivo fundamental é dar resposta a questões imediatas que careçam de otimização imediata que possam contribuir para a melhoria dos cuidados prestados", explicou o vicepresidente do estabelecimento que integra o Instituto Politécnico de Coimbra, Telmo Pereira.

Dois dos projetos aprovados no concurso Co4ID (Cocreating for InterDisciplinarity) estão relacionados com a hipertensão arterial – um deles pretende avaliar o impacto da substituição do sal por salicórnia e o outro visa o aconselhamento e intervenção integrada na prevenção e controlo nos cuidados de saúde primários, através da alimentação saudável e atividade física.

Outro dos projetos vai investigar o microambiente imunológico do cancro colorretal com metastização hepática e o quarto pretende determinar a suscetibilidade antimicrobiana por metodologia 'Point of Care' na otimização de terapêutica em infeções urinárias não complicadas.

"É um motivo de orgulho ver profissões da nossa escola avançar em diferentes projetos multifuncionais, o que nos motiva para continuarmos", disse Graciano Paulo, presidente da ESTeSC, manifestando vontade de lançar uma nova edição

do Co₄ID no verão deste ano.

O presidente da ULS de Coimbra, Alexandre Lourenço, salientou o facto dos projetos se desenvolverem na área da prevenção dos cuidados primários e secundários, com forte impacto nos cuidados de proximidade, "que é uma das prioridades".

Na primeira edição, lançada há cerca de seis meses, o concurso Co4ID contou com a participação de oito projetos, o que "acompanhou ou superou as expectativas" da ESTESC, disse o vice-presidente Telmo Pereira, referindo que a seleção foi efetuada por um júri externo.

O envelope financeiro global de 40 mil euros foi suportado em partes iguais pelas duas instituições, recebendo cada projeto 10 mil euros. ■

Lusa ₹

SPORTS PHOTOGRAPHY AWARDS

Ferreira com menção honrosa

F Rafael Ferreira, diplomado em Arte e Design pela Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra, foi distinguido com uma menção honrosa na categoria de Desportos Aquático nos World Sports Photography Awards 2025. A distinção foi atribuída a uma fotografia captada no decorrer do WSL Tudor Nazaré Big Wave Challenge, realizado em janeiro de 2024, retratando a surfista Maya Gabeira.

Para o fotógrafo, a foto agora distinguida representa "a pequenez do ser humano em relação ao oceano e à natureza no geral" e competiu na mesma categoria em que foi vencedor Jerome Brouillet, autor da icónica fotografia do surfista brasileiro Gabriel Medina durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024.



Esta edição de World Sports Photography Awards 2025 contou com a participação de mais de 2.200 fotógrafos desportivos profissionais, de 96 países, num total superior a 13.000 imagens de mais de 60 desportos diferentes.

Rafael Ferreira, atualmente fo-

tógrafo freelancer e membro oficial da equipa de media do Campeonato do Mundo de Motocross (MXGP), já participou em edições anteriores da competição, tendo sido finalista na categoria de desportos de raquetes em 2023 de Desportos Motorizados em 2024.

SUBMISSÃO ATÉ 17 DE FEVEREIRO NO POLITÉCNICO DE COIMBRA

EUCARPIA na ESAC

A Escola Superior Agrária do Politécnico de Coimbra (ESAC-IPC) acolhe, de 26 a 28 de maio de 2025, a VI Conferência Científica EUCARPIA, com o tema 'Breeding to meet environmental and societal challenges' (0 melhoramento de plantas face aos desafios ambientais e societais).

Organizada pela Section Organic and Low-Input Agriculture (EUCAR-PIA, secção de Agricultura Biológica e de Baixo Consumo de Fatores de Produção), em cooperação com o LiveSeeding e outros projetos, a conferência visa promover o debate sobre estratégias de melhoramento



inovadoras, que abordem questões ambientais prementes e necessida-

des sociais no contexto dos sistemas de agricultura biológica, agroecológicos e de baixo consumo em termos de fatores de produção.

A conferência dará especial ênfase ao melhoramento de plantas para a agricultura biológica e agroecológica, melhoradores de plantas, empresas de sementes, estudantes e interessados no domínio do melhoramento vegetal e disciplinas afins. Os resumos devem ser submetidos até 17 de fevereiro. O número de participantes na conferência está limitado a um máximo de 120 pessoas.

BUILD2050

Setúbal forma nova geração

▼ 0 projeto europeu BUILD2050 - Training for Sustainable and Healthy Building for 2050, liderado pelo Politécnico de Setúbal (IPS) desde fevereiro de 2022, chegou ao fim deixando como legado uma "nova geração de profissionais qualificados para apontar o caminho de uma construção civil mais sustentável, em linha com as metas climáticas europeias".

A afirmação é da docente Susana Lucas, coordenadora do consórcio responsável de seis instituições de Ensino Superior europeias, citada em nota enviada ao Ensino Magazine.

Aquela responsável falava na conferência final do projeto, que decorreu nos dias 21 e 22 de janeiro, em formato híbrido e na Escola Superior de Tecnologia do Barreiro (ESTBarreiro/IPS).

Financiado pelo programa Erasmus+, num montante de cerca de 322 mil euros, o projeto BUILD2050 envolveu uma equipa de 14 investigadores do IPS, de várias áreas disciplinares. Para além do IPS, o consórcio integra a Universidade de Bolonha e o Politécnico de Milão (Itália), a Universidade de Atenas (Grécia), a Universidade de Bochum (Alemanha), e a Universidade de Ciências da Vida de Varsóvia (Polónia).

"Este projeto fez a diferença pela visão multidisciplinar da descarbonização dos edifícios", mobilizando saberes vários de académicos,



profissionais, empresas e outros agentes de vários pontos da Europa, sendo certo que "os edifícios resultam de um conjunto de áreas do conhecimento, da água aos materiais, passando pela energia", disse Susana Lucas. No primeiro painel de discussão, dedicado aos parceiros associados nacionais, marcaram presença representantes das agências de energia ADENE, S.Energia e ENA, e o presidente da Câmara Municipal da Moita, Carlos Albino.

Susana Lucas realça "o cumprimento de 100 por cento dos objetivos propostos e dentro do timing previsto", a começar pelo desenvolvimento de uma formação integrada

e transnacional de técnicos na área da construção sustentável e promotora da saúde e bem-estar, materializada em oito cursos online de curta duração, que permitiram capacitar mais de 200 profissionais do setor, metade dos quais portugueses.

Os conteúdos ministrados ficam também disponíveis através de uma plataforma colaborativa e de um eBook, somando-se um outro grande resultado concretizado, a criação do Guia Europeu BUILD2050, que pretende ser a base de uma rede europeia consolidada de profissionais, investigadores e decisores políticos nas áreas temáticas da Construção 2050.



DIRETOR DA ESE DE SETÚBAL

João Pires lidera Aripese

■ João Pires, diretor da Escola Superior de Educação do Politécnico de Setúbal (ESE/IPS), é o novo presidente do Conselho Diretivo da Associação de Reflexão e Intervenção na Política Educativa das Escolas Superiores de Educação (Aripese), entidade que representa as 14 ESE do país.

O docente foi eleito em novembro de 2024, na última Assembleia Geral da Aripese, que decorreu em Bragança, na véspera do encontro anual da associação, onde se abordou o tema 'Caminhos de Transformação', numa reflexão sobre a cooperação entre as ESE e as entidades subscritoras do Plano de Ação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento.

O conselho diretivo é também composto por Paulo Silveira, diretor da ESE do Politécnico de Castelo Branco, como tesoureiro, Carla Rocha, presidente da ESE do Politécnico de Lisboa, como secretária da direção, e por Pedro Morouço, diretor da ESECS do Politécnico de Leiria, como vogal da direção.

Doutorado em Belas-Artes (especialidade de Educação Artística), pela Universidade de Lisboa, e mestre em Ciências da Educação (especialidade de Tecnologias Educativas), João Pires é professor adjunto do Departamento de Artes, exercendo atividade docente na ESE/IPS desde 2001. Na escola que dirige desde julho de 2022, além de docente foi também conselheiro, presidente do Conselho Pedagógico, coordenador de curso, subdiretor e diretor interino. ■

PRESIDÊNCIA DA ASSEMBLEIA GERAL DA ADREPES

Politécnico de Setúbal reeleito

■ O Politécnico de Setúbal (IPS) foi reeleito em dezembro para presidir à Assembleia Geral da Associação de Desenvolvimento Regional da Península de Setúbal (ADREPES), para o triénio 2025-2027, órgão que integra também a Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS) e a Associação dos Armadores da Pesca Artesanal e Local Centro e Sul, na qualidade de secretários.

As presidências do Conselho Fiscal e da Direção da ADREPES ficam a cargo, respetivamente, da Associação dos Viticultores do concelho de Palmela (AVIPE) e da Câmara Municipal de Palmela.

Os novos órgãos sociais da ADREPES foram eleitos em reunião da Assembleia Geral, que decorreu no Espaço Fortuna - Artes e Officios, juntando os associados para discutir o Plano de Atividades e Orçamento para o próximo ano, documento que foi aprovado por unanimidade.



Para 2025, contam-se como prioridades de atuação, entre outras, o encerramento do Programa de Desenvolvimento Rural (PDR) 2020, a implementação das Estratégias de Desenvolvimento Local (EDL) delineadas para o território rural e costeiro da Península de Setúbal, o fortalecimento das redes colaborativas e grupos de trabalho e a manutenção do apoio técnico ao empreendedorismo.

Para Ângela Lemos, presidente do IPS, a instituição volta a assumir este cargo com "renovado sentido de responsabilidade e de missão, assumindo o contributo que lhe cabe nesta rede, que trabalha para encontrar soluções que permitam continuar a desenvolver projetos, criar emprego e gerar dinâmicas na economia local, apoiando o desenvolvimento sustentável da região, como é seu desígnio". ■



POLITÉCNICO DE LEIRIA

Altice Labs distingue Caseiro

Nuno Caseiro, estudante do mestrado em Engenharia Informática – Computação Móvel da Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG) de Leiria, foi distinguido com o prémio 'Reconhecimento Alcino Lavrador', atribuído pela Altice Labs, que visa homenagear os melhores estudantes de mestrado e licenciatura nas áreas de Tecnologias de Informação, Comunicação e Eletrónica (TICE) e Science, Technology, Engineering and Mathematics (STEM).

A atribuição do galardão, no valor de 2.500 euros, resulta de um acordo celebrado entre a Altice Labs e algumas universidades e politécnicos portugueses, entre os quais o Politécnico de Leiria. Os critérios de seleção dos estudantes premiados baseiam-se no desempenho académico, sendo considerado em cada instituição o estudante com a melhor média final do curso (desde que igual ou superior a 16 valores), em todos os cursos de mestrado nas áreas das TICE e STEM.

O prémio presta tributo ao legado de Alcino Lavrador, antigo diretor-geral da Altice Labs e uma figura marcante pela sua liderança e dedicação à inovação, tendo sido promovido este ano pela primeira vez. ■

CONSELHO GERAL DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

José Bulas Cruz eleito presidente

José Bulas Cruz é o novo presidente do Conselho Geral do Instituto Politécnico de Leiria. Teodorico Pais foi eleito vice-presidente e Carla Lopes, conselheira representante dos professores e investigadores do Politécnico de Leiria, foi eleita secretária do mesmo órgão. A eleição da presidência do Conselho Geral decorreu a 10 de dezembro.

Licenciado em Engenharia Eletrotécnica pela Universidade do Porto e doutorado pela Universidade de Bristol (Reino Unido), José Bulas Cruz é professor catedrático aposentado da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), onde foi vice-reitor para a Tecnologia e Inovação da UTAD e presidente da Escola de Ciências e Tecnologia (ECT).

Exerceu cargos de coordenador de licenciatura, diretor de mestrado, coordenador de departamento e coordenador do centro de informática da UTAD, e integrou igualmente o Conselho Geral desta universidade. Foi ainda membro do Conselho Consultivo da FCCN (Serviços Digitais da Fundação para a



Ciência e a Tecnologia - FCT), como representante do CRUP - Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas.

Já Teodorico Pais, vice-presidente do Conselho Geral do IPLeiria, é membro do Conselho de Administração da Vista Alegre Atlantis e presidente do Conselho Geral do Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro (triénio 2021-2024). Carla Lopes, agora secretária do Conselho Geral, é professora adjunta do Departamento de Engenharia Eletrotécnica da Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG) do Instituto Politécnico de Leiria. ■



ARTES E DESIGN DAS CALDAS DA RAINHA

Nova diretora toma posse

▼ "A minha missão, enquanto diretora da escola, envolve o compromisso de todos: professores, investigadores, pessoal não docente e estudantes. Como escola de Artes e Design temos a responsabilidade de criar conhecimento, mas também de utilizálo para transformar e empoderar a sociedade", afirmou Cláudia Pernencar durante a cerimónia de tomada de posse como nova diretora da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD.CR) do Politécnico de Leiria, a 15 de janeiro.

De caminho, salientou que

o plano de ação apresentado aquando da sua candidatura "convida todos, enquanto coletivo criativo e dinâmico, a caminharmos juntos para nos transformarmos numa universidade no futuro". E acrescentou que o plano "reforça o compromisso de promover a transformação social através do conhecimento e acesso a educação de qualidade, de apoiar a descentralização de pontos críticos por meio do fortalecimento de parcerias estratégicas e interdisciplinares, ampliando o impacto da escola a um nível regional, nacional e global". ■

COMPETÊNCIAS DIGITAIS

Leiria faz formações gratuitas

■ O Instituto Politécnico de Leiria apresentou o 'Skills4Digital' a 17 de dezembro, um projeto inovador que oferece cursos gratuitos para jovens e adultos que desejem desenvolver ou reforçar as suas competências digitais. Integrado no 'Investimento Impulso Mais Digital', no âmbito da submedida 'Reforço das Competências Digitais', o projeto conta com um financiamento de 1,5 milhões de euros do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

"Até junho de 2026, prevê-se a participação de cerca de 1.400 jovens e adultos nas 20 formações propostas, que estão organizadas em módulos curtos e acessíveis. Os cursos, que conferem entre um a três ECTS em formato de microcredenciais, são essencialmente práticos, respondendo às reais necessidades do mercado e das organizações, adaptados a públicos-alvo com formação de base não tecnológica", explicou Carlos Rabadão, presidente do Politécnico de Leiria.

As formações integradas no



programa abordam temas programáticos fundamentais para o futuro digital, incluindo Cibersegurança. Colaboração, Gestão e Produtividade Digital, Data Science, Desenvolvimento Rápido de Aplicações de Software, Transformação Digital e Tecnologias Emergentes, Práticas Pedagógicas Inovadoras para o Ensino da Informática.

O projeto é coordenado por Ricardo Martinho, pró-presidente do Politécnico de Leiria, que deixou o desejo de o 'Skills4Digital' vir a ser "um teaser provocador da moderni-

zação da oferta formativa da instituição, acrescentando outros formatos de oferta de conhecimento à comunidade".

O projeto foi concebido no âmbito de um consórcio liderado pelo Politécnico de Leiria e constituído por um conjunto de 13 parceiros, como a NERLEI CCI - Associação Empresarial da Região de Leiria/Câmara de Comércio e Indústria, os municípios de Leiria, Pombal, Caldas da Rainha e Torres Vedras, a Startup Leiria, e distintas empresas e instituições de âmbito nacional e internacional.

ACADEMIA EUROPEIA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Leiria garante 1,47 milhões

F A Universidade Europeia 'Regional University Network (RUN-EU)', coliderada pelo Instituto Politécnico de Leiria, conquistou um financiamento de 1,47 milhões de euros do programa Erasmus+, para a implementação do projeto 'EU-SIDE - Academia Europeia de Professores de Inovação Social e Educação Democrática', que visa a promoção da inovação social e da transformação digital e ecológica através da formação de docentes dos ensinos primário, secundário e profissional.

O projeto, que envolve 31 instituições de seis países europeus, está previsto arrancar no início de 2025, decorrendo até ao início de 2028. Foi submetido no âmbito do convite para a apresentação de candidaturas ao programa 'Erasmus+Teacher Academies', em que apenas 14% dos projetos tiveram financiamento aprovado em 2024.

"É de realçar e enaltecer que a candidatura da RUN-EU foi aprovada em virtude do trabalho que propõe realizar nestas regiões periféricas, mas também pela cooperação geográfica, pelo número de entidades envolvidas e pelas metodologias pedagógicas deste projeto de inovação social inter-relacionado com os valores europeus, o pensamento crítico e o compromisso com a sociedade nas áreas da inclusão, integração, bemestar e saúde, sustentabilidade e di-



gitalização", destaca Carlos Rabadão, presidente do Politécnico de Leiria.

O projeto é coordenado pela Universidade de Burgos (Espanha), em conjunto com o Politécnico de Leiria (Portugal), Häme University of Applied Sciences (Finlândia), NHL Stenden University of Applied Sciences (Países Baixos), Howest University of Applied Sciences (Bélgica), Technological University of the Shannon (Irlanda). Politécnico do Cávado e Ave (Portugal), e ainda o Agrupamento de Escolas Henrique Sommer (Portugal) e o Centro de Formação de Professores e Inovação Educativa de Burgos (Espanha). O consórcio conta igualmente com 21 parceiros associados do setor da educação, num total de 31 instituições envolvidas de seis países europeus.

"Queremos chegar junto dos professores para que, na sua atividade profissional e nas aulas, possam dar uma resposta capaz às dimensões da inovação social e da educação democrática", começa por explicar Pedro Morouço, diretor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Politécnico de Leiria e responsável pela área de disseminação do projeto.

"O mínimo que estabelecemos é a formação de 1.000 professores nos seis países. No entanto, estamos confiantes que vamos chegar muito mais além. É uma temática que claramente captará o interesse de muitas escolas e professores. A partir do momento em que o projeto estiver ativo e começarmos a divulgá-lo, creio que muitos profissionais e responsáveis, como diretores de escolas, vão reconhecer a importância de se associarem ao mesmo", refere Pedro Morouço.

futuralia 26 a 29 de Março 2025

FIL - LISBOA Parque das Nações







28 E 29 MARÇO





www.futuralia.fil.pt









f /fil futuralia / /Futuraliafil / /futuraliafil





ANTÓNIO BELO, PRESIDENTE ELEITO DO POLITÉCNICO DE LISBOA

IPL centrado nos estudantes

♣ António Belo foi eleito presidente do politécnico de Lisboa no passado mês de dezembro e tomará posse em fevereiro, sucedendo a Elmano Margato, de quem foi vice-presidente. Ao Ensino Magazine diz apostar na inovação pedagógica e numa estratégia centrada nos estudantes. Defensor de um sistema único de ensino superior anuncia o regresso ao CCISP e refere que, tendo condições, o IPL passará a ser Universidade Politécnica de Lisboa.

"Um IPL Mais Próximo" foi o seu lema de candidatura. Apresentou cinco pilares fundamentais para o Politécnico de Lisboa. O que é que pretende para cada um deles?

Estão relacionados com aquilo que é a atividade normal da instituição e do ensino superior ao nível da governação, ensino, investigação e comunidade. O que preconizamos é que o IPL deve estar centrado nos estudantes que são a nossa principal prioridade. Por isso, ao nível do ensino, vamos apostar na inovação pedagógica, tornado mais atrativo e eficaz o ensino, travando também algum abandono que resulta da falta de resiliência dos estudantes que surgiu na pós-pandemia. Daí que iremos procurar formas de os cativar, ensinando-os de um modo mais atrativo e eficaz. Por outro lado, queremos dar-lhes mais apoio em diferentes vertentes, como a ação social - cujos serviços devem ser mais proativos; ou a saúde mental e o bem-estar dos estudantes, aproveitando os programas de financiamento para a implementação desses serviços. Isto é importante para que os estudantes possam desempenhar verdadeiramente o seu papel.

Uma das questões que se coloca aos estudantes do ensino superior é a dificuldade de encontrar alojamento. Recentemente o IPL estabeleceu uma parceria com a Freguesia de Benfica para a utilização de uma nova residência. Além desse acordo o que mais pode ser feito?

Neste momento temos a residência Maria Beatriz, que funciona no ISEL, onde será construído mais um piso no âmbito do PRR. Também ao nível do Plano de Recuperação e Resiliência temos que agradecer à Junta de Freguesia de Benfica pois foi inexcedível, construindo uma residência, que já está em funcionamento e cuja maioria das camas é ocupada por estudantes nossos. Foi também lançada a primeira pedra de uma nova residência do IPL, em frente ao ISEL, que tem a particularidade de ser autossustentável. Paralelamente, há também um acordo com o ISCTE, Universidade Nova e Câmara da Amadora para a construção de uma nova residência na zona de Benfica.

Isso vai resolver as necessidades mais prementes?

Vai ajudar. Infelizmente as necessidades vão muito para lá disso. Apesar da grande maioria dos nossos estudantes ser de Lisboa, pela nossa dimensão a minoria de alunos deslocados é muito numerosa. Tudo o que for feito no sentido de criar mais alojamento é muito bem-vindo, pois os preços que se praticam em Lisboa são inviáveis para a maioria dos estudantes deslocados. Isso faz com que alguns estejam em concelhos limítrofes, o que obriga a deslocações e provoca um grande desgaste.

Esse é um dos fatores que também tem influência na saúde mental dos estudantes. Nessa matéria o que o IPL está a fazer?

Aproveitámos o programa de financiamento para a saúde mental da Direção-Geral do Ensino Superior. O que existia anteriormente era insufi-



ciente. A ideia é alargar os serviços, poder tê-los em cada uma das escolas e não apenas nos serviços centrais, sendo que a ideia é funcionar em rede. Isto porque muitas vezes os estudantes não querem ir ao serviço de apoio psicológico da sua própria escola. Não haverá qualquer problema de recorrerem aos serviços da escola que entenderem ou dos serviços centrais. Não queremos substituir sistema nacional de saúde, tendo em atenção que nalgumas situações nós não podemos intervir, mas podemos fazer o encaminhamento. A lógica é ajudar o estudante a poder fazer o seu percurso académico de um modo mais tranquilo.

Vão ser desenvolvidos programas específicos?

A aposta é a prevenção. Obviamente haverá sempre a consulta, mas a estratégia passa muito pelo apoio em termos de psicologia de educação, de ações de promoção de combate à ansiedade ou de gestão do tempo. Sempre na perspetiva de criar mais resiliência nos estudantes, de identificar sinais de alerta. Por outro lado, gueremos investir na área do desporto e da atividade física, pois a prática de exercício é dos maiores promotores de saúde mental. Mas a nossa aposta não incide apenas nos alunos, mas também na comunidade docente e nos técnicos, não só ao nível de consultas, mas de igual modo, na perspetiva de melhorar a sua qualidade de vida em termos de flexibilidade de horários de trabalho que permitam a prática de atividade física.

Na apresentação da sua candidatura falou na necessidade de alinhar o IPL com os desafios nacionais e internacionais, como a revisão do RJIES, o final do PRR (2026) e o Portugal 2030. A nível nacional está em fase de discussão a alteração ao RJIES. Já teve oportunidade de ver a proposta do Governo. O que lhe parece?

Em termos genéricos aborda e apresenta algumas mudanças que têm que ser feitas. Tem um fator muito positivo que é esbater o sistema binário. Cada vez mais é difícil justificar a diferença entre um e outro sistema. A formação de ensino superior deve ser ministrada nas instituições que tenham condições para isso. Esse é um fator positivo. No entanto, apesar de esbatemos estes fatores de ensino binário mantém-se um aspeto que é a carreira docente. Havendo esta junção de competências, também aquilo que são as carreiras deveriam ser iguais. (...) Não há razão para haver dois subsistemas de ensino superior diferentes.

Uma das questões em cima da mesa está relacionada com a eleição dos presidentes e dos reitores passar a ser universal e dos mandatos passarem a ser únicos para seis anos. Concorda com essa ideia?

Perfeitamente de acordo, com uma ressalva e há aspetos que carecem de regulamentação. Se a entrada de antigos alunos no processo eleitoral é um aspeto positivo - que carece de regulamentação -, há um pormenor que me choca: alguém que não está na instituição há mais de cinco anos ter uma ponderação de 25% e o pessoal técnico que aqui está a trabalhar diariamente ter uma ponderação de 10%. Isso é chocante e desprestigiante para o pessoal técnico. Não faz qualquer sentido. É algo que não deveria estar em qualquer proposta.

O RJIES deve também verter mais autonomia para as IES?

Aquilo que sentimos é que o Estado parte do princípio que somos desonestos. Impõe-nos regras para evitar que haja abusos. Não faz sentido. Vivemos numa lógica de sustentabilidade e só podemos ter veículos elétricos que têm que ser adquiridos em leasing. Ter veículos elétricos em leasing é o maior disparate económico que se pode fazer. Dou outro exemplo: as viagens e estadias. Estamos a pagá-las muito mais caras do que se as tratássemos diretamente. Internamente, enquanto presidente do IPL, o meu papel será o de ser mais elemento a trabalhar em conjunto com os presidentes das escolas. Nesse sentido, atribuirei a maior autonomia possível às escolas responsabilizando cada uma delas pelas suas opções. Do mesmo modo o Estado tem que perceber que tem que haver uma maior autonomia das instituições e uma maior responsabilização. As atuais regras são desmotivadoras, atrasam os procedimentos e levam a que se gaste mais dinheiro do erário público.

O facto de os Politécnicos atribuírem doutoramentos e passarem a designar-se de Universidades Politécnicas vem trazer justiça à rede de ensino?

Claramente. Estando muito mais esbatido o estigma do politécnico face à universidade, ele continua a existir. Provavelmente sentem-no mais os colegas de fora de Lisboa do que os de cá. Os nossos estudantes dizem que vão para a faculdade. O estigma até nem é maior nos estudantes, mas sim nas suas famílias. Por isso, nesta reformulação do RJIES considero importante o esbater dos dois subsistemas de ensino superior, desde que se

garantam as mesmas condições. Não alinho em facilitismos. O critério tem que ser o mesmo para as universidades e politécnicos. Este princípio deve aplicar-se aos doutoramentos.

E o IPL vai chamar-se Universidade Politécnica de Lisboa?

Tendo condições, claro que sim. Neste momento temos um doutoramento em associação com a Universidade de Lisboa; temos um outro com o ISCTE na perspetiva de também ser em associação. A nossa intenção é trabalharmos, nesta primeira fase, em colaboração.

Uma colaboração também com outros politécnicos?

Claro que sim. Temos que estar abertos. A nossa visão é de instituição pública, que presta serviço público e isso pressupõe estarmos trabalhar com instituições congéneres e outras. Por exemplo, recentemente fizemos formação em parceria com a Administração de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo. Outro exemplo: os CTESP para os quais o IPL não avançou pois ainda não havia a possibilidade dos politécnicos terem cursos de doutoramento. Agora não há razão para não avançarmos com essa formação e prestarmos serviço público, pois em Lisboa ela não existe no ensino público. Uma das nossas ideias é desenvolver essas ofertas com a Câmara de Lisboa e outras de concelhos limítrofes, bem como com escolas profissionais já que os seus estudantes estão mais condicionados em aceder ao ensino superior.

Ao nível do PRR que projetos o IPL tem em curso e quais ainda poderá apresentar?

Temos a decorrer projetos formativos no âmbito do impulso jovem e do impulso adulto. Além disso estão em curso programas relacionados com as residências de estudantes e de combate ao abandono e insucesso escolar. Se houver mais programas que venham a ser lançados iremos concorrer. Aí será importante voltarmos ao CCISP e estarmos integrados na rede. O IPL tem perdido imenso por não estar no Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos.

Pelas suas palavras o IPL irá regressar ao CCISP? Sim, na lógica de trabalharmos em conjunto.

Ao nível do Portugal 2023, as verbas disponíveis são suficientes para as IES de Lisboa, e no caso concreto para o IPL?

O meu receio é que a distribuição de verbas absorva o estigma que há pouco falámos e que ainda existe entre o politécnico e a universidade. Ou seja, que possamos ser vistos como um parceiro menor nessa distribuição. Efetivamente temos uma vantagem de estarmos em Lisboa no que concerne à captação de estudantes, mas temos uma desvantagem que mais ninguém tem que é termos a competição de três universidades públicas na mesma cidade. No Porto, por exemplo, há o Politécnico do Porto e a Universidade do Porto. De resto na distribuição do próprio Orçamento de Estado para as IES surgem, para a mesma área de formação, rácios diferentes de valorização dos estudantes nos politécnicos e nas universidades. Mais do que o receio de analisar se o valor global das verbas do 2030 é suficiente, a questão é saber se vamos ser tratados de forma justa na distribuição das verbas. ■



FUNDAÇÃO SANTANDER PORTUGAL PARCEIRA DO PROGRAMA TEACH FOR PORTUGAL

Dar às crianças um caminho de oportunidades

■ 0 programa Teach for Portugal, desenvolvido com o apoio da Fundação Santander Portugal, acompanhou, no último ano letivo 2023/24, mais de 9500 alunos em 48 escolas de comunidades mais desfavorecidas do país, em 29 municípios.

O programa concretizado pela associação sem fins lucrativos Teach of Portugal (inscrita na rede internacional Teach For All) envolveu 68 mentores TFP. Oriundos de várias áreas profissionais, os mentores recebem formação específica por parte da Teach for Portugal e fazem par com um professor (Professor-Mentor), apoiando-o nas disciplinas, mas sobretudo, atuando em áreas como a confiança, a determinação e a perseverança dos alunos.

O programa tem como objetivo "impedir que o contexto socioeconómico de uma criança a limite de atingir realização pessoal e profissional. Acreditamos que todas as crianças podem atingir o seu máximo potencial! Estes Mentores são líderes sociais inspiradores ao serviço das escolas que dedicam a sua atenção e energia no incentivo do melhor que há em cada criança, colocando-as num caminho de oportunidades", revela a organização.

Os resultados são muito positivos e demonstram o trabalho realizado tanto em sala de aula, como na comunidade, para ajudar os alunos a nível de aprendizagem e motivação.

O impacto no ano letivo 2023/24 saldou-se numa redução de 15% no número de negativas;



numa subida de 26% na média das notas, sendo que 85 por cento dos professores que participaram no pograma estariam na disposição de o recomentar a outros colegas. De igual modo "100% dos professores afirmam que o Mentor TFP atua de forma a não deixar nenhum aluno para trás". Os resultados revelam que "91% dos Alunos concordam que o Mentor TFP os motiva a fazer o seu melhor; e que 100% dos professores dizem que o Mentor TFP estimula a colaboração entre diferentes membros da comunidade e promove a definição de objetivos comuns. 85% dos professores e diretores recomendam a Teach For Portugal a outras escolas .

A avaliação ao último ano letivo revela ainda que "93% dos Mentores TFP acreditam que estão a adquirir as competências necessárias para contribuir para que todas as crianças em Portugal de ter a oportunidade de ter uma educação excelente". Para além disso, "93% dos Mentores TFP dizem que o Programa de Desenvolvimento de Liderança da Teach For Portugal contribuiu para o seu desenvolvimento de liderança pessoal".

De referir que além da Fundação Santander Portugal o Programa teve no último ano a parceria da Fundação Belmiro de Azevedo, Fundação BPI La Caixa, TBI, BA Glass e José de Mello. ■

Ripo

MINISTRO PRESENTE

Santander reúne fundações

■ A Fundação Santander Portugal promoveu, este mês, as diferentes fundações que atuam na área da Educação. A iniciativa decorreu em Lisboa, com o apoio do Centro Português de Fundações, e contou com as presenças do Ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre, e do Secretário de Estado da Administração e Inovação Educativa, Pedro Cunha.

De acordo com a Fundação Santander Portugal, "o objetivo foi criar um espaço de diálogo para compreender os principais desafios da educação no nosso país e explorar como, juntos, podemos contribuir com projetos que tenham impacto real e sejam replicáveis".

"Na Fundação Santander, acreditamos produndamente na força do trabalho em conjunto", diz a mesma nota, acrescentando que "a Educação é a base para um futuro mais justo e inovador. Continuaremos empenhados em colaborar com todos os que partilham este propósito".

Participaram no encontro as seguintes instituições: Fundação Santander Portugal, Banco BPI, Fundação Belmiro de Azevedo, MC, Semapa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Galp, Fundação Vasco Vieira de Almeida, Fundação EDP, Fundação LIGA Oficial, Fundação António Cupertino de Miranda, Casa Mendes Gonçalves e Jerónimo Martins. ■

FUNDAÇÃO SANTANDER PORTUGAL E A FUNDAÇÃO AGA KHAN PORTUGAL

Programa 2030 já está em 108 escolas

₹ A Fundação Santander Portugal e a Fundação Aga Khan Portugal estão a implementar o programa Escolas2030, no âmbito de um protocolo assinado entre ambas as instituições. Com este acordo a Fundação Santander Portugal é primeira entidade portuguesa a integrar este movimento internacional dedicado a valorizar a autonomia e a iniciativa dos professores.

De acordo com a Fundação Santander Portugal, "a parceria, que prevê um investimento de 300 mil euros para os próximos três anos, incluirá o apoio à investigação científica e a formação de 1500 professores e líderes escolares até 2026/2027, com base nas melhores práticas e ferramentas testadas nas escolas que integram o programa".

Em Portugal, a iniciativa está a decorrer em 108 escolas, pertencentes a 17 agrupamentos de 7 cidades – Alcanena, Golegã, Gondomar, Lisboa, Marinha Grande, Porto e Sintra, e tem como parceiros científicos a Universidade do Porto e o ISCTE-IUL, que irão colaborar com a Fundação Santander Portugal e com a Fundação Aga Khan Portugal no desenvolvimento de um programa de capacitação de professores.

O programa tem como objetivos "potenciar modelos de ensino inovadores; melhorar competências na literacia, numeracia, socioemocionais e na resolução de problemas; preparando os professores para o futuro".

A Fundação Santander foi a primeira entidade a juntar-se a esta rede de parceiros internacionais. Inês Oom de Sousa, presidente da Fundação Santander Portugal, citada na mesma



A Fundação Santander Portugal e a Fundação Aga Khan Portugal estão juntas no Programa

nota, diz estar muito entusiasmada "em fazer parte deste projeto transformador, que não só reflete a missão da Fundação, mas também reafirma o nosso compromisso com a transformação da Educação em Portugal. Os professores e os educadores são a espinha dorsal do sistema educativo, essenciais para desenvolver iniciativas inovadoras que melhorem a aprendizagem".

Por sua vez, e também na informação disponibilizada ao Ensino Magazine, Karim Merali, CEO da Fundação Aga Khan Portugal, considera que "o Programa Escolas2030 traduz o compromisso de um consórcio global com a transformação do sistema educativo a partir do fortalecimento da agência dos professores, tendo em vista a melhoria das aprendizagens holísticas de crianças e jovens em todo o mun-

do. É com grande entusiasmo que acolhemos a Fundação Santander neste consórcio".

Lançado em 2020, o Escolas2030 www. schools2030.org é um programa inovador, que abrange 1000 escolas públicas e centros de aprendizagem em 10 países: Afeganistão, Brasil, Índia, Paquistão, Portugal, Quénia, Quirguistão, Tajiquistão, Tanzânia e Uganda, envolvendo uma rede de 50 mil professores e meio milhão de alunos. O programa visa melhorar a aprendizagem e dotar as crianças – sobretudo nos principais anos de transição no percurso de aprendizagem, que ocorrem aos 5, 10 e 15 anos – com as competências do futuro: da literacia à numeracia, passando pelas competências socio-emocionais e pela capacidade de resolução de problemas.

FUNDAÇÃO SANTANDER

Literacia financeira impactou mais de 7 mil pessoas

■ 0 projeto de Literacia Financeira desenvolvido pelas fundações Santander Portugal e Dr. António Cupertino de Miranda impactou, no último ano, 7971 pessoas. A iniciativa tem como objetivo



preparar os mais novos para um futuro mais consciente e responsável.

Um dos destaques deste projeto está relacionado com o projeto "Maria e o segredo da poupança", que beneficiou 2377 crianças, com o apoio de 37 colaboradores. Um livro que reforça a importância de hábitos financeiros responsáveis desde cedo. ■

EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA E INOVAÇÃO SOCIAL

Comissão Europeia atribui prémio

F Promover a capacitação de professores em educação democrática e inovação social, através de uma abordagem colaborativa, internacional e multidisciplinar é o objetivo principal do projeto europeu EU-SIDE, que o Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) integra, e que acaba de ser premiado pela Comissão Europeia.

Com um financiamento de 1,5 milhões de euros, a iniciativa conta com a participação de 16 instituições parceiras, sendo o IPCA representado por uma equipa de professores provenientes de diferentes escolas da instituição. "O objetivo é construir uma comunidade de prática internacional, promovendo a colaboração transnacional entre professores e outros stakeholders da área da educação. Estes docentes trazem uma abordagem diversificada e integrada ao projeto, contribuindo para a criação de ferramentas educativas com vista à promoção da inovação social e dos valores



democráticos no ensino", refere Soraia Gonçalves, Pró-Presidente e responsável por esta candidatura da parte do IPCA.

O EU-SIDE propõe um programa de mobilidade e formação para professores, abrangendo educadores em formação e em serviço, desde o ensino primário até à educação e formação profissional (VET). Entre as 118 propostas submetidas, foi reconhecido pela sua abordagem inovadora e estratégica, integrando-se no plano de ação da rede RUN-EU e colaborando com o RUN-EPA para garantir o alinhamento com as prioridades educacionais da União Europeia.

O consórcio é liderado pela Universidade de Burgos (Espanha) e inclui como instituições de ensino superior parceiras: Häme University of Applied Sciences HAMK (Finlândia); NHL Stenden University of Applied Sciences (Países Baixos); University of Applied Sciences HOWEST (Bélgica); Technological University of the Shannon TUS (Irlanda); Politécnico de Leiria (Portugal); Politécnico do Cávado e do Ave IPCA (Portugal) e CFIE Burgos - Centro de Formação de Professores e Inovação Educativa (Espanha). ■

ESTÃO ABERTAS NO IPCA

Candidaturas para doutoramento

▼ O Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) tem aberta a 3.ª fase das candidaturas, até ao dia 31 de janeiro, do doutoramento em Engenharia da Digitalização.

Este é o primeiro doutoramento internacional a ser outorgado pelo IPCA, em parceria com o Politécnico de Leiria (IPL) e a Technological University of the Shannon (TUS) na Irlanda, no âmbito da Universidade Europeia RUN-EU.

"Esta colaboração internacional permitirá aos estudantes beneficiarem das infraestruturas, laboratórios e grupos de investigação das três universidades, promovendo um ambiente de pesquisa diversificado e de alta qualidade.

Concebido pela Escola Superior de Tecnologia do IPCA, o novo programa doutoral pretende desenvolver projetos de investigação nas novas tecnologias digitais aplicadas à automação de processos e serviços, como



os sistemas ciberfísicos, de robótica, de inteligência artificial, de Cloud e IoT, a tecnologia 5G (conectividade), assim como os sistemas energéticos sustentáveis e inteligentes, constituindo-se, no seu conjunto, como alicerces da transição digital na indústria e serviços, em particular nos setores industriais", diz a nota enviada à nossa redação.

O doutoramento visa, também, atrair profissionais qualificados para capacitar a indústria e as entidades públicas com responsabilidades de gestão do território para o aproveitamento destas tecnologias digitais emergentes, promovendo a inovação e facilitando o seu desenvolvimento. A forte ligação à indústria deste curso vai proporcionar aos doutorandos uma experiência prática e imersiva.

Integrado no projeto de formação avançada das três instituições envolvidas, o doutoramento tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento e consolidação de polos de competitividade e inovação em tecnologias digitais, alinhando o seu programa com as áreas de especialização inteligente das regiões onde se inserem as instituições, estabelecendo a articulação com programas europeus, e promovendo assim a internacionalização.

Desta forma, o programa visa não apenas formar recursos humanos altamente qualificados, mas também multiplicar atividades de investigação e potencializar a transferência de conhecimento e inovação nas regiões abrangidas pela RUN-EU, consolidando o IPCA como uma instituição de referência no ensino e na investigação aplicada.

Este é o primeiro doutoramento internacional a ser outorgado pelo IPCA, sendo que a instituição já leciona, atualmente, três doutoramentos em parceria ou associação com universidades portuguesas, nas áreas da Contabilidade, do Desenvolvimento de Jogos Digitais e do Design.

IPCA E CABO VERDE

Parceria com Mindelo

■ 0 Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA)e a Universidade do Mindelo (Cabo Verde) acabam de assinar um acordo de cooperação durante a visita que o reitor da universidade africana, Albertino Graça, fez à instituição portuguesa.

O protocolo estabelece uma parceria estratégica entre as duas instituições de ensino superior e abrange diversas áreas de interesse comum, com especial destaque para a promoção do intercâmbio académico e científico.

A assinatura deste protocolo simboliza não apenas o fortalecimento do ensino superior entre Portugal e Cabo Verde, mas também o reforço dos laços históricos e culturais que unem os dois países.

Com este acordo, o IPCA e a Universidade do Mindelo dão um passo significativo no sentido de consolidar uma relação que contribuirá para a internacionalização do ensino superior e para a criação de novas oportunidades académicas e científicas para ambas as instituições.





OPINIÃO

RJIES não reconhece quadros técnicos

O Ministério da Educação, Ciência e Inovação continua a manter na sua proposta de alteração ao RJIES, a designação redutiva e negativa de um dos corpos que corresponde hoje a um grupo profissional altamente qualificado. que vem dando suporte à boa administração e bom funcionamento das Instituições de Ensino Superior (IES), referindo-se a Lei a estes profissionais como "Não Docentes" e "Não Investigadores", apesar de muitos até já terem realizado investigação e concluído licenciaturas, mestrados e doutoramentos, que muito têm contribuído para a elevação da qualidade das instituições de ensino superior.

Apesar do esforço efectuado pelas instituições de ensino superior, nas ultimas décadas, de as dotar de quadros técnicos com competências específicas para assegurar condições para responder aos desafios que se colocavam e continuam a colocar. a nivel nacional e internacional, a proposta de alteração ao RJIES apresentada mantem a expressão "Não Docentes"," Não Investigadores", que tem vindo a ser usada para definir um grupo de profissionais apenas e só pelo que eles não são, isto em detrimento das qualificações, das funções, competências e contribuições específicas com que estes profissionais têm vido contribuir para as instituições de ensino e para o País.

No entanto, a oposição ao uso da expressão "não docentes" e "não investigadores", não versa apenas sobre questões linguísticas. Também abarca questões de justiça, de reconhecimento profissional e de equidade institucional, pelo que, para se superar esta terminologia negativa é requerido um esfor-

ço coletivo para que se adote uma designação que, justamente, valorize e reconheça a identidade e o papel crucial destes profissionais na comunidade educativa e fortaleça o respeito e a coesão no ambiente de trabalho, sendo que o uso linguístico de natureza negativa e redutiva carrega uma desvalorização e invisibilização do papel desempenhado por estes trabalhadores, gerando desmotivação e afetando a perceção de reconhecimento e valorização profissional, já que a identidade profissional dos trabalhadores é negada ou subordinada à de outra categoria profissional, conjuntura esta que é inaceitável no tempos atuais

As alterações verificadas, com a criação de novos currículos, nas candidaturas a projectos nacionais, europeus e internacionais, com novas actividades académicas, nas relações internacionais, transferência

de tecnologia, actividades de investigação científica e politicas de apoio social, exigia e exige quadros bem qualificados, com competências específicas nestas áreas. A realidade da situação actual é totalmente diferente da que se verificava quando da criação do RJIES.

Pelo que estes quadros técnicos, não se podem reduzir a uma designação abstrata, de NÃO DO-CENTES - NÃO INVESTIGADORES, que se teima em manter. Os quadros técnicos, com doutoramentos, mestrados, licenciaturas, formação técnica e administrativa especializada e específica, não se podem rever na designação na proposta de alteração ao RJIES apresentado pelo ministro da tutela, como NÃO DO-CENTES - NÃO INVESTIGADORES.

Várias instituições do ensino superior, já reconheceram esta situação e procederam a mudanças estatutá-



rias nesta designação. Por exemplo: Técnicos, Administrativos de gestão, ou simplesmente TÉCNICOS. ■

Rafael Serrenho ₹

Ex-Conselheiro do Conselho Geral da UTL Membro do Conselho Fiscal da ANFUP-Associação Nacional dos Funcionários das Universidades Portuguesas

OPINIÃO

Não faltam só técnicos, também escasseiam doutores

Muito se tem dito e escrito sobre a falta de recursos humanos nas mais diversas áreas. Acima de tudo, quem faz e analisa os respetivos balanços vê com preocupação a carência de trabalhadores indiferenciados em múltiplos setores de atividade, mas também a falta de técnicos que chegam ao mercado pela via profissionalizante.

Bem vistas as coisas, parece que as escolas profissionais voltaram ao centro do debate, apesar de muitas mentes ainda se encontrarem num estádio de quase total ignorância acerca do tema.

É verdade que no Ensino Profissional também existe oferta formativa desajustada da realidade do país. Mas é inegável que as escolas profissionais prestam um excelente serviço público, não só em termos pedagógico-científicos, dando os conhecimentos base necessários ao crescimento de um estudante do 10º ao 12º ano, mas também na integração de novos cidadãos ativos no mercado de trabalho.

Ao contrário do que por vezes

é mencionado, o Ensino Profissional não é, de todo, o último reduto para quem não se identifica com a palavra estudo. É, sim, a oportunidade de qualquer jovem poder, de forma constante, prática, adequada e imersiva, adquirir conhecimentos numa uma área na qual pretende desenvolver competências e construir uma carreira.

É normal que um estudante proveniente do Ensino Profissional consiga entender a linguagem técnico-científica de uma determinada licenciatura precursora à sua área de estudo bem melhor do que um aluno proveniente do ensino regular. Neste capítulo, os estudantes do profissional levam uma ampla vantagem, sem desprimor para os outros.

O facto de terem frequência obrigatória de um determinado número de horas dedicadas à formação em contexto de trabalho permite a sua integração em equipas experientes e um privilegiado crescimento individual através da interação com outros colaboradores, muitos deles com idade dos seus pais. Este tipo

de vivências dá-lhes maturidade.

Se tudo isto é entendível, convém ter presente o reverso da medalha. É verdade que há cada vez mais licenciados e mestres formados pelas instituições de Ensino Superior em Portugal. Mas onde estão os doutores?

A falta de doutorados é hoje uma realidade que afeta, acima de tudo, as instituições de Ensino Superior e os seus centros de investigação. Nas décadas mais próximas, umas e outros vão precisar de repor, ano após ano, docentes nos seus quadros, devido ao expetável e natural êxodo dos que seguirão para a (merecida) reforma.

Não me parece que a melhor desculpa para esta situação seja a questão remuneratória. Embora as tabelas de vencimento não sejam demasiado atrativas, elas estão acima da média, facilmente se equiparando aos salários da maioria dos profissionais qualificados que existem no país. Acredito que este seja sobretudo um caso de falta de interesse ou mero comodismo.

Outro fator importante poderá ser a nossa típica, e já crónica, limitação cultural que endeusa o desenrascanço enquanto método mais eficaz para a resolução de qualquer problema – se o desenrascanço ajuda a resolver, não precisamos de mais!

A questão é que, ao invés, deveríamos aguçar a nossa curiosidade e enaltecer a constante busca do saber em estado sólido. O problema salta à vista: como "desenrascamos" (solução reativa de curta duração para um determinado problema), nunca conseguimos chegar a uma construção de fundo que nos permita resolver algo de uma forma eficaz e duradoura.

Aos doutorados é-lhes pedido que investiguem de forma incessante, que analisem um problema de múltiplas formas, que façam balanços, que desenvolvam novos métodos e técnicas... sempre em busca de novas soluções e resoluções.

Esta figura do doutorado, sempre proeminente na vida académica, tem como poiso certo as salas de aula das universidades e politécni-



cos. Mas eles são – ou devem ser – cada vez mais o eco da inovação e os principais potenciadores do empreendedorismo, impulsionando start-ups de elevado valor acrescentado que geram postos de trabalho qualificados, criam e desenvolvem produtos ou serviços mais eficientes e sustentáveis, capazes de satisfazer as reais necessidades de todos os ecossistemas – tudo isto em consonância com os valores éticos que balizam a nossa vida em sociedade.

Daí os nossos votos: que venham mais técnicos e doutorados para 2025! ■

Tiago Cunha ₹ tiago.cunha@ipiaget.pt

EDITORIAL

Saber aprender a aprender

Face à delicada e problemática conjuntura que atravessa a escola pública portuguesa, o reforço da identidade do professor, o sentido da sua profissionalidade e o bemestar profissional, constituem, hoje, uma das grandes apreensões dos peritos em educação, dada a necessidade urgente de melhorar e aumentar, significativamente, a formação de novos docentes, de forma a renovar as práticas educativas cristalizadas nas nossas escolas,

Nos debates a que temos assistido e participado é aceite, genericamente, que os educadores devem ser profissionais que elaborem com criatividade conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade da escola e da comunidade que a envolve e condiciona. Neste tempo de acelerada evolução social, cultural, económica e tecnológica, os professores têm de ser vistos como parceiros na transformação da qualidade social da escola, compreendendo isso os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais que fazem parte e interferem na sua actividade docente.

Aos educadores cabe a difícil tarefa de apontar renovados caminhos institucionais, face aos novos e constantes desafios do mundo contemporâneo, com profissionalismo, ética e consciência da necessidade da sua intervenção social. Só assim estarão aptos a oferecer novas oportunidades educacionais aos alunos, por forma a que estes alcancem a construção e a reconstrução de saberes, à luz de um pensamento reflexivo e crítico.

A escola, como sabemos, desempenha um papel fundamental em todo este processo de formação de cidadãos aptos para viverem na actual sociedade da informação e do conhecimento. E cabe ao sistema educativo fornecer, a todos, por igual, os meios para dominar a proliferação de informações, de as selecionar, com espírito crítico, preparando-os para lidarem com uma enorme quantidade de comunicações que nos chegam, a todo o momento, dentro e fora do espaço escolar.

A importância do papel dos professores, enquanto agentes desta mudança, revela-se fundamental e insubstituível Eles têm uma função determinante na formação de valores e de atitudes, positivas e negativas, face ao processo de ensino e de aprendizagem e na criação das condições necessárias para o sucesso da educação formal e da educação permanente, motivando-os para a pesquisa e interpretação do conhecimento disponível e para a elaboração de um espírito crítico e socialmente útil.

Os aprendentes devem, progressivamente, desenvolver a curiosidade pelo mundo que os rodeia, fortalecer a autonomia do pensamento crítico e reflexivo e estimular o rigor intelectual, como forma de criar as condições para o "saber aprender a aprender", pilar fundamental para uma educação ao longo da vida.

Por sua vez, essa educação permanente deve constituir um direito de todos, (independentemente da idade, habilitações e percurso profissional), à aquisição de novos saberes e competências que lhes permitam participar na construção contínua do seu desenvolvimento pessoal e profissional, proporcionando-lhes instrumentos para a compreensão das mudanças, numa

sociedade em rápida evolução, instrumentos para identificar os seus interesses e direitos e desenvolvimento de capacidades para intervir e agir solidariamente.

Esse direito pressupõe a criação de condições para a actualização e domínio de novos saberes e tecnologias, a certificação das competências adquiridas, por via formal ou informal, nomeadamente as adquiridas ao longo da actividade profissional.

Uma estratégia de educação ao longo da vida tem de articular e dar coerência às suas várias vertentes: a formação inicial e a transição da escola para a vida activa; a acreditação e a certificação das competências, formais e informais; a educação e a formação de adultos, ou mesmo a formação permanente no local de trabalho.

O cenário educacional contemporâneo mostra, ainda, uma forte tendência: a crescente inserção dos métodos, técnicas e tecnologias de educação a distância num sistema integrado de oferta, sobretudo no ensino superior, permitindo o estabelecimento de cursos com combinação variável de recursos pedagó-



gicos, presenciais e não presenciais, sem que se criem dois sistemas separados, ou alternativos. Neste novo e prometedor cenário, o próprio conceito de educação a distância ganha uma dimensão renovada, tornando-se, na verdade, numa educação sem distâncias.

A escola é, sem qualquer reserva, a grande alavanca do desenvolvimento. Essa escola pública, democrática e inclusiva confere um estatuto meritocrático, imperdível e socialmente aceite e respeitado. Por isso, a sociedade do conhecimento sobreviverá se impulsionar o crescimento do capital humano e a promoção da aprendizagem em todo o tempo e em qualquer momento. Logo, atrofiar a escola e o investimento na educação compromete o futuro, de forma irreversível e irreparável.

João Ruivo ♥ ruivo@rvj.pt Este texto não segue o novo Acordo Ortográfico

PRIMEIRA COLUNA

Revisão ao RJIES: uma proposta para aprofundar e melhorar

Como prometido, o ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre, apresentou aos diferentes parceiros do ensino superior em Portugal uma primeira proposta de revisão ao Regime Jurídico do Ensino Superior (RJIES). O trabalho desenvolvido pelo anterior Ministério do Ensino Superior, liderado pela ministra Elvira Fortunato e pelo secretário de Estado, Pedro Nuno Teixeira, a que se juntou o da Comissão Independente para Avaliação da Aplicação do RJIES, presidida por Alberto Amaral, teve continuidade.

Fernando Alexandre deu um bom exemplo de como devem ser concretizadas as políticas públicas. Em vez de ceder à tentação de colocar na gaveta o trabalho realizado pelos seus antecessores, num Governo de um partido diferente, optou por avançar, de forma firme, com uma proposta que pretende colocar atualidade no sistema de ensino superior português.

O ministro não precisou de muito tempo para voltar a registar na

agenda política o RJIES. Apresentou um documento de trabalho que agora será aperfeiçoado tendo em conta os contributos dos diferentes atores do setor. São muitas as alterações sugeridas, as quais vão ao encontro do que Fernando Alexandre defendeu em diferentes fóruns.

Os reitores e os presidentes de politécnicos passam a ser eleitos de forma direta para um mandato único de seis anos, por um colégio eleitoral, com diferentes ponderações, composto professores/investigadores que valerão 30%; Estudantes da instituição (25%), Pessoal não docente e não investigador (10%) e antigos estudantes da instituição (25%). As percentagens agora propostas não serão as definitivas, e é importante que haja uma reflexão aprofundada.

O ministro optou por retirar os conselhos gerais da equação da eleição. Convenhamos que ao fazer isso, apenas está a impedir que os membros externos cooptados possam exercer o seu direito de voto,

uma vez que todos os restantes elementos o podem fazer na sua condição de professor/investigador, estudante ou de técnico da instituição. Se a ideia é abrir a eleição à comunidade, o que surge bem vincado pela entrada de alumni nos cadernos eleitorais, não se compreende o porquê de a sociedade civil não poder dar o seu contributo através do voto. Perante cadernos eleitorais tão grandes, a incorporação desses membros externos apenas reforçaria a sua ligação à academia, reforçando a sua responsabilidade perante todos. O que agora escrevo, defendi--o noutros fóruns na qualidade de Presidente do Conselho Geral da Universidade de Évora. Entendo que a eleição do reitor ou do presidente do politécnico deve ser feita por um colégio alargado de pessoas e a solução, agora proposta, que deverá ser alvo de ajustes nas ponderações, apenas peca por excluir os membros externos dos Conselhos Gerais.

A eleição de reitores ou presidentes, que certamente irá condi-

cionar escolhas e eleitos no futuro, é apenas um dos aspetos que poderão mudar. O sistema binário surge mais esbatido, os politécnicos que cumpram determinados requisitos podem assumir a designação de Universidades Politécnicas desde que confiram o grau de doutor. Uma medida que não acaba com o sistema binário (universitário versus politécnico) mas que na prática esbate diferenças, as quais ficam consubstanciadas em questões como a carreira docente. Numa outra perspetiva surgem mecanismos que abrem espaço a fusões e integrações. Processos onde a vertente económica não se deve sobrepor às componentes educativa, de investigação e, acima de tudo, de coesão social e territorial. Devem, por isso, ser tratados com transparência e pinças.

A autonomia das instituições e a desburocratizarão de universidades e politécnicos é também perseguida pela proposta. De facto é importante que os processos sejam



ágeis e que exista autonomia. Uma autonomia plena e responsável que garanta que impedimentos absurdos impeçam a instituição de fazer o seu caminho.

Os dados estão lançados. Finalmente o RIIES, criado em 2007, que em 2013 deveria ter sido revisto (o que nunca aconteceu) poderá ser adaptado aos novos tempos. Aquilo que se exige é que não se mexa no que está bem e que se altere o que comprovadamente deve ser alterado. Os últimos a ter a palavra são os partidos políticos na Assembleia da República. É chegada a hora de colocar os interesses do país à frente das lutas partidárias e do sound bite nas telefonias, televisão e redes sociais. Se não houver entendimento, todos perdemos. ■

> João Carrega ₹ carrega@rvj.pt



CRÓNICA SALAMANCA

Donantes de órganos en la Universidad

▼ Nos llega información de última hora sobre el éxito alcanzado en España por el programa médico de trasplantes de órganos de personas en el año 2024. Las cifras son reveladoras. Se ha alcanzado la elevada cantidad de 6400 trasplantes de órganos en los hospitales españoles, porque previamente se han concedido equivalente número de donaciones de órganos de personas fallecidas, y en algunos casos vivas.

Estos datos convierten a España en la primera nación del mundo en número de trasplantes de órganos, y no es algo puntual. De forma consecutiva, y a lo largo de los 26 años precedentes, nuestro país ocupa la primera plaza en todo el mundo de donaciones de órganos útiles para posteriores trasplantes de riñón. corazón, pulmones, hígado, páncreas, córneas, piel, entre los más frecuentes, a otras personas vivas que tienen dañados algunos de sus órganos, y los recibidos les resultan compatibles. Es un honor también para la Universidad de Salamanca que la hematóloga y directora general del programa nacional de trasplantes del Ministerio de Sanidad. Beatriz Domínguez-Gil, realizara sus primeros estudios de secundaria y medicina en Salamanca.

Este programa de trasplantes de órganos y tejidos es una de las joyas de la corona de la sanidad pública española, y es viva expresión del clima de generosidad que vive nuestra sociedad en este capítulo de la sensibilidad pública ante el dolor ajeno y el apoyo mutuo prestado por alguien que está dispuesto a hacerlo. Según destacan encuestas públicas específicas, ocho de cada diez españoles, en el momento de fallecer, están (mos) dispuestos a donar sus órganos, siempre que puedan ser de utilidad para otros enfermos.

A veces se manejan tópicos infundados sobre la extendida superficialidad en las conductas de los jóvenes, su egoísmo, superficialidad de conductas e individualismo. Sin ocultar que siempre, y ahora también, en las prácticas sociales coexisten conductas insolidarias con otras comprometidas y empáticas con el dolor ajeno, ahora es legítimo subrayar que deben tomarse en cuenta actitudes y hechos que hablan de solidaridad, entre personas adultas y mayores, pero también entre los jóvenes. El fenómeno de las donaciones de órganos para la ciencia, la sanidad y la prolongación de otras personas, a veces completamente desconocidas, habla por sí solo.

Si nos centramos en observar de manera más concreta lo que ocurre en las instituciones de educación superior, entre los jóvenes universitarios hoy podemos observar todo tipo de situaciones insolidarias, pero también, al mismo tiempo, otras conductas, las que hablan de compromiso y generosidad con los demás. Un ejemplo muy visible de lo que decimos, entre otros posibles, ha sido la respuesta masiva de los jóvenes universitarios españoles ante el drama ocasionado por la DANA de Valencia, ocurrida a finales del mes de octubre de 2024. Resultaba espectacular y emocionante ver cómo se encaminaban miles de jóvenes solidarios, muchos de ellos universitarios, a luchar en medio del barro por los derechos básicos de las personas afectadas en aquel drama colectivo, que necesitaban una respuesta urgente.

Los valores de la ciudadanía solidaria se construyen por la confluencia de muchos factores, ya sean lo vivido y aprendido en la familia, lo cultivado y compartido en la escuela obligatoria en variadas experiencias programadas para el fomento de la solidaridad y la ciudadanía por los equipos docentes, en los grupos de socialización juvenil, en experiencias emanadas de las vivencias religiosas de cada cual, en el devenir de la vida que circula a nuestro alrededor a través de los medios de comunicación, en los procesos de información presentes en redes sociales (que a veces también gozan de contenidos serios y amables, y no son pura perversión).

Las universidades también tienen su campo de acción posible entre los estudiantes, los profesores y el personal de apoyo a la docencia y la investigación, en el fomento de la sensibilidad y compromiso ciudadano, en especial con quienes más necesitan, por razones de extracción social, procedencia geográfica y cultural diversa, o como en el caso que aquí nos ocupa, el de los trasplantes, por razones de enfermedad grave que pueda subsanarse, si se consigue encontrar la solución de un donante del órgano que falla, del grupo sanguíneo que se precisa y que sea compatible con el que cada uno tenemos, del tejido o de la médula o sustancia que pueda ayudar a vivir a otros, si se dan las condiciones adecuadas.

Los servicios de Acción social de las universidades funcionan cada día mejor, con más eficacia y amplitud que nunca, contando con el apovo de las autoridades académicas, la actitud colaboradora de los sindicatos de enseñantes y del PAS, así como de las organizaciones y asociaciones estudiantiles reconocidas. Al menos si nos referimos a las universidades públicas, porque entre las privadas son muchas las que van exclusiva y escandalosamente al puro negocio, al mercadeo de títulos y obtención de divisas y se olvidan de cuestiones tan básicas como las enunciadas, propuestas desde el discurso de la solidaridad.

Uno se alegra cuando ve aparecer en los pasillos del centro universitario la camilla de donaciones y el personal de apoyo y son varios los estudiantes, profesores o personl de apoyo que se proponen como donantes. Es ilusionante desde una lectura cívica y moral de las conductas de universitarios las respuestas de acogida, cuando aparecen en los tablones de anuncios de las Facultades informaciones sobre una próxima visita del servicio de extracción de sangre, de una campaña de difusión



sobre la donación de médula ósea, de entrega generosa de tejidos o de órganos que se requieren para algún tipo de trasplante en los hospitales, o de la permanente invitación a colaborar en la lucha contra el cáncer.

Es obvio que los poderes públicos son los principales responsables de la correcta organización de estos procedimientos sanitarios y sociales, pero no son los únicos. En el campo concreto de los trasplantes de órganos, tejidos o médula es deseable una campaña permanente de tipo informativo y solidario para los jóvenes universitarios, quienes ellos mismos o sus familias podrán erigirse en donantes o receptores de órganos vitales para la salud de quien necesite el trasplante, cuando menos lo piensen, de forma ines-

Volvemos a insistir en la importancia de cultivar el espíritu generoso y la educación en valores y de la aportación permanente a la ciudadanía activa en la sociedad próxima o allá donde aparezca la necesidad, el ancho mundo.

La universidad tiene también su punto de responsabilidad en el tema de los trasplantes. Lo viene haciendo bien, pero la universidad no debe ser conformista, debe mantener una acción sostenida en los ámbitos de la docencia y la investigación, en su proyección y compromiso social respecto a esta contribución de la mejora de la sociedad que repreentan los trasplantes de órganos. ■

> José Maria Hernández Díaz 🔻 Universidad de Salamanca jmhd@usal.es



Publicação Periódica nº 121611 Dep. Legal no 120847/98

Redacção, Edição, Administração Av. do Brasil, 4 R/C 6000-079 Castelo Branco Telef.: 272 324 645 | Telm.: 965 315 233 www.ensino.eu | ensino@rvj.pt

Director Fundador

João Ruivo ruivo@rvj.pt

João Carrega carrega@rvj.pt

Vitor Tomé vitor@rvj.pt

Editor

Editor Gráfico

Rui Rodrigues ruimiguel@rvj.pt Castelo Branco: Tiago Carvalho

Guarda: Rui Agostinho Covilhã: Marisa Ribeiro Viseu: Luis Costa/Cecília Matos Portalegre: Maria Batista Évora: Noémi Marujo noemi@rvj.pt Lisboa: Jorge Azevedo jorge@rvj.pt Nuno Dias da Silva

Paris: António Natário Amsterdão: Marco van Eijk

Edição

RVJ - Editores, Lda.

Rui Salgueiro | RVJ - Editores, Lda.

Secretariado Francisco Carrega

Relações Públicas Carine Pires carine@rvj.pt

Designers André Antunes

Colaboradores: Agostinho Dias, Albertino Duarte, Alice Vieira, Antonieta Garcia, António Faustino, António Trigueiros, António Reis, António Realinho, Ana Castel Branco, Ana Caramona, Ana Rita Garcia, Artur Jorge Belo Gomes, Carlos Correia, Carlos Ribeiro, Carlos Semedo, Cecília Maia Rocha, Cristina Mota Saraiva, Cristina Ribeiro, Daniel Trigueiros, Dinis Gardete, Deolinda Alberto, Ernesto Candeias Martins, Fernando Raposo, Florinda Baptista, Francisco Abreu, Guilherme Lemos, Graça Fernandes, Helena Menezes, Helena Mesquita, Hugo Rafael, Joana Mota (grafismo), Joaquim Cardoso Dias, Joaquim Serrasqueiro, Joaquim Bonifácio, Joaquim Moreira, João Camilo, João Goncalves. João Pedro Luz. João Pires. João de Sousa Teixeira, João Vasco (fotografia), Joaquim Fernandes, Jorge Almeida, Jorge Fraqueiro, Jorge Oliveira, José Carlos Moura, José Carlos Reis, José Furtado, José Felgueiras, José Júlio Cruz, José Pires, José Pedro Reis, Janeca (cartoon), José Rafael, Lídia Barata, Luís Biscaia, Luís Costa, Luis Lourenço, Luis Dinis da Rosa, Miguel Magalhães. Miguel Resende. Maria João Leitão Maria João Guardado Moreira, Natividade Pires, Nuno Almeida Santos, Pedro Faustino Ricardo Nunes Rui Salgueiro Rute Felgueiras, Sandra Nascimento (grafismo), Sérgio Pereira, Susana Rodrigues (U. Évora)

Estatuto editorial em www.ensino.eu

Contabilidade: Mário Rui Dias

Propriedade:

RVI - Editores Lda. NIF: 503932043 Gerência: João Carrega, Vitor Tomé e Rui Rodrigues (accionistas com mais de 10% do Capital Social)

Assinantes: 15 Euros/Ano Empresa Jornalistica n.º221610 Av. do Brasil, 4 r/c Castelo Branco Email: rvj@rvj.pt Tiragem: 20.000 exemplares

Impressão: Jornal Reconquista - Zona Industrial - 6000 Castelo Branco



P

HERDADE DO OUTEIRO

IPBeja apresenta projeto

F Uma parte da Herdade do Outeiro, do Politécnico de Beja, vai ser transformada num polo de Investigação, Desenvolvimento e Inovação competitivo na resposta a desafios globais da 'Agricultura do Futuro' e totalmente alinhado com as políticas e estratégia definidas pela União Europeia. O anúncio público foi feito a 15 de janeiro, no anfiteatro da Escola Superior Agrária, durante a pré-apresentação dos resultados do estudo 'Herdade do Outeiro: Visão Estratégica 2030'.

O evento contou com várias dezenas de participantes que anteriormente haviam integrado as sessões temáticas, contribuindo, com as suas reflexões e opiniões, para a construção da visão estratégica futura da Herdade do Outeiro

O estudo apresentado é composto por seis secções principais, onde se apresenta as capacidades atuais da Herdade do Outeiro, seguida da abordagem metodológica, da Estratégia 2030 e do Plano Operacional, bem como dos mecanismos de monitorização e avaliação do cumprimento dos indicadores.

O estudo identificou onze domínios temáticos que reúnem competências e conhecimentos científicos e tecnológicos fundamentais para posicionar a Herdade do Outeiro como um centro de excelência em I&DI Para tal, o Plano Operacional proposto estrutura-se em três fases que se diferenciam pelos níveis de maturidade.

A Fase I corresponde a etapas preparatórias que englobam o estudo e planeamento,



constituição legal, construção/restauro e limpeza dos espaços, reequipamento, entre outras, para criar as condições ideais para dar início ao funcionamento/atividade do Polo de IĈID para a Agricultura do Futuro, incluindo laboratórios e campos de experimentação, Casa-Museu e Biblioteca, atividades recreativas, turísticas e de lazer

A Fase II engloba as etapas que vão desde o arranque da atividade do Polo de I&D até ao pleno funcionamento dos diferentes Setores do Conhecimento. Inclui ainda o início do funcionamento da Casa-Museu, Biblioteca, atividades recreativas, turísticas e de lazer, até ao seu pleno funcionamento.

Finalmente, na Fase III estão definidas etapas dedicadas a alavancar as atividades em pleno funcionamento praticadas na Herdade do Outeiro, consolidando o seu posicionamento nacional e a sua expansão internacional.

O estudo prevê a realização até 2030 de investimentos com impacto social e ambiental de 15 milhões de euros, mensurável no território, maioritariamente suportados em instrumentos de financiamento obtidos de forma individual ou em cooperação com outras organizações.

INSTITUTO MIGUEL TORGA

Manuel Menezes em obra editorial

Manuel Menezes, docente do Instituto Superior Miguel Torga (ISMT), integra a recente publicação 'Redes e Parcerias em Territórios e Municípios: Mediação Intercultural e Intervenção Social', editada pela Afrontamento. A obra, coordenada por um grupo de investigadores, reúne contributos que destacam a importância da mediação intercultural na construção de comunidades mais justas e inclusivas.

O capítulo assinado por Manuel Menezes incide sobre o tema 'Crianças em Risco e/ ou Perigo: Participação, Dinâmicas e Responsabilização das Comunidades Locais na sua Proteção'. No texto, salienta a importância da participação e responsabilização das comunidades locais na proteção das suas crianças e jovens. Reflete sobre o funcionamento das parcerias territoriais, do trabalho em rede e, consequente envolvimento das diferentes entidades, serviços ou organismos presentes no território.

A publicação destaca ainda a relevância das redes e parcerias no desenvolvimento de projetos locais que promovam a convivência intercultural e a participação cidadã. Os textos compilados na obra sublinham a complexidade das relações entre diversos atores sociais e a necessidade de adotar abordagens baseadas na escuta ativa e no diálogo construtivo.

POLITÉCNICO DE VISEU

EST desenvolve equipamentos

■ 0 Departamento de Engenharia Eletrotécnica da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu (IPV) está a projetar, desenvolver e construir equipamentos essenciais para a formação em diversos cursos, o que permitiu reduzir custos associados à aquisição de equipamentos no mercado, mas também a personalização de soluções alinhadas às necessidades de estudantes, professores e, sobretudo, do tecido empresarial.

Um dos exemplos são os sistemas de Ensino de Energias Renováveis, equipamentos que permitem a simulação e análise de sistemas de energia limpa, capacitando os alunos com conhecimentos teóricos e práticos sobre fontes renováveis. Outros equipamentos ajudam a compreender melhor os princípios de diferentes cargas do sistema elétrico, oferecem precisão e confiabilidade para estudar o consumo, eficiência e qualidade da energia elétrica ou permitem a compreensão aprofundada dos conceitos relacionados à transformação e medição de energia elétrica em sistemas de potência.

Segundo os responsáveis pelo desenvolvimento dos equipamentos, aqueles sistemas de ensino destacam-se pela sua durabilidade, versatilidade e alinhamento com as tendências mais recentes da engenharia eletrotécnica, garantindo que os estudantes tenham acesso a ferramentas que os formem para situações reais de trabalho.

INPUTS PARA UMA REGIÃO MAIS SUSTENTÁVEL

Beja participa no Projeto INCOME

I O Instituto Politécnico de Beja é uma das entidades que integra o Projeto 'Inputs para uma região mais sustentável' (INCOME), o qual define instrumentos para a gestão de zonas contaminadas por metais, propondo a criação de um modelo de gestão ambiental para áreas mineiras contaminadas por metais potencialmente tóxicos. Tal é fundamental para o território, vivências e atividades à volta da Mina de São Domingos.

A primeira sessão participativa no Salão Musical da Mina de São Domingos, a 13 de novembro, contou com a colaboração das docentes Albertina Raposo, Anabela Durão, Júnia Ferreira e Patrícia Palma e das alunas de mestrado e doutoramento Nadine Semedo, Adriana Catarino e Mariana Custódio (IPBeja). Os resultados da sessão estão agora a ser sistematizados e serão devolvidos à população.

O evento, organizado pelo Instituto Politécnico de Beja e Universidade de Évora, em parceria com a Fundação Serrão Martins e Câmara Municipal de Mértola, reuniu elementos da população da Mina de São Domingos e representantes das seguintes entidades: Junta de Freguesia Santana de Gambas, Comissão de Moradores da Mina de São Domingos, São Domingos Futebol Clube, Associação de Reformados, Grupo Coral da Mina, Guarda Nacional



Republicana, Câmara Municipal de Mértola, Fundação Serrão Martins, Universidade de Évora, Instituto Politécnico de Beja e Empresa de Desenvolvimento Mineiro SA.

O modelo do INCOME irá integrar os resultados da aplicação de um conjunto de métodos e instrumentos de análise para a monitorização das áreas contaminadas, tais como, análise biofísica, química de solos e águas, geofísica, deteção remota hiperespectral e inteligência artificial. Os inputs para as regiões contaminadas serão alcançados através da otimização e poupança de recursos nas



etapas de amostragem e análise, controle e gestão da contaminação por metais em tempo real.

O projeto é apoiado pelo Programa Promove da Fundação "la Caixa", em colaboração com o BPI e em parceria com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). A investigação é desenvolvida por um consórcio que reúne Instituições de Ensino Superior, Centros de Investigação e Entidades Públicas e Privadas, que relaciona e integra a investigação realizada com o conhecimento e a informação dos stakeholders do projeto. ■

DE GASTRONOMIA CIENTÍFICA

ESHTE representa Portugal em fórum mundial

Três docentes da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE) acabam de assumir a liderança da recém-criada delegação portuguesa do Science and Cooking World Congress (SCWC), o mais prestigiado fórum internacional de gastronomia científica. Portugal terá assim, pela primeira vez, representantes oficiais no espaço de partilha de práticas e conhecimentos que nasceu em Barcelona e que conta já com 27 polos em todo o mundo.

A ESHTE, representada pelos professores José Pestana, Nelson Félix e Carlos Brandão, associa-se desta forma a um movimento coletivo que explora o vasto potencial da gastronomia científica como uma ferramenta para enfrentar grandes desafios sociais, incluindo os da sustentabilidade, da segurança alimentar e da inovação.

O SCWC surgiu em 2019 e assumiu-se progressivamente como um projeto com dimensão global, ultrapassando os limites do congresso que esteve na sua origem



e que se realiza anualmente na Catalunha. Ao longo de cinco edições, o Science and Cooking World Congress acolheu 210 especialistas, de 32 nacionalidades, potenciando 196 apresentações, 16 mesas redondas, 28 sessões de trabalho e 36 workshops sobre a temática.

"Eu e o professor e chef Nelson Félix estivemos em Barcelona a assistir ao congresso realizado em novembro de 2024, com delegações de mais de duas dezenas de países, e surgiu, entretanto, um convite oficial da organização para formarmos a delegação portuguesa do SCWC, colmatando uma lacuna evidente", explica José Pestana, professor e coordenador da Área Científica de Saúde, Ciência e Tecnologia dos Alimentos da Escola Superior da Hotelaria e Turismo do Estoril.

A representação nacional conta igualmente com Nelson Félix - chef, professor e Cocoordenador da Área Científica de Hotelaria e Restauração da ESHTE – e Carlos Brandão, professor de Segurança Alimentar na gastronomia e Presidente da instituição.



POLITÉCNICO DE SANTARÉM

FCT avalia Centro de Qualidade de Vida

A Escola Superior de Educação do Politécnico de Santarém recebeu, no passado dia 9 de janeiro, a visita do Painel de Avaliação da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

A visita de trabalho decorreu ao Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV), e pretendeu avaliar a implementação do programa plurianual de financiamento de unidades de I&D da FCT. ■

POLITÉCNICO DE SANTARÉM

Brasil e Portugal criam Núcleo

■ O Núcleo da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) em Portugal foi criado durante o encontro que reuniu especialistas portugueses e brasileiros, realizado no passado dia 10 de janeiro. O evento decorreu na Escola Superior de Educação de Santarém e constituiu um

momento de reflexão sobre o tema "Educação a Distância em Portugal e no Brasil".

O Politécnico de Santarém é membro associado do novo Núcleo que agora irá estreitar as relações entre os dois países e fomentar o ensino a distância. ■

GOCEAN DECK

POLIEMPREENDE EM VISEU

Gocean Deck vence fase regional

■ 0 Instituto Politécnico de Viseu procedeu à entrega de prémios da 20š edição do Concurso Regional Poliempreende 2024, a 10 de dezembro, tendo distinguido as ideias de negócio vencedoras do concurso regional. Venceu a ideia 'Gocean Deck', seguida de BUCKET e do projeto Spormuv.

A sessão contou com os testemunhos de dois empreendedores de sucesso que tornaram a tarde muito profícua, geradora de boas aprendizagens: Fátima Ribeiro partilhou a experiência de criar a FR Travel Viagens e Turismo e Pedro Dias falou sobre o desafio de criar a Piranha Global.

IPCB

Unanimidade dos conselheiros aprova plano de atividades

▼ 0 Conselho Geral do Instituto Politécnico de Castelo Branco aprovou por unanimidade, no passado dia 8 de janeiro, o Plano de Atividades para o ano de 2025, disse ao Ensino Magazine a instituição.

As medidas previstas no Plano de Atividades 2025 estão inseridas no orçamento da instituição no valor de 29,1 milhões de euros. A aposta é feita nos eixos "Ensino e Formação, Investigação, Desenvolvimento e Inovação, Comunidade, Governança Responsável e Instalações".

De acordo com o IPCB, "as ações planeadas visam a evolução do Politécnico de Castelo Branco para uma instituição de ciência e ensino superior cada vez mais moderna, mais especializada, mais sustentável e mais importante no desenvolvimento económico, social e cultural da região bem como na valorização das pessoas".

"O documento insere-se na estratégia da instituição para o



quadriénio 2023/26, apresentando ações concretas para o cumprimento dos objetivos propostos, indicadores de concretização para cada medida, resultado pretendido e responsabilidade na concretização", revela o Politécnico.

Citado na mesma nota, o presidente do IPCB, António Fernandes, refere que o "plano representa não apenas um conjunto de medidas concretas e estruturadas, mas também a reafirmação do compromisso da instituição com a excelência e com o futuro. A aprovação por unanimidade pelo Conselho Geral é um reflexo da confiança e marca um passo decisivo para tornar o Politécnico de Castelo Branco numa referência em ensino, investigação e no desenvolvimento do país e da região onde se insere".

O documento é publico e está disponível para consulta na página do IPCB na Internet. ■



LUÍS LEON, FISCALISTA

A política transformou-se na arte de inventar desculpas

Portugal debate-se com um «atraso histórico de séculos» e pouco faz para mudar de vida. A opinião é do fiscalista Luís Leon que afirma que o principal problema do país não é de natureza fiscal, mas sim de caráter cultural.

«Nada é mais certo neste mundo do que a morte e os impostos.» A frase foi celebrizada, no século XVIII, por Benjamim Franklin. Apesar desta espécie de «fatalidade», defende que a população, de uma forma geral, desconhece o motivo pelo qual paga impostos. E até dá o exemplo do pagamento que cada residente faz do seu condomínio. É apenas um exemplo de que falta literacia fiscal e financeira?

O problema do país é, em primeiro lugar, cultural. E estou muito cético que nas próximas gerações essa situação seja resolvida porque as escolas não preparam os estudantes para a vida em sociedade. O que é o IRS? Que impostos é que pagamos? Devem ser poucos os portugueses que quando vão abastecer o seu veículo a uma bomba de gasolina sabem que a maior fatia do que pagam é impostos. Ou até quando vão ao supermercado. Existe sempre uma lógica confrontacional na sociedade que é prejudicial, quando todos contribuimos para o mesmo bolo que é o Orçamento do Estado. Efetivamente, costumo utilizar, em intervenções públicas, o paralelo entre os impostos que os cidadãos pagam e o condomínio que o proprietário de uma fração de um prédio tem de liquidar. Os impostos são uma conquista da civilização. Historicamente, os impostos surgiram para defender os cidadãos da gula do Rei. São receitas comuns da sociedade que são canalizadas para despesas comuns da sociedade.

Ou seja, para haver despesa pública é preciso receita e os impostos são o grosso dessa fatia?

Irrito-me solenemente quando oiço que os medicamentos, os serviços médicos ou os livros são gratuitos. Nada é gratuito. A questão é quem paga? O contribuinte através dos impostos. Falta muitas vezes esta cultura na discussão no espaço público. Nos últimos 20/30 anos as dicussões políticas deixaram de estar baseadas em convicções e modelos de sociedade para passarem a ser um pouco mais ao sabor do vento e dos cliques das redes sociais.

Mas pagamos muitos impostos ou a contrapartida pelo que pagamos é insuficiente, nomeadamente nos serviços públicos, educação e saúde?

Com o devido respeito, se o país continuar a insistir em fazer as perguntas erradas vai ser impossível chegar às respostas certas. O problema do país não é a carga fiscal, o problema é que somos um país de pobres e pelintras. Até os nossos ricos são pelintras. O debate não deve ser sobre a carga fiscal em si, mas a forma como incide sobre montantes miseráveis. Veja-se a discussão sobre a fortuna e comparemos com os Estados Unidos. Lá temos os bilionários, enquanto cá falou-se de impostos sobre a fortuna a partir de um T2 na Lapa. Isto é comparar alguém que tem uma riqueza maior que o PIB português com a aquisição de um imóvel por três milhões de euros. Isto



é digno de um país de pelintras, incluindo as nossas elites ricas, que já nem bancos a sério, os de retalho, têm em seu poder. Neste país somos contra ser ricos, contra a criação de riqueza e odiamos querem gera riqueza. Exceto, claro, se for jogador de futebol. Isto é cultural. O recente caso de Hélder Rosalino é paradigmático. la ganhar 15 mil euros no governo e levaria para casa, números redondos, 8 mil euros líquidos. Foi um escândalo. Ao mesmo tempo ninguém ousa discutir os salários dos plantéis de Benfica, Sporting e Porto. Um país que é contra a riqueza continuará, certamente, a ser pobre. Portugal continua obcecado com as desigualdades. E combate as desigualdades tirando a quem produz. Temos é de tentar combater a pobreza, mas isso também não se faz atribuindo subsídios. Faz-se capacitando e treinando as pessoas, dando-lhes formação profissional e criando grandes empresas.

Não estamos a fazer, enquanto país, o suficiente para conservar entre nós os melhores dos nossos compatriotas?

Vi esta semana uma entrevista de um jovem português dono de uma "startup" de aplicação de Inteligência Artificial (IA) em fisioterapia. Após finalizar a tese de doutoramento quis transformar a sua ideia num produto. Conseguiu 150 mil euros e depois 250 mil. Mas ninguém no SNS lhe abriu a porta para ensaios. Sem perspetivas, mandou um email para um dos maiores fundos americanos de investimento para "startups" na área da saúde. Recebeu uma resposta 24 horas depois. Fez a sua apresentação, convenceu e recebeu 20 milhões de dólares para lançar o produto. Hoje a sociedade que lidera é uma grande empresa nos Estados

Unidos. Quanto é que Portugal fatura com isto? Zero. Penso que respondi à sua pergunta...

O IRS Jovem e o IRC foram os temas âncora do debate sobre o OE 2025. Que impacto terão estas medidas?

É triste que as duas medidas estrela e bandeira do documento não valham o papel onde estão escritas. O IRS Jovem resolve zero problemas e não atrai ou retém qualquer talento. Ninguém cá vai ficar por causa disso. A nossa educação gera boas competências e os portugueses são, por natureza, pessoas com uma capacidade de adaptação invulgar. Não é de admirar que outros países venham cá buscá-los e lhes ofereçam o triplo. O drama dos jovens é este. Com uma economia pequena, pobre, periférica e irrelevante à escala mundial, o que é que estamos a fazer para mudar? Rigorosamente nada.

E no caso do IRC podia ter-se ido mais longe?

A redução de um por cento foi insuficiente. È melhor do que nada? È. Mas dificilmente mexerá o ponteiro da competitividade. Todos os estudos mostram que há uma correlação direta entre a tributação das empresas e o crescimento económico. Não é uma bala mágica, mas há uma ligação muito direta. Porquê? Se as empresas têm mais dinheiro, podem investir mais, nomeadamente em ativos. Depois lá vem a extrema-esquerda, com o argumento do costume, que isso só serve para distribuir lucros. O dinheiro só por si não vale nada, o que interessa é ter ativos. Guardar o dinheiro num cofre só o fará desvalorizar devido à taxa de inflação.

CARA DA NOTÍCIA

O explicador dos impostos

Luís Leon nasceu em Lisboa, em agosto de 1975. Viveu no Canadá e regressou em 1984. Licenciado em Direito, desenvolveu uma carreira de 20 anos como consultor fiscal numa das "big four", a Deloitte, tendo sido promovido a "partner" em 2014 e tornou-se líder da equipa de tributação individual (IRS) em 2020. Em 2022 criou a sua própria empresa, a ILYA. Para além de formador certificado é presença regular na comunicação social para explicar o intrincado mundo dos impostos, em particular as medidas constantes nos orçamentos do Estado. ■

Qual seria a medida absolutamente incontestável e que traria, garantidamente, resultados?

Nenhuma. E esse é o problema do país. Não há nenhuma medida que resolva um atraso histórico de séculos. E a questão reside essencialmente na cultura. Há é um caminho que é preciso traçar e que tem a sua raiz na cultura. «Pobres, mas honrados» é o ditado popular português que mais me tira do sério.

É isso que acaba por explicar a baixa produtividade?

Acrescenta-se pouco valor, mas nem sempre o problema está no trabalhador, está sim na empresa por não ter os equipamentos e os investimentos necessários, bem como a marca. O pais desbaratou, nas últimas décadas, rios de dinheiro em pontes, autoestradas e afins, quando devia ter tido outras prioridades e estaria hoje a recolher esses frutos. Falta disseminar uma cultura de empreendedorismo desde muito cedo, como eu vi no país onde residi nove anos, o Canadá. É estranho como o país dos Descobrimentos que "deu novos mundos ao mundo" não seja hoje um país de empresários. O caminho não passa por ser trabalhador por conta de outrem, passa sim por arriscar, inovar e criar. Em Portugal falhar não devia ser visto como cadastro, mas sim como currículo. Falhar significa que se aprendeu. Só não falha quem não arrisca.

Sobre a IA existem estudos que apontam para uma massiva destruição de postos de trabalho, logo, menos pessoas a contribuir com impostos para a segurança social. A tributação das máquinas pode ser uma inevitabilidade?

A evolução da história da humanidade diz que esse cenario catastrófico é uma falácia. Ainda nem sabemos que empregos é que a IA vai criar. Como sei o que vou tributar? Já tivemos esta discussão, anteriormente, com a revolução industrial. Temos é de estar preparados para a transição. As revoluções tecnológicas do passado sempre ditaram melhor qualidade de vida e melhores postos de trabalho. No futuro os trabalhadores vão executar as tarefas com outras ferramentas. O que mudará são as competências e as capacitações necessárias dos trabalhadores. Alguém hoje discute o drama das datilógrafas ou das telefonistas? Não, essas profissões morreram. Paz à sua alma! A única diferença nestas mais recentes evoluções tecnológicas é que, nos últimos anos, o tempo entre a criação e a massificação de um produto está a ser encurtado.

Mas antevê a criação de novos impostos?

A política transformou-se na arte de inventar desculpas para criar novos impostos. A IA será mais uma tentação, certamente. E que recairá, inevitavelmente, sobre as empresas que vão ser beneficiadas pela tecnologia. Isto numa primeira análise. Depois pagará o contribuinte, seja ele cidadão, cliente ou empresário.

Nuno Dias da Silva ♥ Direitos Reservados ☑



PELA OBJETIVA DE J. VASCO

Por fim!



₹ Tudo tem um fim para se transformar noutra coisa. Começámos em 2007 e ao longo de quase 18 anos aqui colaborei com quase 250 imagens, entre o caderno principal e o Ensino Magazine Jovem. Foi um prazer, espero que tenham gostado. Ao longo de todo este tempo, naturalmente, o tempo foi passando, devagarinho mas persistente, hoje, com 71 anos de idade, para além do cansaço sinto-me esgotado de ideias e julgo que "Pela objetiva de J. Vasco" foi deixando de fazer sentido. Resta-me agradecer ao jornal e, na pessoa do João Carrega, a todos os que colaboraram comigo, sem vocês nada disto teria existido.

Por fim, fortes desejos de um futuro cheio de luz para o jornal e para cada um de vocês. Até sempre. Um grande abraço. ■

ALIMENTAÇÃO ANIMAL COM PROJETO

Viseu estuda novos ingredientes

■ Uma equipa de investigadores da Escola Superior Agrária de Viseu (ESAV) desenvolveu uma abordagem pioneira para a obtenção de ingredientes antimicrobianos naturais, destinados a serem usados como aditivos em alimentos para ave, ou seja, pretende encontrar alternativas eficazes aos antibióticos que possam melhorar a saúde e o desempenho dos animais.

A investigação resulta do projeto BioFeed 'Antimicrobianos de base natural na alimentação de aves para melhorar o desempenho e saúde animal', financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, liderado por Cláudia Neves e Dulcineia Wessel, cuja equipa integra os investigadores Jorge Oliveira, António Pinto, Helena Vala, Catarina Coelho, Carla Garcia, José Manuel Costa, Morgana Macena e Maria Isabel Santos.

Durante anos, a produção animal intensiva utilizou antibióticos como promotores de crescimento, mas o seu uso abusivo levou à proibição na União Europeia, devido a questões relacionadas com a resistência antimicrobiana e possível impacto na saúde humana. Apesar disso, cerca de 40 países no mundo ainda recorrem a essa prática.

Com a necessidade de encontrar alternativas mais seguras e sustentáveis, o projeto focase na exploração de compostos naturais presentes na colofónia, um produto proveniente da destilação da resina de pinheiro. Um ensaio experimental com frangos mostrou que, ao adicionar compostos derivados desse material à alimentação das aves, foi possível modelar o seu metabolismo e consequentemente melhorar a qualidade nutricional da carne.

O sucesso da investigação foi reconhecido



no 24º Congresso Nacional de Zootecnia, ZOOTEC 24, realizado nos passados dias 7 a 9 de novembro, onde a investigação recebeu o prémio APEZ-IACA pela melhor comunicação oral apresentada na área da Nutrição e Alimentação Animal.

Este prémio, organizado em parceria entre a Associação Portuguesa de Engenharia Zootécnica (APEZ) e a Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais (IACA), distingue o melhor trabalho na área da alimentação animal, premiando a inovação, o rigor científico e o impacto na prática da Zootecnia, tendo sido considerado um exemplo.

Para além da sua equipa multidisciplinar, o projeto conta também com o apoio da indústria, representado pela participação da investigadora Célia Lopes da Pinopine - Produtos Químicos, S.A., empresa sediada em Aveiro especializada na produção de derivados de colofónia. Também integra a investigadora Graça Neves, consultora da Universidade de Aveiro, bem como uma parceria internacional com o investigador Enrico Sanjust da Universidade de Cagliari. ■

PROPOSTAS

Livros & Leituras

T Eu Vi o tempo Assassinar-me (Assírio & Alvim), de Dylan Thomas (1914-1953), uma antologia do mais celebrado poeta galês contemporâneo, com selecção, tradução e textos de Frederico Pedreira, que vem colmatar



uma lacuna na edição nacional, apresentando uma obra poética que inventou a sua própria tradição, eco distante dos bardos de outrora.

Retrato do Artista quando Jovem Cão (Penguin Clássicos), de Dylan Tomas, com tradução de Manuel Alberto Vieira e introdução de Frederico Pedreira, publicado em 1940, reúne contos onde o poeta revisita a infância e adolescência vivida em Swansea, num "percurso apaixonado em busca de uma identidade artística" ao encontro de uma voz muito pessoal.



O Maior Poeta da China (Temas e Debates), de Michael Wood, com o subtítulo "Nos passos de Du Fu", renomado poeta chinês que viveu entre 712 e 770, numa época de grandes desastres de guerra que ensombraram o legado dinastia Tang,

amigo de Lo Po, outro grande das letras clássicas chinesas, um livro que é uma fabulosa viagem pela China actual em busca do tempo em que o poeta ergueu a sua majestosa obra, amada ainda hoje.

Mortes fabulosas dos antigos (Cavalo de Ferro), de Dino Baldi, viagem pela antiguidade clássica greco-romana mas não só, para nos contar como foi o passamento desta para outra melhor, de personagens célebres desde Sócrates ou Cícero, de poetas obscuros a generais romanos, exércitos, cidades, mortes violentas, aparentes, súbitas ou suicídios, num reportório, ao mesmo tempo exemplar e exuberante, de como a morte encontra sempre quem não a procura ou deseja.

Maimónides (Tinta-dachina), de Alberto Manguel, com o subtítulo "Fé na razão", é a biografia do grande filósofo, teólogo e médico medieval (1138-1204), nascido em Córdova numa família hebraica, autor do

PORTUGUESA



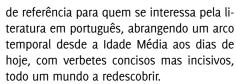
célebre "Guia dos Perplexos, cuja existência qui acompanhamos pela pena do conhecido bibliófilo, resultando numa exaltante revisitação da vida e da obra deste filho da Andaluzia, e que perdurou nos séculos vindouros.

Os Imbecis (E-Primatur), com organização e introdução de Larissa Shotropa, com o subtítulo "E outros textos clássicos de escritoras russas", inclui 13 dos maiores nomes da literatura russa no feminino, desde o século XIX até ao Modernismo do início do século XX, é um óptimo contributo para dar a conhecer este

timo contributo para dar a conhecer este
universo literário até aqui
desconhecido entre nós.

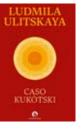
História Global da Literatura Portuguesa (Temas

História Global da Literatura Portuguesa (Temas e Debates), com prefácio de José Carlos Seabra Pereira, e uma vasta gama de colaboradores, é uma obra



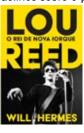
As Aventuras de Augie March (Quetzal), de Saul Bellow, em reedição, uma das mais esplendorosas obras do Prémio Nobel de 1976, publicado em 1953, é uma aventura picaresca da vida mirabolante do protagonista, um anti-herói vagabundo, que cresceu durante a Grande Depressão, história irónica de uma vida cheia de personagens e acontecimentos espampanantes fazem deste romance uma cornucópia de excelente literatura.

Caso Kukótski (Cavalo de Ferro), de Ludmila Ulitskaya (n. 1943, Urais), premiada escritora russa, onde a grande matriz do romance russo de Pasternak a Bulgákov se afirma, como neste livro, que



acompanha meio século da história convulsa e dilacerada do seu país, onde se derramam os grandes temas como a religião e ciência, moral e liberdade, família e vida.

O Lago da Criação (Relógio d'Água), de Rachel Kushner, romance deslumbrante, narrado pela protagonista, uma agente infiltrada numa comuna francesa de ecologistas, para desbaratar os planos de sabotagem, que estes congeminam sob a batuta de um guru de boas famílias, à sombra de um misterioso eremita e mentor, que acaba por transformar a visão da jovem agente provocadora com os seus delírios sobre o passado da espécie.



Lou Reed (Casa as Letras), de Will Hermes, com o subtítulo "O Rei de Nova lorque", é a fabulosa biografia músico e cantor que marcou uma época com canções emblemáticas e actuações turbulentas e me-

moráveis, um visionário da música popular norte-americana, percursor de muitos outros, e que ainda hoje ecoa no panorama musical.

Viva Frida (Planeta), de Gérard de Cortanze, biografia da incomparável e extravagante artista mexicana, por um dos mais reputados apaixonados conhecedores da sua obra, feita de arrebatamentos, contradições e muito sofrimento físico, que ela transmutou em vida numa obra de arte de "terrível beleza", que ainda hoje impressiona quem a contempla.

O Fim de Tudo (Ideias de Ler), de Victor Davis Hanson, historiador militar, analisa como a queda abrupta e a destruição de quatro grandes cidades, Tebas, Cartago, Constantinopla e Tenochtitlán, significaram o fim de uma cultura e de



todo um modo de vida, sem deixar rasto, e de como as sociedades modernas não estão ao abrigo de hecatombes semelhantes. ■

José Guardado Moreira 🤻

Este texto não segue o novo Acordo Ortográfico

BOCAS DO GALINHEIRO

In Memoriam David Lynch

Roubando o título de uma canção dos UHF, "David Lynch morreu". Apesar de o realizador no ano passado ter anunciado que já não saia de casa devido ao enfisema pulmonar de que sofria, ver partir mais uma das nossas referência, dói.

Desde o primeiro momento que me senti atraído pelo universo de David Lynch, não só como cineasta, mas também como artista, compositor e músico. Adiante chegaremos aos filmes, mas no que à música diz respeito é conhecido pelas suas colaborações com diferentes artistas e grupos musicais, nomeadamente na criação de videoclipes com Donovan, Interpol ou Chrystabell (que tivemos oportunidade de ver e ouvir num concerto inesquecível no Cine-Teatro Avenida há uns anos), marcantes na sua estética visual, agregando os universos musical e cinematográfico numa exímia combinação de som e imagem. Arrisco que no âmbito musical a sua parceria com Chrystabell será a mais profícua e duradoura desta sua faceta, tendo editado em 2024 o álbum "Cellophane Memories", de que saíram igualmente videoclipes realizados por Lynch. Por seu lado Chrystabell também é actriz na série Twin Peaks (2017), dirigida pelo cineasta.

Nascido em Missoula, no Montana, a 20 de Janeiro de 1946, David Lynch passou por várias cidades americanas e umas tantas escolas até a família se fixar em Filadélfia, onde realizou a sua primeira curta, sendo que com *Alphabet* e *The Grand-Mother*, respectivamente de 1968 e 1969, ganhou uma bolsa do Centro de Estudos Fílmicos do American Film Institut. A sua primeira longa-metragem *Eraserhead*, estreou em 1977, depois de vários



anos de tentativas para encontrar financiamento. Sem grande aceitação, o filme acabou por ser um êxito nas então conhecidas sessões a meia-noite depois de Ben Barenholtz ter comprado os direitos do filme. Um filme que podemos catalogar como surrealista, cuja banda sonora se destaca (aliás os diálogos são parcos), como veio a ser marca do realizador, como se disse também músico e compositor (não há coincidências!). Para não irmos mais longe basta lembrar o início do Twin Peaks, ou para mim, a banda sonora de Dune, com a mestria de Brian Eno e dos Toto. Quem diria.

Só reconhecido e aplaudido mais tarde, *Eraserhead* granjeou vários admiradores de peso, sendo que o mais relevante terá sido Mel Brooks que o convidou para realizar *O Homem Elefante* (1980), um dos grandes êxitos da carreira do, daí para a frente, aclamado realizador. Esta

sua segunda longa-metragem, e que vai significar a consagração do realizador e a nomeação do filme e de Lynch para os óscares. Não ganhou nenhum, como haveria de acontecer com futuras nomeações, mas nem só de Hollywood vive o Cinema.

Segue-se, para mim, o filme mais injustiçado de Lynch: Dune (1984), adaptação da obra de Frank Herbert, depois de algumas tentativas de a levar ao grande écran, a que gerou mais expectativas terá sido a de Alejandro Jodorowski, com direcção artística de Salvador Dali, décors de Moebius e música de Mick Jagger, um luxo e um orçamento avultado que deitou tudo a perder. Com produção de Dino de Laurentis, o mítico produtor italiano, e da filha Raffaella, com guião de Lynch, aprovadíssimo por Herbert, estavam lançados os dados para uma entrada em grande do director no universo da Ficção Científica. Só que tudo correu mal. As interferência do produtor puseram os cabelos em pé a David, qual Henry de *Erserhead*, e do bruto inicial de mais de quatro horas, chegou-se à versão final com cenas não incluídas que no entender do realizador eram imprescindíveis. A crítica também não ajudou, tal como as receitas, e o cineasta nunca mais quis ouvir falar do filme, ao ponto de não assumir a paternidade de uma versão mais longa composta mais tarde. Apesar de não comungar destas opiniões, ainda há pouco revi e filme e continuo a gostar.

A carreira de David Lynch depressa é retomada na senda do êxito, desde logo com *Veludo Azul* (1986), um thriller sombrio, ambientado nas tais cidades pequenas que o realizador conheceu na sua infância e adolescência, merecendo de novo ser nomeado para os prémios da Academia. Com *Coração Selvagem* (1990) vem a consagração em

Cannes, com a Palma de Ouro, reforçada com o êxito de Twin Peaks, o filme, mas principalmente a série. De uma trivial investigação policial o realizador cria um ambiente de suspense e conspiração pouco usual nas séries televisivas. Foram milhões os espectadores agarrados pelo mistério Laura Palmer. Em 1992, com Twin Peaks: Os Últimos Sete Dias de Laura Palmer, os acontecimentos são revistos numa prequela. Depois do assassinato da jovem Teresa Banks em Deer Meadow, no estado de Washington, a investigação chega a Twin Peaks onde são revistos os últimos dias de Laura Palmer.

Com Estrada Perdida (1997), antes do inesperado Uma História Simples (1999), exactamente pela simplicidade desta história real de um velho que montado num cortador de relva que vai visitar no irmão doente e há muito afastados, e com Mulholland Drive (2000), a tal estrada de Santa Mónica, sombria e enigmática, como as personagens que consagraram Naomi Watts e Laura Harring, a loira e a morena, volta à sua qualidade de cineasta de culto, que tem em Inland Empire (2006) a sua última longa-metragem. Sempre activo até ao seu desaparecimento, filmou sobretudo videoclipes, fez exposições de fotografia, compôs, interpretou e ainda teve tempo para receber o Leão de Ouro à Carreira em Veneza em 2006 e um Óscar honorário em 2020.

A Parca veio buscá-lo no passado dia 16 de Janeiro aos 78 anos.

Até à próxima e bons filmes, já agora, para ver ou rever David Lynch!■

Luís Dinis da Rosa 🤻

Este texto não segue o novo Acordo Ortográfico

POLITÉCNICO

IPCB lança concurso para nova residência

A construção da nova residência de estudantes do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB), no Campus da Talagueira, deverão começar já em fevereiro, disse ao Ensino Magazine o presidente da instituição, António Fernandes.

"O Concurso Público Internacional foi lançado no dia 27 de dezembro e as propostas foram submetidas até ao dia 15 de janeiro. Segue-se a sua análise e os trâmites legais, pelo que a obra poderá iniciar-se em fevereiro", esclareceu.

A obra foi lançada com o preço base de três milhões 266 mil 480 euros (a este valor acresce



o IVA) e tem o financiamento de cerca de dois milhões 980 mil euros, resultante da candidatura efetuada ao programa Alojamento Estudantil lançado pela Agência Erasmus +, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência.

Como revelámos em primeira mão, esta nova estrutura terá capacidade para "152 camas, com 74 quartos duplos e 4 quartos individuais para estudantes com mobilidade reduzida".

António Fernandes fala de uma área bruta de construção de

"três mil 101,16 metros quadrados e quatro pisos, sendo que o piso -1 fica reservado para salas de máquinas, arrumos, lavandaria, ginásio e balneários; o piso o para zonas comuns, tais como receção, sala de estudo, sala de convívio, copa para refeições e uma zona de quartos; enquanto que os pisos 1 e 2 estão destinados a quartos".

Aquele responsável salienta que "a nova residência possuirá características que a tornam especialmente atrativa para os estudantes, numa localização nobre da cidade de Castelo Branco", no Campus da Talagueira, junto à zona de lazer da cidade.



XXVII ENCONTRO INTERNACIONAL DOS JOVENS CIENTISTAS DAS ESCOLAS ASSOCIADAS DA UNESCO

O Planeta Terra pergunta: Onde queres morar amanhã?



▼ Teve lugar na Escola Secundária Sá da Bandeira, em Santarém, no dia 14 de janeiro, o inicio do XXVII Encontro Internacional dos Jovens Cientistas das Escolas Associadas da UNESCO, sob o tema O Planeta Terra Pergunta: Onde Queres Morar Amanhã?.

0 tema sensibiliza para a necessidade de tomar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e o seu impacto, no âmbito de uma cultura de preservação do Planeta Terra.

Coorganizado pela Comissão Nacional da UNESCO, contou com a participação de 17 escolas de 8 países - alunos e professores de Angola, Andorra, Alemanha, Brasil, Espanha, Itália, Portugal e USA:

Alemanha - Naturwissenscha Technikum Dr. Kunlete - NTK - Landau

Andorra - Escola Andorrana de Segona Ensenyança d'Ordino

Angola - Liceu 397 Eiffel do Dande - Bengo - LED, Luanda



Brasil - Colégio Guilherme Dumont Villares - CGDV, S. Paulo

Espanha - Instituto de Educación Secundária Luís Seoane - IESLS-Pontevedra; Colégio Los Abetos,

Madrid; I. de Educación Secundária Pazo da Merce - As Neves -Pontevedra; I. De Educación Andreu Semoere de Alcoi - Alicante; Colégio Educardo Pondal, Pontevedra.

USA - Newton South High School - Newton, NSHS; Hudson High School - Hudson, HHS

Itália - International School of Turim - ST, Turim

Portugal - Escola Secundária Sá da Bandeira; Conservatório de Música de Santarém; Agrupamento de Escolas de Alcochete; Agrupamento de Escolas Gil Paes, Torres Novas; Agrupamento de Escolas Figueira Mar, Figueira da Foz.

O programa incluiu as apresentações e os debates dos participantes das escolas, mas também uma palestra sobre o tema, visitas a exposições na escola, sessões culturais Dinâmica UBUNTU, Paddy paper "Meet Santarém: its people, its places, its culture!", serões culturais e ainda uma visita de estudo a Fravizel.

O Conservatório de Música de Santarém na sessão solene, ofereceu uma sessão musical interpretada por alunos do Conservatório bem como um concerto de despedida.

Fátima Claudino ₹ Comissão Nacional da UNESCO



MOTOR

AS ESCOLHAS DE VALTER LEMOS

Royal Enfield Guerrilla 450

☑ A Royal Enfield é uma marca clássica de origem inglesa, mas hoje totalmente em mãos indianas, de que já falámos nesta coluna. Nos últimos anos tem vindo a renovar intensivamente o seu portefólio com grande êxito na Europa. A Hymalian e a Interceptor são dois modelos cujo sucesso ultrapassou fronteiras em todo o mundo. O primeiro é uma trail atualmente construída sobre a plataforma Sherpa utilizando um motor monocilíndrico de 452 cc, 40 cv de potência e 40 Nm de binário, arquitetura que tem dado excelentes provas. Assim a Royal resolveu desenvolver a partir dessa mesma base uma versão roadster e apareceu a nova Guerrilla 450.

Este novo modelo apresenta um design neo-retro como é característico da marca, mas com uma silhueta jovial e leve que convida tanto a passeios urbanos como a diversão em estradas mais sinuosas, prometendo um desempenho e uma versatilidade que não desiludem. Os 40 cv do motor geridos por uma boa caixa de seis velocidades asseguram um excelente desempenho que pode levar a Guerrilla até aos 160 Km/h!

Não sendo uma pura offroad a Guerrilla não se furta a passeios fora de estrada, mostrando-se bem capaz e adaptada dada o seu baixo centro de gravidade.

A condução é gerível em dois modos controlados eletronicamente: Performance e Eco e o painel de instrumentos inclui sistema de navegação ponto a ponto.

Os 11 litros do depósito concedem-lhe uma autonomia aceitável. para uma moto cuio uso não são as grandes tiradas, mas a deslocação casa-trabalho/escola e os agradáveis passeios de fim de tarde ou de



A Royal Enfield pratica preços bastante competitivos como mostram os 5700 euros da versão base da Guerrilla, que apresenta três versões e várias cores. ■





Valter Lemos ♥

Sorteio de Natal movimentou

cerca de dois milhões de euros

▼ 0 sorteio de Natal, promovido pela Câmara de Castelo Branco e pela Associação Comercial e Empresarial da Beira Baixa (ACICB), movimentou cerca de dois milhões de euros no comércio local da cidade albicastrense.

A entrega de prémios decorreu simbolicamente, este mês, no salão nobre da autarquia. Foram distribuídos 100 vales de compras, no valor global de 40 mil euros, os quais terão que ser gastos nos 150 estabelecimentos que aderiram ao concurso.

Por cada 20 euros em compras, os clientes do comércio e serviços aderentes receberam uma senha para o sorteio, tendo sido distribuídas 96 mil e 100 senhas, pelo que o

valor movimentado foi de cerca de dois milhões de euros.

Para além do sorteio de Natal, foram também entregues os prémios do concurso de montras, a saber: na categoria Montra mais Original - 1º lugar: Ótica Lucas; 2º lugar: Boutique Chique; 3º lugar: Pastelaria Tentações. Na categoria Montra mais fácil de Gostar - 1º lugar: Oficina Art Studio, com 1647 votos; 2º lugar: Retrosaria 3 Globos, com 1629 votos; 3º lugar: Tecidos do Castelo, com 1043 votos. Em ambas as categorias os vencedores receberam respetivamente 1000 euros (primeiros lugares), 500 (segundos classificados) e 250 euros (terceiros classificados). ■

POLITÉCNICO DE SANTARÉM

João Moutão quer hospital universitário

▼ 0 presidente do Instituto Politécnico de Santarém, João Moutão, defende que a cidade tem "condições objetivas" para acolher um hospital universitário, destacando a existência de infraestruturas de saúde e ensino superior na região.

"Do ponto de vista da região ter estas condições, elas são claras e existentes. Temos hospitais, temos ensino superior, investigação e centros de investigação na área da saúde", afirmou à agência Lusa.

O responsável sublinhou, contudo, que, apesar de a região ter condições favoráveis para a instalação de um hospital universitário, a concretização deste projeto depende da vontade política da administração central, incluindo o Ministério da Saúde e a tutela do ensino superior, bem como dos hospitais locais.

"É importante sinalizar que Santarém tem as condições para desenvolver este tipo de formação, mas isto depende de compromissos a nível político, nomeadamente da tutela, para que as coisas se possam materializar", referiu.

O investigador Miguel Castanho, que se reuniu com o presidente da Câmara de Santarém, João Leite, e o presidente do



O presidente do Politécnico de Santarém destaca a área da saúde

IPSantarém, defendeu, em declarações à Lusa, que Santarém tem vários pontos positivos que permitem a instalação desta infraestrutura, nomeadamente as unidades de saúde de que a cidade dispõe.

"Santarém tem o hospital distrital e o Hospital da Luz, que está atualmente em construção. A cidade tem um núcleo muito importante de cuidados de saúde. Aquilo que se vê no horizonte é que, se houver vontade política e vontade dos hospitais locais e do Politécnico, está criado um contexto favorável que torna possível o funcionamento de um hospital universitário e

um empenho maior de Santarém no ensino médico", referiu.

O investigador disse ainda que as acessibilidades e a proximidade com Lisboa são dois fatores que favorecem a criação deste hospital, acrescentando que seria benéfico para Portugal a instalação de hospitais universitários nos distritos do país para ajudar a combater a desertificação do interior.

"O ensino médico deve ser uma responsabilidade (...) encarada do ponto de vista nacional. Cada hospital distrital devia colocar parte da sua capacidade operacional ao serviço de educação médica (...). Atividade gera atividade e empresas de biotecnologia ligadas aos dispositivos médicos ou à biotecnologia farmacêutica podiam gerar desenvolvimento muito mais fácil no interior do país", defendeu.

O presidente da Câmara de Santarém, João Leite, por seu turno, já escreveu nas redes sociais que esta decisão "carece de tempo, discussão e planeamento até à sua efetiva materialização", referindo que "é tempo de discutir o assunto de forma assertiva e responsável, sem sedes de protagonismo ou falsos paternalismos".

Lusa 🛭

Publicidade



2 CIDADES 5 ESCOLAS 5000 COLEGAS

O TEU FUTURO COMEÇA AQUI:

- > TESP
- > LICENCIATURAS
- > MESTRADOS
- > PÓS-GRADUAÇÕES
- > MICROCREDENCIAIS

WWW.IPSANTAREM.PT







uma experiência para a





Administração de Publicidade e Marketing

Agronomia

Design de Animação Design de Comunicação

Desporto 🙆

Educação Básica Educação Social

Enfermagem Veterinária

Enfermagem

Engenharia Civil Engenharia Informática

Engenharia Química e Biológica 🚇

Equinicultura

Fisioterapia Gestão @

Higiene Oral

Jornalismo e Comunicação

Gestão de Recursos Humanos 🚇 Serviço Social 🙉

Cursos Técnicos Superiores Profissionais

Acompanhamento de Crianças e Jovens

Análises Laboratoriais

Animação e Produção 3D

Apoio ao Consultório Médico e Dentário

Apoio em Cuidados Continuados Integrados Bioenergias

Comunicação Digital e Novos Media Construção e Reabilitação de Edifícios

Contabilidade

Cuidados Veterinários

Desenvolvimento para a Web e Dispositivos Móveis Design de Som e Produção Musical

Design Multimédia e Audiovisuais

Desporto e Atividade Física

Desporto e Formação Equestre

Fotografia e Imagem Digital

Gestão de Vendas e Marketing

Intervenção Social e Comunitária

Manutenção Eletromecânica Programação Ágil e Segurança de Sistemas de Informação

Tecnologias de Produção Agropecuária Tecnologias de Produção e Processamento

de cannabis sativa 🚇

Tecnologias e Programação de Sistemas de Informação Turismo e Informação Turística







Mestrados

Agricultura Sustentável

Contabilidade e Finanças Design de Identidade Digital

Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Educação Especial

Educação Pré-Escolar

Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Enfermagem Veterinária em Animais de Companhia

Gerontologia Gestão de PME

Informática

Inovação Pedagógica em Ambientes Digitais Média e Sociedade

Mestrado em Enfermagem

Tecnologias de Valorização Ambiental e Produção de Energia Turismo e Comunicação Digital

Pós-Graduações

Alterações Climáticas e Mitigação de Riscos Animação

Business Management

Data Science and Digital Transformation Enoturismo

Formação Pedagógica em Ambientes e Tecnologias Digitals Gestão em Saúde

Hidrogénio

Inovação na Humanização dos Cuidados

Marketing e Estratégia Digital

Renewable Energies and Environment Turismo e Comunicação Digital

Doutoramentos

Agricultura Sustentável

(parceria com o Instituto Superior de Agronomia - Universidade de Lisboa) Economia Circular

(parceira Escola de Ciências e Tecnologia – Universidade de Évora)

Hidrogénio e Gases Raros

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

ESCOLA SUPERIOR DE BIOCIÊNCIAS DE ELVAS

ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA, GESTÃO E DESIGN

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE



















Oferta formativa atualizada aqui

www.ipportalegre.pt







ATUALIDADE

É um dos principais rostos da nova geração de escritores nacionais e defende que se deve «normalizar a leitura como parte do quotidiano». Para Madalena Sá Fernandes «o mundo está cheio de histórias que ainda não foram contadas» e a escola tem um papel essencial na democratização do acesso aos livros.

Apesar da sua ainda curta carreira, obteve um grande sucesso e atenção, primeiro com «Leme» e a seguir com «Deriva». O primeiro em forma de catarse sobre uma infância difícil, em que foi vítima de violência por parte do seu padrasto e o segundo uma compilação de crónicas sobre «coisas irrelevantes», com um toque de humor. O escritor, para si, é ele e a sua circunstância? Usar a sua vida como material de escrita é, preferencialmente, o fio condutor do seu trabalho? Acredito que todo o escritor, de alguma forma, é ele e a sua circunstância. A escrita permite transformar, deslocar, expandir a experiência pessoal para que ela ressoe além do eu. «Leme» nasceu de uma necessidade de dar forma a algo que estava em estado bruto dentro de mim, uma espécie de arqueologia da memória, enquanto que «Deriva», sendo uma compilação de crónicas, seguiu um caminho mais leve, quase como um desvio consciente dessa intensidade inicial. Mas. mesmo quando escrevo sobre outros temas, ou sobre o que parece irrelevante, há sempre um fundo pessoal que atravessa o texto.

Usar a minha vida como material de escrita não é exactamente um objetivo, mas um impulso. Escrevo a partir daquilo que se impõe com uma força que não consigo ignorar. E isso, muitas vezes, vem da experiência vivida, da observação do que me cerca. Mas acredito que a literatura exige um jogo entre o vivido e o reinventado. É um movimento de afastamento e de aproximação: ao mesmo tempo que escrevo sobre mim, já não sou eu. O que interessa não é tanto a

exposição da experiência, mas o que pode ser feito com ela.

Revelou que o seu psicanalista, entretanto falecido, a incentivou a escrever, também como forma de exteriorizar medos e traumas. Inicialmente, resistiu a esse conselho, mas acabou por concretizá-lo, após a sua morte. Escrever pode ser também uma forma de terapia?

A escrita pode ter um efeito terapêutico, mas não a vejo exatamente como uma terapia. A psicanálise foi um espaço de elaboração, de escavação interna, enquanto que a escrita se tornou uma maneira de dar forma a esse processo, mas sem a ilusão de que escrever, por si só, cura. Se há algo que a escrita permite, é a transformação: o medo pode ser deslocado para uma personagem, a dor pode ser traduzida noutra voz, o trauma pode encontrar uma estrutura onde se desdobra e se ressignifica. Mas isso não significa que desaparece. Apenas que se move.

Quando o meu psicanalista me sugeriu que escrevesse, resisti, sobretudo por me sentir incapaz de expor um assunto tão íntimo e sobre o qual não falava com quase ninguém. Não queria que a escrita fosse um lugar de catarse, nem que se reduzisse a um relato confessional. Só após a sua morte, quando já não havia ninguém para ouvir, é que percebi que escrever não era apenas um exercício de exposição, mas de construção. Não se trata de aliviar, mas de entender, ainda que essa compreensão nunca seja definitiva.

A escrita pode ser um modo de organizar o caos interno, mas não resolve aquilo que está na origem desse caos. E talvez nem seja essa a sua função. O que ela faz é permitir que nos aproximemos daquilo que, de outra forma, permaneceria sem contorno. E ao nomear alguma coisa, ainda que de maneira oblíqua, tornamonos menos reféns disso.

Diz que foi uma criança «desobediente», no sentido saudável do termo. Um escritor deve ser inconformado e interventivo face ao mundo que o rodeia?

A desobediência sempre me pareceu uma forma de curiosidade – um modo de testar os limites do que é dado como certo, de questionar, de não aceitar as coisas apenas porque sim. Se fui uma criança desobediente, talvez tenha sido porque desde cedo senti a necessidade de observar o mundo por ângulos menos óbvios, de desconfiar das respostas fáceis.

Não sei se um escritor deve ser, por princípio, inconformado e interventivo, mas acredito que a literatura, quando é genuína, carrega sempre algum tipo de deslocamento em relação à ordem estabelecida. Mesmo quando não se propõe a ser política ou combativa, escrever é um ato de resistência: contra o esquecimento, contra as narrativas dominantes, contra a superficialidade. Há escritores que intervêm diretamente no debate público, outros que preferem agir na sombra. Ambas as formas são válidas.

Para mim, a escrita é menos uma denúncia explícita e mais um gesto de desvio – uma forma de iluminar os cantos que costumam ficar na penumbra, de interrogar o que parece sólido e de dar voz ao que, muitas vezes, não se ouve. Ser inconformado, nesse sentido, não é apenas gritar contra o mundo, mas aprender a escutá-lo de outra forma.

Sobre o potencial de evasão, projeção e de sonhar que um livro pode provocar aos seus leitores, já muito foi dito. Qual é a sua definição de livro?

Para mim, um livro é um espaço habitável. Um lugar onde a linguagem constrói paredes, abre janelas, desenha corredores de fuga e recantos de silêncio. Não o vejo apenas como um objeto, mas como um território onde se pode entrar e permanecer, onde se pode perder ou reencontrar algo.

Os livros são, ao mesmo tempo, mapas e labirintos. Guiam-nos, mas também nos desorientam. Para alguns, são evasão; para outros, confronto. O que me interessa neles é esse duplo movimento: o de nos arrancar de nós mesmos e, ao

mesmo tempo, devolver-nos ao que há de mais profundo em nós.

No seu caso particular, sei que recebeu recentemente uma bolsa literária. A pergunta que faço é: consegue-se viver da escrita em Portugal?

Viver exclusivamente da escrita em Portugal é um exercício de resistência — para não dizer uma ilusão para a grande maioria dos escritores. A literatura não é, aqui, uma profissão no sentido tradicional, com um retorno financeiro estável ou previsível. O mercado é pequeno, os leitores são poucos em comparação com outros países, e as condições para a publicação e divulgação de livros nem sempre favorecem a sustentabilidade de uma carreira literária.

A bolsa literária que recebi é, sem dúvida, um apoio valioso, um reconhecimento que oferece tempo e espaço para continuar a escrever sem a pressão imediata da sobrevivência. Mas viver da escrita significa, quase sempre, somar outras atividades: projectos paralelos que orbitam em torno da literatura, mas que nem sempre são literatura.

Dito isto, talvez a pergunta não seja apenas se se consegue viver da escrita, mas de que forma cada escritor encontra um equilíbrio para continuar a escrever sem que a necessidade de sustento o silencie. Há quem escreva por encomenda, quem publique com regularidade para manter uma presença ativa no mercado, quem prefira a lentidão e se apoie noutros trabalhos para manter a liberdade criativa. Não há um caminho único.

Escrever em Portugal — e em quase toda a parte — é menos uma profissão e mais um compromisso. Com a linguagem, com a memória, com a imaginação. E com a teimosia de continuar.

As feiras do livro de Lisboa e Porto costumam ser o ponto forte do ano para escritores, editores e livreiros, mas os dados não mentem: os portugueses têm baixos níveis de leitura. Como é que se atrai, mais novos e mais velhos, para os livros?

A questão da leitura em Portugal é complexa e não pode ser reduzida apenas a hábitos ou preferências individuais. Ler exige tempo, disponibilidade mental e um ambiente que favoreça essa prática, e nem sempre esses fatores estão presentes na vida dos portugueses. Os dados sobre baixos níveis de leitura refletem não apenas escolhas culturais, mas também condições socioeconómicas, modelos de ensino e a forma como a literatura é apresentada - ou imposta ao longo da vida. Acredito que a atração pelos livros não deve passar por um discurso moralista ou pela ideia de que "é preciso ler mais", como se fosse um dever ou uma obrigação. O prazer da leitura nasce do encontro certo entre um leitor e um livro. E esse encontro pode acontecer de muitas formas: através da escola, mas também através do cinema, do teatro, das redes sociais, das livrarias e feiras que estimulam a

É preciso normalizar a leitura como parte do quotidiano, e não como um evento raro ou excepcional. Tornar os livros visíveis, acessíveis, integrados na cultura. Não se trata apenas de criar incentivos à leitura, mas de construir uma relação mais natural e menos intimidatória com os livros.

Para atrair leitores mais jovens, talvez o caminho passe por deixar de tratar a literatura como algo distante e sagrado. Mostrar que há livros para todos os ritmos, gostos e estados de espírito. Para os leitores mais velhos, talvez a questão seja resgatar esse prazer inicial.

Não há uma única estratégia. Mas há um princípio essencial: para que as pessoas leiam, os livros precisam de estar vivos no seu dia a dia, nas conversas, nos espaços públicos, na forma como pensamos e falamos sobre o mundo.

O contexto familiar levou-a a ler desde muito cedo. Deve ser em casa ou na escola que devem ser incutidos hábitos de leitura aos mais novos? Acredito que a leitura não deve ser vista como uma responsabilidade exclusiva da escola ou da família, mas sim como um ecossistema em que ambas têm um papel fundamental. A casa pode ser o primeiro contacto com os livros, o lugar onde a leitura se torna natural, associada ao prazer e não à obrigação. Se uma criança cresce num ambiente onde os livros estão presentes, onde os adultos lêem e partilham histórias, é mais provável que desenvolva uma relação afectiva com a leitura. Isso aconteceu comigo.

Por outro lado, a escola tem um papel essencial na democratização do acesso aos livros. Nem todas as crianças crescem em casas onde há estantes cheias ou adultos que lêem. Por isso, a escola pode ser um espaço onde se descobre o poder das palavras, onde o livro se apresenta como uma coisa próxima. Mas, para isso, é essencial que a leitura na escola não seja apenas um exercício de análise e decifração, mas também um convite ao prazer, à descoberta que um livro pode proporcionar.

O erro, muitas vezes, está em transformar a leitura num dever rígido, sem espaço para a curiosidade. A leitura imposta pode gerar resistência, enquanto a leitura estimulada, partilhada, pode abrir portas.

Talvez a melhor resposta seja que os hábitos de leitura devem nascer de todos os lados. Em casa, na escola, nas ruas, nas bibliotecas, nas conversas. O importante não é apenas onde se aprende a ler, mas como se aprende a gostar de ler.

Os telemóveis, de uma forma geral, e as redes sociais, em particular, estão a roubar tempo à leitura. E o que se lê através destes meios acontece de forma fragmentada. Que consequências, especialmente nos mais jovens, é que esta realidade pode ter no vocabulário, compreensão de textos e aprendizagem do que se ouve e lê? O impacto das redes sociais e dos telemóveis na forma como lemos e absorvemos informação é inegável. A leitura tornou-se mais fragmentada, mais acelerada, frequentemente interrompida por notificações e estímulos constantes. O tempo de atenção encolheu, e a paciência para textos longos, densos, que exigem imersão e reflexão, parece cada vez mais rara.

Nos mais jovens, isso pode ter consequências diretas na capacidade de interpretar textos complexos, na riqueza do vocabulário e até na forma como organizam o pensamento. Se tudo é consumido em fragmentos rápidos, a própria estrutura do raciocínio pode ser afectada, tornando-se mais superficial, menos treinada para a construção de relações profundas entre ideias. A leitura de um livro exige um tipo de atenção que as redes sociais não estimulam - um mergulho prolongado num universo que se constrói aos poucos, sem recompensas imediatas, sem a lógica do «scroll».

Mas é importante não demonizar a tecnologia. Os telemóveis e as redes sociais não são apenas inimigos da leitura; também podem ser aliados, dependendo da forma como são usados. Há cada vez mais comunidades de leitores, clubes de leitura digitais, partilhas de livros que despertam o interesse de quem, de outra forma, talvez não se aproximasse deles. A questão central é como equilibramos esses dois mundos: como ensinamos os mais jovens a desacelerar, a resistir à pressa da informação instantânea, a cultivar o prazer da leitura profunda num mundo que lhes oferece constantemente distrações.

Talvez o desafio não seja combater a tecnologia, mas criar formas de a tornar um portal para experiências mais ricas, mais duradouras. A capacidade de ler um texto longo, de compreender nuances, de absorver conhecimento de forma crítica e reflexiva não pode tornar-se um hábito do passado. E garantir que isso não aconteça é, sem dúvida, uma responsabilidade coletiva - da escola, da família, dos próprios escritores, que precisam de encontrar novas formas de dialogar com esse tempo veloz sem perder a profundi-

Está apreensiva com a erosão que o mundo digital está a exercer sobre a comunidade literária e de leitores a nível global? Os escritores são, por assim dizer, o último reduto neste combate que se afigura desigual?

0 mundo digital transformou radicalmente a forma como consumimos cultura, e a literatura não está imune a essa mudança. O tempo que antes era dedicado à leitura foi diluído entre múltiplos estímulos, e a paciência para narrativas longas tornou-se mais rara. Mas isso não significa que os livros tenham perdido o seu lugar ou que os leitores tenham desaparecido. Apenas que estão a mudar, como sempre mudaram ao longo da

Os escritores não são um "último reduto", mas são, talvez, aqueles que continuam a insistir na importância da lentidão, da profundidade, da palavra pensada e trabalhada. Neste combate desigual contra a velocidade e a fragmentação, a literatura pode parecer um gesto de resistência — e, de certa forma, é. Mas não acredito que seja uma guerra perdida. Ainda há leitores que buscam o espaço de um livro como quem procura um refúgio. Ainda há quem deseje a experiência de uma história que exija tempo, que peça envolvimento, que não se possa consumir em minutos e descartar logo a seguir.

Talvez o desafio não seja lutar contra a era digital, mas encontrar formas de coexistência. Acredito que sobretudo por vivermos um mundo cada vez mais acelerado, a importância dos livros é ainda maior. O desafio é encontrar formas de a literatura poder dialogar com novas linguagens sem perder a sua essência. Se há coisa que os escritores sempre fizeram foi adaptar-se ao seu tempo sem abdicar da sua voz. E acredito que é isso que continuará a acontecer.

A literatura não vai desaparecer. Mas cabe-nos, a todos — leitores, escritores, editores, professores -, garantir que ela continua a ser um espaço onde o pensamento, a imaginação e a complexidade humana podem existir sem pressa.

Não sei se já teve oportunidade de ser convidada para uma palestra nalguma escola. Que mensagem forte já deixou ou gostaria de deixar à plateia de jovens estudantes que a ouvem?

Ainda não tive muitas oportunidades de falar em escolas, mas gostaria, e se tivesse de deixar uma mensagem a uma plateia de jovens, acho que começaria por dizer que a escrita - e a literatura - não são algo distante ou inalcançável. Não pertencem a um grupo seleto de pessoas iluminadas. Escrever, ler, pensar criticamente sobre o mundo são atos acessíveis a todos, independentemente de onde vieram ou do que lhes disseram que poderiam ser.

Gostaria de dizer que as palavras têm um poder enorme, mas que esse poder não está só nos livros. Está também na forma como cada um se apropria da própria voz. Escrever é, no fundo, reclamar um espaço no mundo, recusar a invisibilidade. E que a escrita não precisa de ser perfeita para ser legítima.

Muitas vezes, na escola, a literatura surge como um corpo fechado, um conjunto de regras e de análises distantes. Mas os livros são muito mais do que isso. São lugares habitáveis. São portas. E ninguém precisa de pedir permissão para entrar. Talvez a mensagem mais forte que gostaria de deixar fosse esta: o mundo está cheio de histórias que ainda não foram contadas. E muitas delas são as vossas. O

Texto: Nuno Dias | Foto: Filipe Ferreira



+ - = Divide X - Tour



- Short N'Sweet Sabrina Carpenster
- **3** sos Sza
- 4 The rise and fall of Midwest Princess Chappell Roan
- **6** Brat Carli Xcx
- 6 Diamonds Elton John
- Hit me hard and soft Billie Eilish
- 8 The highlights Weeknd
- The tortured poets department: The Anthology - Taylor Swift
- 50 years Don't Stop Fleetwood Mac

Fonte: Associação Fonográfica Portuguesa



PORTUGAL TOP 10 SINGLES ENSINO MAGAZINE

1 That's so true **Gracie Abrams**



- APT Rose & Bruno Mars
- Messy Lola Young
- 4 Birds of a feather Billie Eilish
- Sailor Song Gigi Perez
- 6 The Door **Teddy Swims**
- **7** Bad Dreams **Teddy Swims**
- 8 Die with a smile Lady Gaga & Bruno Mars
- Somedays Sonny Fodera/Jazzy/D
- **10** Defying Gravity Cynthia Erivo/Ariana Grande

Fonte: APC Chart



CINEMA



Um Filme Minecraft

Bem-vindos ao mundo de Minecraft, onde a criatividade não só ajuda a construir, mas é essencial para a sobrevivência! Quatro desenquadrados - Garrett "O Homem do Lixo" Garrison, Henry, Natali e Dawn - debatem-se com problemas do quotidiano quando são repentinamente transportados através de um portal misterioso para a Superfície: um mundo cúbico e bizarro que vive da imaginação. Juntos, a sua aventura desafiará os cinco a serem audaciosos e a reconectar-se com as qualidades que tornam cada um deles criativo... as mesmas habilidades que precisam para prosperar no mundo real. O

Título Original: A Minecraft Movie; Ação, Aventura, Família, Fantasia; Data de Estreia: 03/04/2025; Realização: Jared Hess; País: Estados Unidos, Suiça; Idio-

Fonte: Castello Lopes





Like a Dragon: Pirate Yakuza in Hawaii

Goro Majima, um notório ex-yakuza, vê-se, de repente, como náufrago numa ilha remota no Pacífico. Incapaz de se lembrar até mesmo do próprio nome, ele zarpa em busca de pistas sobre suas memórias perdidas, acompanhado por um menino chamado Noah, que salvou sua vida. Em pouco tempo, eles veem-se envolvidos num conflito entre bandidos impiedosos, piratas modernos e outros patifes atrás de um tesouro lendário. O

Fonte: Playstation



GADGETS

ZenScreen Smart MS27UC



ZenScreen Smart MS27UC, o primeiro monitor inteligente da ASUS com Goo-

gle TV que oferece uma experiência de entretenimento e produtividade num único ecrã. Equipado com um painel 4K IPS de 27 polegadas e certificado VESA DisplayHDR 400, este monitor oferece cores vibrantes e uma resolução impressionante. Com a integracão do Google TV, tens ao teu dispor uma vasta seleção de filmes. séries e até controle sobre dispositivos de casa inteligente. O

Fonte: PC Diga





QUALIFICA.EXPONOR.PT





EXPONOR_







14 — 15 MARÇO





E FORMAÇÃO EXECUTIVA





¶ Mário Raposo, reitor da Universidade da Beira Interior (UBI), crítica o facto de o Estado não ressarcir a sua academia dos 50 milhões de euros que diz estarem em falta pelo subfinanciamento a que a instituição foi votada durante muitos anos. Em entrevista fala da necessidade de ampliar a Faculdade de Ciências da Saúde e de novos espaços para as artes e letras. Diz ainda que o caminho para o país dar o salto está na investigação e na inovação, o que requer mais investimento do Estado nessas áreas.

No aniversário da UBI solicitou ao novo Governo que compense a instituição pelos desequilíbrios financeiros causados por 15 anos de subfinanciamento, através da assinatura de um contrato-programa. Que resposta obteve da tutela?

Até agora o Governo tem-se limitado a cumprir a fórmula de financiamento que vinha da tutela anterior, a qual tem um fator de correção a médio prazo, para quem 2027 as universidades subfinanciadas atinjam o orçamento padrão. A UBI irá perder, tal como outras instituições, o dinheiro que não nos foi atribuído no passado. Isto é muito gravoso para uma instituição pequena, na medida que as verbas que foram desviadas tinham contribuído significativamente

para que a UBI conseguisse fazer algumas obras necessárias, como o alargamento da Faculdade de Ciências da Saúde - que tem tido uma procura muito grande por parte dos alunos e que, a pedido de vários ministros, tem vindo a aumentar as suas vagas -, e da Faculdade de Artes e Letras - onde é necessário um plateau, gabinetes e espacos para as artes. Como estamos também inseridos na parte histórica da cidade, onde é difícil fazer intervenções, há um projeto que gostaríamos de concretizar, que passa por implementar um novo edifício por cima do estacionamento do Museu para apoio as artes e letras. A correção que vai sendo feita até 2027 não é suficiente para isso. É uma promessa que foi feita à Faculdade que teremos que cumprir. Por outro lado, no caso da Faculdade de Ciências da Saúde, alargando-a permitir-nos-ia libertar as salas da fábrica do Moço, onde os alunos de têm aulas, para as artes e a informática.

Para além da Saúde e das Artes, a Arquitetura é outra área que necessita de espaço?

É uma área que nos preocupa. Por cima do estacionamento das engenharias temos um piso superior que não é utilizado onde facilmente faríamos um pavilhão para dar mais espaço à arquitetura. Com tudo isto resolveríamos o problema da falta de espaços da universidade.

Deu aqui alguns exemplos, mas com os 50 milhões de euros que a UBI diz estarem em falta por parte do Estado, devido ao subfinanciamento a que foi submetida, muito mais poderia ter sido feito...

Claro, os 50 milhões permitiriam fazer aquilo que consideramos fundamental e em que estamos a trabalhar, que é, no caso das Ciências da Saúde, avançarmos para a cirurgia robótica. Hoje o ensino da medicina não é apenas a formação tradicional, deve ter estas areas inovadoras, tecnologicas e da inteligência artificial. Estamos já a fazer alguns cursos, através do aluguer do robô Da Vinci que é muito utilizado nos hospitais. Esse equipamento custa um milhão 250 mil euros. São investimentos muito elevados. Se tivéssemos os tais 50 milhões de euros, faríamos o alargamento da Faculdade o que permitiria criar uma sala de simulação cirúrgica e, simultaneamente, criar uma ligação direta ao hospital, que garantiria que os doentes a pudessem também utilizar. Deste modo, os alunos assistiriam, em tempo real, às cirurgias. Ainda assim, nós estamos a trabalhar e a criar um espaço mais pequeno para a simulação

cirúrgica, através de fundos do PRR a que nos candidatámos.

Esses 50 milhões permitiriam também o rejuvenescimento do corpo docente?

Claro. A UBI, apesar de ser uma universidade jovem, encontra-se numa fase em que muitos dos seus professores estão a chegar à idade da reforma. Há áreas em que ainda não conseguimos ter um corpo docente estabilizado, pois são áreas novas. Fruto do subfinanciamento a que temos sido sujeitos, ultrapassamos as dificuldades através de docentes contratados. Falo das artes e da arquitetura, onde é necessário criar estabilidade para os professores, mas também de outras áreas como as Ciências Sociais e Humanas, onde já se nota o envelhecimento da classe docente.

O PRR encerra em 2026, os investimentos previstos pela UBI em que fase se encontram?

Neste momento todos os projetos estão em execução, como as residências - concluímos a residência 1, a 3 está em obras, a da Boa Vista foi agora adjudicada, o planetário está em fase de finalização e vamos avançar com o concurso das residências 4 e 5. Ao nível da eficiência energética todos os





projetos estão em execução, na Faculdade de Ciências da Saúde, na UBIMedical e na Associação de Estudantes. Para além das obras, no âmbito dos consórcios da saúde na região centro, há um acordo entre a nossa Faculdade de Ciências da Saúde, a Faculdade de Medicina de Coimbra e os Politécnicos em que as verbas foram distribuídas e estão a ser aplicadas. As agendas mobilizadoras têm uma execução de 70 a 80%.

E que outras apostas a UBI pretenderia fazer caso haja ainda verbas disponíveis do PRR?

Gostaríamos de reequipar laboratórios. Os equipamentos científicos, com o avanço das tecnologias, têm uma amortização acelerada. Ao fim de dois anos estão obsoletos. Ora, se pretendemos manter um ensino de qualidade e competitivo, que dê as respostas que o país necessita a nível da economia, os profissionais que são formados ao nível das instituições têm que ter capacidade de resposta ligada às novas tecnologias e aos novos equipamentos. Portanto, tudo o que ainda for possível ao nível do PRR será aplicado nos laboratórios. Caso haja redistribuição de verbas que não sejam gastas, nós, as universidades, sabemos muito bem onde as iremos aplicar. Seria mais uma almofada para as instituições.

E seriam fáceis de executar, uma vez que se trata de aquisição de equipamentos...

Sim, mas equipamentos muito caros. Uma RMN (Ressonância Magnética) custounos mais de um milhão de euros. Tivemos um problema com o magnetómetro e só o arranjo orçamentou em 100 mil euros. Outro exemplo: um microscópio óptico custa centenas de milhares de euros. Não se faz investigação sem se ter equipamentos de ponta, pelo que as verbas do PRR podem ser facilmente aplicadas neles.

E ao nível do Portugal 2030?

Sou muito crítico ao 2030. Ele não é igual em todas as regiões. A nossa (Centro) tem nove instituições de ensino superior. Acontece que temos menos dinheiro alocado ao ensino superior do que, por exemplo, a região Norte. Por isso, não dá! É uma estratégia do país. Sabemos que as regiões têm um peso muito grande das autarquias, as quais atuam muito em termos próprios e pouco em termos daquilo que são outras áreas. Assim, o dinheiro é alocado a outras áreas e pouco para as universidades.

Mas essa foi uma decisão da própria CCDRC...

Sim, mas a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC) queixa-se que teve menos verbas que as outras CCDR's do país. Eu já critiquei essa opção. Mas o facto é que a região Centro tem mais instituições de ensino superior que outras regiões do país, pelo que o 2030 não vai dar resposta às suas necessidades em termos de renovação e para alavancar um sistema científico importante para o país. Repare que Portugal tem um proble-

ma complicado ao nível da produtividade. E a produtividade de um país não aumenta porque temos um valor baixo de produção industrial, o qual está relacionado com as cadeias de valor. Ora, nessa cadeia, a maior parte do valor centra-se a montante, na produção e inovação, e a jusante na marca e reputação. Portugal está concentrado na parte da produção, que é aquela que tem menos valor acrescentado. Por isso, como só nos preocupamos com a produção, o valor do produto final é baixo e não conseguimos pagar melhor às pessoas. Só conseguimos inverter isso com uma aposta clara na investigação e na inovação, com mais verbas para as instituições de ensino superior e de investigação. Tem que ser uma aposta estratégica do país, pois é mais difícil trabalhar na marca. Andamos a investir 1,5% do PIB desde os anos 90 do século passado, e não passamos disto! Quando olhamos para os países que apresentam produtos inovadores verificamos que o investimento ultrapassa os 3, os 4 ou os 5% do seu PIB. E nós podemos fazer isso, exigindo que a investigação seja aplicada! Isso permitiria que as universidades ficassem mais ligadas ao mercado e estimularia a inovação, o empreendedorismo e o aparecimento de startups. Não há outro caminho que não seja este para o país dar o salto.

Mudando de assunto e abordando a questão formativa. Estão previstas novas ofertas?

As ofertas que tínhamos que fazer a nível nacional estão feitas. Há ajustamentos

que poderão ser feitos. A única falta que temos na nossa oferta é o Direito. Mas as exigências de qualidade, e bem, que a A3ES impõe às universidades são elevadas e obrigam a ter um corpo docente altamente qualificado. Para iniciarmos um curso de direito teremos que ter, no mínimo, sete ou oito professores doutorados. Mas não os há disponíveis no mercado, nem a UBI tem capacidade financeira para o fazer. É um projeto que está em *stand by*.

O RJIES está em revisão, já há uma proposta do Governo em cima da mesa. O que lhe parece?

É uma proposta que já mereceu alguns comentários por parte do Conselho de Reitores. Entendemos que a questão do sistema binário está mal esclarecida. O país tem que dizer o que quer nesta matéria. No que respeita à representatividade para as eleições das instituições, entendo que o Conselho Geral é um órgão importante mas está demasiado politizado, pelo que retirando-lhe a responsabilidade de eleger o reitor é positivo. O modo de eleição do reitor, seja por votação universal, seja por um colégio, é-me indiferente. A eleição deve estar fora do Conselho Geral. No que respeita à proposta apresentada (ponderação de pelo menos 30% para docentes/ investigadores; 10% pessoal técnico/não docente; 25% estudantes; 25% alumni) é algo que vai ter alguma discussão. No entanto, a questão dos antigos alunos coloca-se. Não estou contra o facto deles 🛚 🗯



estarem envolvidos no processo. O problema é como vão ser feitos cadernos eleitorais credíveis com alunos que tenham saído da instituição há cinco anos, quando a lei de proteção de dados torna difícil o acesso às pessoas. Por outro lado, corre-se o risco de um antigo estudante ser alumni de licenciatura numa universidade, ser alumni de mestrado noutra, de doutoramento numa outra ainda e ser professor de uma IES diferente. Nesse caso votaria em quatro instituições diferentes? No que respeita às percentagens de ponderação considero que é excessivo o peso dos alumni e que entre o de professores/investigadores em conjunto com o dos técnicos/pessoal não docente deve ser superior aos 50%. Já o período de seis anos de mandato parece-me bem.

E a transição como é que pode ser feita?

É algo que tem que ser visto. Os reitores atuais não podem ter mais seis anos pela frente. Na minha perspetiva as eleições que coincidissem com este processo, teriam o prolongamento de mais dois anos, ou seja faziam seis anos de mandato. Isto no caso de estarem a cumprir o primeiro mandato. No caso das eleições ocorrerem antes faziam mais quatro anos, no total de oito.

E o reforço da autonomia das instituições está espelhado nesta proposta?

As IES precisam de mais autonomia. Ela fundamental para os vários órgãos. Por outro lado, não é justo, por exemplo, que o Reitor não possa comprar um veículo e andamos a fazer deslocações em carros alugados, a pagar um valor muito superior. Só nos permitem fazer alugueres de longa duração para carros elétricos ou híbridos.

No Porto ou em Lisboa isso até pode ser viável, pois todas as deslocações são feitas numa área de 50 ou 60 quilómetros. No nosso caso ficamos limitados pois não conseguimos chegar a Lisboa e ficamos parados a meio do caminho. O outro problema que está no RJIES, e que eu levantei, está relacionado com o levantamento do património imobiliário das instituições. Não é em seis meses que conseguimos regularizar património que vem muito de trás, ou porque é do próprio Estado e se consegue transferir de um ministério para o outro, ou porque há heranças indivisas que dificultam o registo.

Uma última questão. A UBI foi pioneira na constituição de uma universidade europeia. Que balanço faz da UNITA?

Tivemos uma visão importante ao nos ligarmos a uma aliança europeia, a UNITA. A Aliança foi alargada em número de parceiros e em tempo (ate 2029). A UNITA permite mobilidade de professores, investigadores, alunos e funcionários. Isto traz sinergias, pois há instituições que têm equipamentos de ponta e que nós podemos utilizar e vice-versa. Estão a ser preparados cursos com os parceiros da rede. No entanto, em Portugal o apoio às IES que integram essas alianças é diferente. Nos outros países são aprovados os projetos e o Estado complementa com verbas suas o dinheiro em falta para a concretização desses projetos. Aqui isso não acontece. Continuamos assim a ter condições diferentes dos nossos parceiros. ■







ALIANÇA PARA A SUSTENTABILIDADE NA AVIAÇÃO

UBI na ASA

■ A Universidade da Beira Interior (UBI) acaba de integrar a Aliança para a Sustentabilidade na Aviação (ASA). A academia covilhanense faz parte, com outras instituições de ensino superior, desta iniciativa governamental que visa impulsionar a descarbonização e a inovação tecnológica no sector da aviação em Portugal.

Em nota enviada ao Ensino Magazine, a UBI explica que a ASA é composta por organizações científicas, ONGs, indústria aeronáutica e dos combustíveis, transportadoras e institutos públicos nacionais com responsabilidade a área, entre outras.

A cerimónia de constituição da ASA decorreu a 14 de janeiro, no Museu do Ar, sendo presidida pela Ministra do Ambiente e Energia, Maria da Graça Carvalho, e pelo ministro das Infraestruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz.

Na sessão participaram o reitor da UBI, Mário Raposo, que assinou o documento, e o presidente do Departamento de Ciências Aeroespaciais, Francisco Brójo.

Com este acordo, a ASA irá "beneficiar da reconhecida qualidade de ensino e investigação da UBI no campo da aeronáutica e em áreas relacionadas com a engenharia. A Universidade da Beira Interior conta com um historial de aproximadamente 30 anos de formação de profissionais para o sector, no âmbito da Licenciatura em Engenharia Aeronáutica, além do desenvolvimento de investigação em tecnologias de ponta. Nos anos de 1980, contribuiu para o desenvolvimento do primeiro satélite português, o POSAT 1", explica a mesma nota.

A integração na Aliança reconhece ainda as crescentes preocupações com a sustentabilidade, às quais a academia está atenta.

Segundo a UBI, "a ASA, anunciada pelo Governo no final de outubro do ano passado, surge no âmbito do Roteiro Nacional para a Descarbonização da Aviação (RONDA) e assenta no princípio da cooperação entre todas as partes. Articula-se com o previsto no Roteiro de Neutralidade Carbónica (RNC2050) e no Plano Nacional Energia Clima (PNEC 2030), com o objetivo é inovar e liderar a transição para as práticas mais verdes, pelo desenvolvimento de tecnologias avançadas que reduzam as emissões de Gases de Efeito de Estufa (GEE) e promovam uma maior eficiência energética". ■

PRÉMIO SOPHIA ESTUDANTE - CINEMA

UBI com 4 nomeados

▼ A Universidade da Beira Interior (UBI) tem quatro filmes nomeados para os Prémios Sophia Estudante 2025. Ao Ensino Magazine a academia diz que estão nomeados "De Sol a Sol", de Joana Afonso, e "Mãos da Terra", de Luís Sequeira, para "Melhor Curta-Metragem Documentário"; "Natureza Morta", realizado por David Figueiredo, é um dos escolhidos para a categoria "Melhor Curta-Metragem Experimental", enquanto que "Não Sei o Que Fazer Com as Mãos", da autoria de Marta Delgado e Luís Miguel Rocha, está indicado em "Melhor Curta-Metragem Ficção".

Os filmes serão avaliados por júris distintos. Os dois primeiros têm como jurados Afonso Pimentel (ator), Henrique Pina (realizador), Luísa Marinho (realizadora), Mariana Gaivão (montadora e realizadora) e Pedro Góis (editor e misturador de som).



O terceiro será avaliado por António Aleixo (realizador), Inês Teixeira (realizadora), Isabel Quadros (figurinista) e Rui Unas (ator), e quarto por Manuel Mozos (realizador), Raquel Freire (realizadora) e Rita Cabaço (atriz).

A 11.ª edição dos Prémios Sophia Estudante tem lugar no próximo mês, entre os dias 20 e 23, no Auditório Municipal de Albufeira.

"Com a iniciativa Sophia Estu-

dante, a Academia Portuguesa de Cinema pretende incentivar e premiar futuros cineastas, proporcionar aos estabelecimentos de ensino com cursos de cinema e audiovisual a oportunidade de mostrarem os trabalhos desenvolvidos em contexto escolar e promover a partilha de conhecimentos e o diálogo entre docentes e alunos, de diferentes contextos", revela a UBI.



NA COVILHÃ

Sporting treina na UBI

As instalações desportivas da Universidade da Beira Interior (UBI) acolheram a equipa de futsal do Sporting Clube de Portugal (SCP) para a realização de um treino de preparação para o jogo com a Associação Desportiva do Fundão (ADF). A partida realizou-se a 15

de janeiro, e contou para a 12.ª jornada do campeonato nacional de futsal da 1.ª divisão, a Liga Placard em Futsal.

A equipa leonina efetuou este treino, nas estruturas desportivas da UBI localizadas em Santo António, por reunirem todas as condições necessárias para receber uma equipa de alta competição da modalidade. O Pavilhão Desportivo N.º 1 da UBI foi o local escolhido para a equipa leonina e staff técnico desenvolverem treino e tática.

A presença serviu ainda para tomar contacto com as instalações e meio en-



volvente da academia, nomeadamente as estruturas de apoio às atividades do Departamento de Ciências do Desporto e à oferta desportiva dinamizada pela UBI e os seus Serviços de Ação Social. A identificação destas estruturas e a interligação entre a academia e a comunidade é de significativo interesse. ■

Publicidade



DESPORTO

Daniel Marinho coordena Academia Europeia

▼ Daniel Marinho, Professor Catedrático do Departamento de Ciências do Desporto (DCD) da Universidade da Beira Interior (UBI), foi selecionado para coordenar a recentemente criada Academia da European Aquatics, organismo responsável pela regulação no continente europeu das diferentes disciplinas da Natação e das Atividades Aquáticas. A European Aquatics, criada em 1927 e, desde 2015, com sede em Nyon (Suíça), é constituída por 52 federações nacionais de natação na Europa.

O também coordenador científico do Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD) da UBI ficará responsável pelo desenvolvimento e organiza-



ção de todas as atividades e plano de ação desta Academia, cujo objetivo principal é o de contribuir para a formação e desenvolvimento pessoal de todos os agentes desportivos nas várias disciplinas da natação, com destaque para as ações dirigidas especificamente para treinadores, árbitros, atletas e dirigentes das principais organizações ligadas a esta prática.

UBI distinguida

▼ A Universidade da Beira Interior (UBI) acaba de ser reconhecida pelo Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) com o Selo Estudante-Atleta, pelas boas práticas que desenvolve no fomento de carreiras duplas. A atribuição do estatuto, válido até 2026, reconhece o esforço da UBI para promover as condições para a prática desportiva e para o desenvolvimento académico dos seus estudantes-atletas.

A avaliação favorável da candidatura resultou da existência de circunstâncias como a implementação de condições para os estudantes-atletas, suportadas por regulamentação própria, metodologias, infraestruturas, recursos, instrumentos e iniciativas que se destinam ao efetivo apoio estrutural aos alunos praticantes de desporto.

O Selo Estudante-Atleta é uma iniciativa promovida pelo IPDJ que tem como objetivo distinguir as Instituições de Ensino Superior (IES) ou suas Unidades Orgânicas (UO) que fomentem a articulação entre as carreiras duplas e reconhecer boas práticas junto dos/as estudantes-atletas, incentivando o apoio estrutural à carreira dupla. ■